

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

MARIANA PEREIRA VITORINO

**A COESÃO LEXICAL: UMA ANÁLISE DA REITERAÇÃO EM ARTIGOS DE
OPINIÃO SOBRE O BRASILEIRÃO 2023**

Uberlândia

2024

MARIANA PEREIRA VITORINO

**A COESÃO LEXICAL: UMA ANÁLISE DA REITERAÇÃO EM ARTIGOS DE
OPINIÃO SOBRE O BRASILEIRÃO 2023**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística e Língua Portuguesa

Orientadora: Prof^ª. Dr^a. Elisete Maria de Carvalho Mesquita

Uberlândia

2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

V845
2024

Vitorino, Mariana Pereira, 2001-
A coesão lexical: uma análise da reiteração em artigos
de opinião sobre o Brasileirão 2023 [recurso eletrônico]
/ Mariana Pereira Vitorino. - 2024.

Orientadora: Elisete Maria de Carvalho Mesquita .
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Letras:
Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Modo de acesso: Internet.

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. , Elisete Maria de Carvalho
Mesquita, 1974-, (Orient.). II. Universidade Federal de
Uberlândia. Graduação em Letras: Português e Literaturas
de Língua Portuguesa. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

MARIANA PEREIRA VITORINO

**A COESÃO LEXICAL: UMA ANÁLISE DA REITERAÇÃO EM ARTIGOS DE
OPINIÃO SOBRE O BRASILEIRÃO 2023**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Letras e Linguística da
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito parcial para obtenção do título de
licenciada em Letras Português e Literaturas
de Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística e Língua
Portuguesa

Uberlândia, 14 de novembro de 2024.

Membros componentes da banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Elisete Maria de Carvalho Mesquita – ILEEL/UFU
(Presidente/Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Walleska Bernardino Silva – ESEBA/UFU
(Membro Titular)

Prof^ª. Dr^ª. Maria Aparecida Resende Ottoni – ILEEL/UFU
(Membro Titular)

Prof^ª. Dr^ª. Letícia Lucinda Meirelles – ILEEL/UFU
(Membro Suplente)

Dedico este trabalho à minha família materna, que, em meio às perdas dolorosas, encontrou força no amor e na união. As memórias afetivas compartilhadas mantêm vivos os laços que nos conectam, tornando mais leve o peso das ausências.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me amar primeiro e me proteger como à menina dos teus olhos.

Aos meus pais, Sérgio e Madalena, pelo amor incondicional e por serem a rede de apoio mais constante e significativa que possuo.

À Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e ao Instituto de Letras e Linguística (ILEEL), pelo acolhimento e por toda assistência prestada.

À Prof^a. Dr^a. Elisete Maria de Carvalho Mesquita, quem, carinhosamente, chamo de Elis, por ter sido tantas coisas na minha formação: coordenadora, professora, orientadora e, principalmente, amiga. Obrigada por acreditar em mim e por conduzir minha pesquisa com carinho, dedicação e profissionalismo. Agradeço, também, por toda disponibilidade, compreensão e paciência. Sua reverência e alegria pelo que faz potencializam meu desejo de seguir na docência e na pesquisa. Com você, todo dia é um aprendizado. Meu sincero agradecimento.

Aos professores do ILEEL, que, cada um em sua área, contribuíram de forma primorosa para a minha formação. Em especial, à Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Resende Ottoni e à Prof^a. Dr^a. Cármen Lúcia Hernandes Agustini. À primeira, por exercer a docência brilhantemente. Sou grata pela oportunidade que tive de cursar três disciplinas com você, incluindo a de Linguística Textual, que, ministrada tão bem, me fez ter interesse em pesquisar na área. À segunda, de quem fui aluna quatro vezes, pela amizade e por demonstrar um interesse genuíno no bem-estar dos alunos. Obrigada por todos os ensinamentos acadêmicos e de vida, assim como pelas acolhidas em seu gabinete no bloco 1U.

À Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Resende Ottoni, novamente, e à Prof^a. Dr^a. Walleska Bernadino Silva, por aceitarem compor a banca examinadora deste trabalho.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) e ao Programa Residência Pedagógica (PRP), programas dos quais fiz parte e que desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento da minha formação em licenciatura. Agradeço, também, às escolas que me receberam, E. M. Prof. Domingos Pimentel de Ulhôa e E. E. Joaquim Saraiva, e a todas as coordenadoras e professoras preceptoras.

Aos amigos e às amigas que fiz durante a graduação. Sem vocês, minha caminhada não seria da mesma forma que foi. Obrigada por todos os momentos que passamos juntos dentro e fora da universidade.

Ao ensino público, por permitir e garantir minha educação básica e superior. Este trabalho é resultado de um privilégio que a educação pública me deixou viver.

Ora, a língua não pode ser reduzida a uma questão de “certo e errado”. Seus usos incluem muitos outros elementos e mobilizam muito mais conhecimentos do que aqueles puramente gramaticais. Nem pode ser circunscrita a um determinado campo da atividade humana. Todos nós sabemos que tudo passa pela linguagem; tudo tem origem na linguagem, isto é, no discurso coletivo, que vai passando de um grupo a outro, “como um rio que corre” e tudo inunda.

(Antunes, 2005, p. 187-188)

RESUMO

A coesão é um fenômeno que, por meio do uso de diferentes elementos linguísticos, possibilita a conexão de diferentes ideias e, portanto, de diferentes partes dos textos orais e escritos. Essa importante propriedade do texto é estabelecida mediante a mobilização de recursos tanto lexicais quanto gramaticais da língua. Levando em conta essas informações, neste trabalho, à luz da Linguística Textual, representada por Halliday e Hasan (1976), Antunes (2005) e Gonçalves (2000), dentre outros autores, verificamos como a coesão lexical, com ênfase na reiteração, é construída em textos opinativos esportivos, mais especificamente em artigos de opinião sobre o Brasileirão 2023. Nesse percurso teórico-metodológico, verificamos, também, como os tipos de reiteração presentes nos textos são utilizados como estratégia textual pelos articulistas e como esses tipos, além de garantir a rede coesiva, enriquecem a argumentação. O *corpus* desta pesquisa é composto por 34 artigos de opinião retirados de dois grandes jornais brasileiros: *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. As análises mostraram forte presença da coesão lexical por reiteração nos artigos de opinião selecionados, em especial as reiterações por repetição e por sinonímia, e revelaram como recursos de ordem lexical podem ser usados como estratégia para manter a coesão e reforçar os principais pontos de vista dos articulistas. Esses resultados nos permitem concluir que a coesão lexical por reiteração se destaca como fator estratégico na elaboração de textos de opinião.

Palavras-chave: coesão lexical; reiteração; artigos de opinião; Brasileirão.

ABSTRACT

Cohesion is a phenomenon which, through the use of different linguistic elements, makes it possible to connect different ideas and, therefore, different parts of oral and written texts. This important property of the text is established by using both lexical and grammatical language resources. Taking this information into account, in this work, in the light of Textual Linguistics, represented by Halliday and Hasan (1976), Antunes (2005) and Gonçalves (2000), among other authors, we verified how lexical cohesion, with an emphasis on reiteration, is constructed in sports opinion texts, more specifically in opinion articles about the Brasileirão 2023. Along this theoretical-methodological path, we also verified how the types of reiteration present in the texts are used as a textual strategy by the writers and how these types, in addition to guaranteeing the cohesive network, enrich the argument. The *corpus* of this research consists of 34 opinion articles taken from two major Brazilian newspapers: *Folha de S. Paulo* and *O Globo*. The analysis showed a strong presence of lexical cohesion by reiteration in the selected opinion articles, especially reiteration by repetition and synonymy, and revealed how lexical resources can be used as a strategy to maintain cohesion and reinforce the main points of view of the writers. These results allow us to conclude that lexical cohesion by reiteration stands out as a strategic factor in the elaboration of opinion texts.

Keywords: lexical cohesion; reiteration; opinion articles; Brasileirão.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Ocorrências de reiteração nos jornais <i>Folha de S. Paulo</i> e <i>O Globo</i>	47
Tabela 02: Ocorrências de reiteração no jornal <i>Folha de S. Paulo</i>	48
Tabela 03: Ocorrências de reiteração no jornal <i>O Globo</i>	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Exemplo (8): coesão lexical por reiteração	22
Quadro 02: Exemplo (9): coesão lexical por colocação	23
Quadro 03: Estrutura do artigo de opinião.....	37
Quadro 04: Artigos de opinião do jornal <i>Folha de S. Paulo</i>	43
Quadro 05: Artigos de opinião do jornal <i>O Globo</i>	45
Quadro 06: Texto 02 – Anexo A.....	49
Quadro 07: Texto 01 – Anexo B.....	50
Quadro 08: Texto 15 – Anexo A.....	51
Quadro 09: Texto 08 – Anexo A.....	51
Quadro 10: Texto 21 – Anexo A.....	52
Quadro 11: Texto 09 – Anexo A.....	52
Quadro 12: Texto 28 – Anexo A.....	53
Quadro 13: Texto 03 – Anexo B.....	53
Quadro 14: Texto 10 – Anexo A.....	54
Quadro 15: Texto 17 – Anexo A.....	54
Quadro 16: Texto 03 – Anexo B.....	54
Quadro 17: Texto 01 – Anexo A.....	55
Quadro 18: Texto 11 – Anexo A.....	56
Quadro 19: Texto 04 – Anexo B.....	56
Quadro 20: Texto 06 – Anexo A.....	57
Quadro 21: Texto 28 – Anexo A.....	57
Quadro 22: Texto 03 – Anexo A.....	58
Quadro 23: Texto 02 – Anexo B.....	58
Quadro 24: Texto 05 – Anexo B.....	59
Quadro 25: Texto 18 – Anexo A.....	59
Quadro 26: Texto 27 – Anexo A.....	59
Quadro 27: Texto 25 – Anexo A.....	60
Quadro 28: Texto 13 – Anexo A.....	60
Quadro 29: Texto 27 – Anexo A.....	60
Quadro 30: Texto 02 – Anexo A.....	61
Quadro 31: Texto 01 – Anexo B.....	61
Quadro 32: Texto 21 – Anexo A.....	61
Quadro 33: Texto 11 – Anexo A.....	61
Quadro 34: Texto 05 – Anexo A.....	62
Quadro 35: Texto 24 – Anexo A.....	62
Quadro 36: Texto 29 – Anexo A.....	62
Quadro 37: Texto 23 – Anexo A.....	63
Quadro 38: Texto 03 – Anexo B.....	63
Quadro 39: Texto 04 – Anexo B.....	64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	12
2.1 A Linguística Textual	12
2.2 O Texto	14
2.3 A Coesão Textual	17
2.4 A Coesão Lexical	20
2.5 A Noção de Campo/Esfera	25
2.6 Os Gêneros do Discurso	27
2.7 Os Gêneros Opinativos da Esfera Jornalística	31
2.8 O Gênero Artigo de Opinião	33
3 METODOLOGIA	38
4 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	66
ANEXOS	69
ANEXO A	69
ANEXO B	98

1 INTRODUÇÃO

A linguagem pode ser caracterizada por vários aspectos que possibilitam a comunicação/interação entre os seres humanos, permitindo que eles criem, desenvolvam e organizem pensamentos e ideias, que se transformam em ações capazes de mudar o mundo. Complexa e multifacetada, a linguagem é, então, o meio pelo qual o indivíduo expressa suas emoções, constrói suas relações sociais, estabelece sua identidade cultural e se faz, enfim, “humano”.

Os signos, princípio básico de qualquer tipo de linguagem, permitem nomear seres e todas as coisas do mundo que sabemos, vemos, sentimos, pensamos e fazemos. Eles formam, portanto, um conjunto de unidades de uma determinada língua e contribuem para que as finalidades sociocomunicativas de uma comunidade linguística sejam atingidas. Esse conjunto, denominado como léxico, pode ser compreendido como o acervo de unidades linguísticas de uma língua, que engloba as infinitas palavras que usamos em nosso cotidiano e que representam as diversas áreas do saber. Por meio dele, exteriorizamos, de maneira consciente e inconsciente, nossos pensamentos, nossas ideias e emoções, por exemplo, em textos orais e escritos, que se materializam em diferentes gêneros do discurso.

Conscientes disso, acreditamos que as palavras operam como alicerces seguros para o desenvolvimento dos textos, o que pode garantir a relação de sentidos do todo textual. Nesse sentido, há que se destacar a importância da coesão textual, de modo geral, e, mais especificamente, da coesão lexical, como expedientes que não apenas auxiliam na harmonia contínua dos textos, mas, principalmente, garantem seu funcionamento.

Pensar na coesão lexical foi o que nos motivou a realizar este trabalho, pois a entendemos como um mecanismo essencial para a produção de textos claros, articulados e significativos. Ela não apenas garante a ligação entre palavras e expressões dentro de um texto, mas também contribui para que o usuário da língua atinja seus propósitos comunicativos/interativos de forma segura e eficaz. Dividida entre a reiteração e a colocação, a coesão lexical oferece diferentes maneiras de fazer com que um texto seja coeso.

Levando em conta o relevante papel desempenhado pela coesão em nossos textos escritos, neste estudo, analisamos a coesão lexical por reiteração em textos opinativos de dois jornais de circulação nacional. Para isso, optamos por trabalhar com o gênero artigo de opinião, cujas características textuais-discursivas proporcionam uma liberdade estilística maior aos seus produtores, o que, em tese, pode contribuir para que eles mobilizem o uso da

coesão lexical, visto que apresentar uma opinião também movimenta a escolha de palavras para o texto.

Os artigos de opinião analisados, e que constituem nosso *corpus*, correspondem ao Campeonato Brasileiro de Futebol, popularmente chamado de Brasileirão, na modalidade masculina, do ano 2023. A escolha desse tema central se deve ao nosso interesse e gosto por conteúdos esportivos, principalmente pelo futebol, que, como sabemos, ocupa um lugar de destaque no Brasil e impulsiona intensas discussões em vários veículos de comunicação.

O Brasileirão, então, como uma das competições mais tradicionais e “vigiadas” do país, gera um amplo campo para a análise de textos opinativos, uma vez que os jogos, o desempenho dos jogadores, a gestão dos clubes, além das polêmicas decisões arbitrárias, permitem debates dentro e fora das mídias sociais; daí os artigos de opinião e o Brasileirão 2023 como objetos de estudo deste trabalho.

Os objetivos da nossa pesquisa, portanto, são analisar a coesão lexical por reiteração em artigos de opinião sobre o Brasileirão 2023 e observar, a partir dos itens léxicos ligados ao meio futebolístico, como os tipos de reiteração (repetição, sinonímia/palavra equivalente, hiperonímia, hiponímia e palavras de sentido geral), presentes nos textos, são utilizados como forma de construir a rede coesiva e enriquecer a argumentação.

Considerando os objetivos propostos, organizamos nosso trabalho em três partes principais: pressupostos teóricos, metodologia e análise do *corpus*.

A primeira, referente aos pressupostos teóricos, situa nosso recorte investigativo, o que nos levou a uma breve apresentação da trajetória da Linguística Textual e sua relação com o texto e os mecanismos linguísticos dele decorrentes, como a coesão textual e a coesão lexical, mais especificamente. Em seguida, levando em conta a inter-relação textos/gêneros do discurso, fazemos algumas considerações a respeito de questões que envolvem a noção de campo/esfera, dos próprios gêneros do discurso, dos gêneros opinativos e do artigo de opinião.

A segunda parte apresenta o percurso metodológico pelo qual passamos para alcançar os objetivos desta pesquisa, como a decisão em trabalhar com textos esportivos que tratam sobre o Brasileirão 2023, a escolha do gênero, a escolha dos jornais e a seleção/coleta do *corpus*, constituído por 34 artigos de opinião extraídos dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*.

Por fim, na terceira parte, a análise do *corpus*, analisamos, detalhadamente, a coesão lexical por reiteração nos textos selecionados/coletados, observando os tipos de reiteração utilizados, e apresentamos o resultado da nossa investigação.

Com este trabalho, buscamos evidenciar como a coesão lexical fortalece os textos, garantindo uma progressão clara das ideias e opiniões apresentadas. Buscamos, também, destacar como é importante um bom domínio lexical para criar estratégias adequadas de reiteração. Esperamos, assim, viabilizar uma compreensão sobre a coesão lexical, com ênfase na reiteração, e contribuir com as discussões acerca desse mecanismo linguístico.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 A Linguística Textual

Desenvolvida a partir da década de 1960 na Europa, sobretudo na Alemanha, a Linguística Textual (LT) tem como objeto de estudo o texto. O principal motivo que contribuiu para o surgimento dessa área do conhecimento foi a necessidade de se oferecer subsídios teóricos, principalmente, àqueles cuja vontade era estudar fenômenos linguísticos que extrapolavam os limites da frase. A LT, então, desde o seu “nascimento”, vem se debruçando sobre os mais variados aspectos do texto, afinal a interação verbal acontece por meio de textos e não de palavras ou frases soltas. É como afirmam Fávero e Koch (2012, p. 15): os textos são “a forma específica de manifestação da linguagem”.

Ainda na década de 1960, muitos foram os estudiosos que começaram a se destacar nessa área, o que resultou na disponibilização de uma significativa bibliografia. Dentre os muitos e renomados autores que vêm se dedicando ao estudo de diferentes aspectos do texto, Fávero e Koch citam Weinrich (1964), Isenberg (1968b), Ducrot (1970), Lang (1971), Dressler (1972), Van Dijk (1972), Halliday e Hasan (1973), Petöfi (1978), entre outros. Esses autores representam diferentes épocas da história da LT, sendo que todas elas indicavam o texto como um elemento importante da língua e dos estudos linguísticos.

No Brasil, a LT começou a ganhar destaque no final da década de 1970 com traduções de obras sobre essa área. No entanto, foi na década de 1980 que o estudo linguístico do texto ganhou mais força. Segundo Koch (1999), tem-se como pioneiro o Prof. Dr. Ignácio Antônio Neis, com o artigo *Por uma gramática textual* (1981), publicado na revista *Letras de Hoje* da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Inspirado em textos de autores franceses, o artigo de Neis discute, para ir além da frase, sobre a busca de uma gramática do texto, os fundamentos da Linguística do Texto e sobre os elementos fundamentais de uma gramática textual. Para o autor (1981, p. 38),

um dos aspectos da gramática textual que talvez mais mereçam ser destacados é o fato de que sua aplicação [...] exige um incremento de atividades que propiciem nos sujeitos o desenvolvimento da capacidade de reflexão, de raciocínio, de

discernimento, análise e espírito crítico, em suma, o exercício do pensamento lógico, que parece básico em qualquer processo de ensino/aprendizagem.

O artigo foi seguido pela obra *Linguística textual: introdução*, de Leonor Fávero e Ingedore Koch, com a primeira publicação ocorrida em 1983. Nela, as autoras, em três capítulos, apresentam ao leitor brasileiro uma visão geral, de fato introdutória, da LT. O trabalho de Fávero e Koch permite que os leitores não apenas adquiram conhecimento e entendimento sobre o estudo da LT, mas possibilita, também, o estudo dos autores e das obras comentados por elas.

Ainda em 1983, o livro *Linguística de texto: o que é e como se faz*, de Luiz Antônio Marcuschi, é publicado. Também como obra introdutória, o autor, ao interagir com a vasta bibliografia disponível na área, nos leva à reflexão sobre o processo do ensinar e aprender a língua. Marcuschi julga interessante analisar o que é e como se faz a LT porque

ela é uma das linhas de pesquisa mais promissoras da linguística atual. Os resultados existentes, mesmo não sendo definitivos, são muitos animadores, especialmente pelas perspectivas de revitalização teórica que oferecem à linguística e pelas soluções que poderão propiciar ao estudo da comunicação humana e ensino de línguas. (Marcuschi, 2012, p. 16)

A partir dessa época, os estudos brasileiros que podem ser identificados como predominantemente “textuais” foram se intensificando e ganhando espaço em diferentes publicações, seminários e congressos nacionais e internacionais.

Na obra de Fávero e Koch acima mencionada, as autoras reforçam, amparadas em Conte (1977), três momentos importantes que aconteceram na passagem da teoria da frase à teoria do texto. Inicialmente, os pesquisadores desenvolveram o que chamamos de “análise transfrástica”, quando os estudos passaram a não ficar restritos às frases e sim desenvolvidos nos “tipos de relação que se podem estabelecer entre os diversos enunciados que compõem uma sequência significativa” (Fávero; Koch, 2012, p. 18).

O segundo momento é o da construção das “gramáticas textuais”, responsáveis pela reflexão dos fenômenos linguísticos que uma gramática de frase não estava conseguindo explicar, ou seja, identificar os princípios de constituição do texto e as condições em que se manifesta a textualidade. Para Fávero e Koch, o texto é mais que uma sequência de enunciados e, portanto, “a sua compreensão e a sua produção derivam de uma competência específica do falante – a competência textual – que se distingue da competência frasal ou linguística em sentido estrito” (2012, p. 19). Isto é, um usuário da língua possui habilidades, como parafrasear e resumir um texto, por exemplo, e são essas habilidades que justificam a construção de uma gramática textual, tendo como tarefas básicas a) verificar o que faz com

que um texto seja um texto, b) levantar critérios para a delimitação de textos, e c) diferenciar as várias espécies de textos (Fávero; Koch, 2012, p. 19).

A construção das “teorias de texto” é o terceiro momento da LT, dispondo relevância para o tratamento dos textos na sua condição pragmática, isto é, “o âmbito de investigação se estende do texto ao contexto, entendido, em geral, como conjunto de condições – externas ao texto – da produção, da recepção e da interpretação do texto” (Fávero; Koch, 2012, p. 20). Contribuíram, para o surgimento das teorias do texto, a teoria dos atos de fala, a lógica das ações e a teoria lógico-matemática dos modelos.

Vale destacar, ainda, outros momentos do desenvolvimento da LT ressaltados por Koch (2009): o da virada pragmática, o da virada cognitivista e o da perspectiva sociocognitivo-interacionista, visto que os linguistas do texto sentiram a necessidade de ir além da abordagem sintático-semântica.

Devido ao grande número de estudiosos que se dedicam à LT, diferentes concepções de textos movimentaram, ao longo do tempo, o percurso dessa corrente teórica. Além disso, o estudo dos gêneros, depois de já não serem mais vinculados somente à literatura, passaram a fazer parte dos interesses de várias perspectivas teóricas, dentre as quais inclui-se a linguística, pois, como afirma Marcuschi (2008, p. 149), “o trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas”.

Em razão disso, hoje, é possível encontrarmos estudos textuais que apresentam várias orientações teóricas e conseguem dialogar com diferentes áreas do conhecimento, afinal a LT é mais que um componente do estudo científico da linguagem. Ela dispõe um amplo leque de perspectivas atreladas ao texto e à língua, contribuindo para as práticas culturais das comunidades linguísticas.

2.2 O Texto

Se temos o propósito de apresentar uma definição de texto, é importante lembrarmos que é uma tarefa complexa e que todos os conceitos desse termo são resultados das muitas reflexões apresentadas pelos estudiosos ao longo de diferentes épocas da história, principalmente da LT. Em relação aos momentos da “análise transfrástica” e da construção das “gramáticas textuais”, por exemplo, Koch (2007, p. 25) afirma que os conceitos de texto se restringiam à “unidade linguística (do sistema) superior à frase” e ao “complexo de proposições semânticas”, ou seja, o texto era configurado como uma estrutura acabada e pronta.

Entretanto, a autora destaca que também é preciso considerar as condições de produção e recepção dos textos, isto é, a concepção de texto deve compreendê-lo no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção (Koch, 2007). Por isso, para a fase da construção das “teorias de textos”, que reflete a produção e recepção dos textos, a concepção de texto deve levar em consideração, ainda nas palavras de Koch (2007, p. 26), que:

- a) a produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividades;
- b) trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos; isto é, trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal;
- c) é uma atividade interacional, visto que os interactantes, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção textual.

Como ressaltado por Koch (2007), mais de uma definição de texto sempre estará à nossa disposição. Para Marcuschi, “o texto forma uma rede em várias dimensões e se dá como um complexo processo de mapeamento cognitivo de fatores a serem considerados na sua produção e recepção” (2012, p. 30).

Conscientes dessa realidade, e por acreditarmos que o texto é algo splendidamente diverso, destacaremos duas concepções de texto, uma mobilizada por Koch (2007) e outra por Marcuschi (2012), respectivamente:

Poder-se-ia, assim, conceituar o texto como uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos falantes durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais. (Koch, 2007, p. 27)

Proponho que se veja a Linguística do Texto, mesmo que provisória e genericamente, como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais. Seu tema abrange a coesão superficial ao nível dos constituintes linguísticos, a coerência conceitual ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações a nível pragmático da produção do sentido no plano das ações e intenções. Em suma, a Linguística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado, deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente linguístico, abordado no aspecto da coesão e, por outro lado, deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não linear: portanto, dos níveis do sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas. (Marcuschi, 2012, p. 33)

Devido ao fato de a LT se interessar pelos múltiplos aspectos do texto, como foi dito anteriormente, é compreensível que ela, nas últimas décadas principalmente, tenha voltado suas atenções para o estudo dos gêneros.

Segundo Koch (1997, p. 74-75), as tipologias textuais, que foram objeto de grande preocupação na elaboração das gramáticas de texto, e que, conforme a LT foi se desenvolvendo, pareciam ter sido esquecidas, recomeçaram a ganhar destaque sob a ótica dos gêneros. A LT, então, deu ao estudo dos gêneros um lugar de destaque em suas pesquisas sobre o texto, o que se revelou um terreno bastante promissor.

Os gêneros, portanto, passaram a ser discutidos na LT, e os estudos, complementados pelas reflexões de Mikhail Bakhtin, principalmente, revelaram-se relevante aporte teórico para o tratamento dessas entidades.

Gomes-Santos (2003, p. 316) explica que autores, entre tantos, como Marcuschi, Kaufman e Rodriguez, Koch,

são convocados principalmente em trabalhos que propõem analisar aspectos da organização textual-discursiva de determinados textos/gêneros – repetição lexical, progressão temática, referência textual, topicalização etc. – bem como aspectos particulares de atividades discursivas em suas modalidades falada e escrita. A relevância de questões ligadas ao texto no debate sobre gênero pode ser indiciada ainda pela consideração das percepções de autores que, de algum modo, tematizaram o conceito de gênero.

Esse autor também afirma que a LT busca refletir sobre o confronto entre o conceito de **gênero do discurso** e de **gênero textual**, pois o termo “gênero” ainda apresenta predicados de modos diversos: **gênero discursivo**, **gênero do texto**, **gênero comunicativo**, **gênero social**. De acordo com esse raciocínio, Gomes-Santos (2003, p. 316) esclarece que, para Maingueneau (2002), o fato de o conceito de gênero localizar-se “na articulação entre a ordem do texto e a ordem do discurso”, o gênero permite que se coloquem em questão as tentativas de dicotomização dessas duas dimensões constitutivas da atividade de linguagem – o texto e o discurso”.

A LT, então, ao entrar no debate sobre gênero, estabelece um diálogo com a Análise do Discurso e com a Pragmática, por exemplo, que, juntas, fornecem mais aportes teóricos para o tratamento do discurso.

Entendemos que o objetivo desses estudos é buscar compreender o funcionamento da linguagem. Nesse sentido, podemos dizer, conforme Marcuschi (2008, p. 149), que “a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder às questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral”.

Em concordância com esse autor, afirmamos ser impossível que a comunicação verbal aconteça sem que seja por meio de algum gênero, da mesma forma que é impossível que a comunicação verbal aconteça sem que seja por meio de algum texto. A explicação para isso é que “toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual”¹ (Marcuschi, 2008, p. 154).

O texto é, portanto, um elemento crucial para a LT e a relação com os gêneros não poderia deixar de ser investigada, afinal é nessas entidades que os textos se materializam. Assim, ao falar de texto, compreende-se que há processos específicos para que sua produção, recepção e interpretação sejam admitidas em diferentes situações de uso, e são os gêneros que contribuem para a realização dessas ações.

2.3 A Coesão Textual

Como já mencionado, a LT estuda o texto e o seu funcionamento. Dentre os fenômenos textuais trabalhados, há a coesão textual que, conforme Koch (2007, p. 45), pode ser conceituado como “o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentidos”. Logo, a coesão contribui significativamente para a construção da textualidade.

Outras definições se somam a essa de Koch. Para Beaugrande e Dressler (1981 *apud* Koch, 2014, p. 16), a coesão “concerne ao modo como os componentes da superfície textual – isto é, as palavras e frases que compõem um texto – encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical”.

Marcuschi (2012, p. 50) define a coesão como parte dos fatores que regem a conexão sequencial. Esses fatores

dão conta da estruturação da sequência superficial do texto; não simplesmente princípios sintáticos e sim uma espécie de semântica da sintaxe textual, onde se analisa como as pessoas usam os padrões formais para transmitir conhecimentos e sentidos.

Antunes (2009, p. 66) afirma que a coesão “comparece à superfície do texto no modo e na medida em que outros princípios da organização global do texto a requisitam e as condições pragmáticas da interação exigem”, sendo, então, a coesão dependente desses princípios e condições.

¹ Neste estudo, adotamos a expressão “gênero do discurso”. “Gênero textual” é usado em consonância com a teoria adotada pelo(s) autor(es) citado(s).

Koch (2007) considera, em seus trabalhos, duas grandes modalidades de coesão: a coesão referencial e a coesão sequencial. O primeiro tipo, ou seja, a coesão referencial ou referenciação, tem como função a “(re)ativação de referentes” (2007, p. 46). Isso significa que um elemento da superfície do texto faz remissão a outro elemento nele presente.

Há duas formas que essa reativação de referentes no texto pode acontecer: a anafórica e a catafórica, que são efetuadas por meio de recursos de ordem gramatical, como pronomes (possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos, relativos), verbos, diversos tipos de numerais, advérbios e artigos definidos, e de natureza lexical, como substantivos e adjetivos por meio de repetições, sinônimos, hiperônimos, hipônimos, nomes genéricos e elipse.

Na forma anafórica, um termo faz referência àquele que já foi mencionado no texto, como ocorre no exemplo criado abaixo:

- (1) **Rogério Ceni**_i vai para o alto do pódio. **Ele**_i ergue o troféu de campeão da Libertadores.

O pronome *ele* retoma e é um anafórico de *Rogério Ceni*. Assim, temos aqui um caso de referência anafórica. Vejamos alguns exemplos destacados por Koch (2007, p. 47) ao abordar a remissão por anáfora:

- [...]
 (2) Márcia olhou em torno de si. *Seus* pais e *seus* irmãos observavam-na com carinho.
 [...]
 (4) O concurso selecionará os melhores candidatos. *O primeiro* deverá desempenhar o papel principal da nova peça.
 (5) O juiz olhou para o auditório. *Ali* estavam os parentes e amigos do réu, aguardando ansiosos o veredito final.
 (6) Um policial que segurava uma arma aproximou-se do desconhecido. O estranho, ao ver *o policial*, lançou-se a *seus* pés.

Já na forma catafórica, a remissão é para a frente (Koch, 2007). Isso significa que o termo referencial condiz com o que está posicionado posteriormente. A catáfora, preferencialmente, realiza-se por meio de pronomes demonstrativos ou indefinidos neutros, ou até mesmo de nomes genéricos, mas também pode atuar junto aos demais pronomes, numerais e advérbios. Para ilustrar a remissão por catáfora, mais alguns exemplos foram criados:

- (2) Rogério Ceni fez **isto**_i: [subiu no pódio e ergueu o troféu com orgulho]_i.
 (3) O São Paulo Futebol Clube conquistou **tudo**_i: [Paulista, Brasileirão, Copa do Brasil, Supercopa do Brasil, Libertadores, Sul-americana, Recopa, Mundial]_i.
 (4) A torcedora esperava **uma coisa**_i apenas: [ver o seu time campeão]_i.

(5) **Ele**_i era tão bom, [o jogador vendido pelo time]_i!

(6) O goleiro fez uma grande defesa **ali**_i: [no cantinho superior do gol]_i.

A coesão sequencial ou sequenciação, segundo tipo de coesão estudado por Koch (2007), por sua vez, faz o texto avançar por meio de sequências de encadeamentos de segmentos textuais que contribuem para o desenvolvimento do texto. De acordo com a autora, a coesão sequencial pode ocorrer de forma direta, isto é, sem retornos ou recorrências.

Para Marcuschi (2007), a coesão sequencial é marcada pelos estudos dos conectivos. Os conectores, então, desempenham papel crucial para o(s) sentido(s) do texto, na medida que são responsáveis por estabelecer relações entre os segmentos do texto, indicando conclusões, comparações, argumentos, exemplificações, entre outros.

A sequenciação com recorrência (Koch, 2007) efetua-se a partir de termos ou expressões, de estruturas (paralelismo), de conteúdos semânticos (paráfrase), de elementos fonológicos ou prosódicos (similicadência, rima, aliteração, assonância) e de tempos verbais. Sem recorrência, a sequenciação decorre dos procedimentos de manutenção temática (tema-rema), encadeamento e progressão e continuidade tópica.

Outra definição que merece destaque é a de Halliday e Hasan, para os quais a noção de coesão é semântica. Desse modo, refere-se às relações de significado que existem dentro de um texto e que o definem como texto. A coesão ocorre no momento em que a interpretação de algum elemento no discurso dependa da de outro. O primeiro pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser prontamente decodificado, exceto por recurso a ele. Quando isso acontece, uma relação de coesão é estabelecida, e os dois elementos, o pressuponente e o pressuposto², são potencialmente integrados em um texto.

Ainda conforme Halliday e Hasan, a coesão é acionada pelos recursos de referenciação, substituição, elipse, conjunção e léxico, permitindo que as relações coesivas sejam expressas por meio da gramática e do vocabulário (léxico). Sendo assim, há uma coesão gramatical e uma coesão lexical – tratada com detalhes mais adiante.

Observemos um exemplo criado por nós:

(7) Prepare e organize **o São Paulo**. Divida **a equipe** em dois grupos para treino tático.

Podemos perceber que a coesão gramatical é feita com os artigos definidos *o* e *a* exercendo função anafórica de *São Paulo* e *equipe*, e a coesão lexical é expressa por *equipe*

² A tradução dos termos *presupposing* e *presupposed* citados na obra de Halliday e Hasan (1976) seguiu a tradução feita por Koch (2009).

como hiperônimo de *São Paulo*. Uma vez que o sistema semântico é desempenhado por meio de um processo léxico-gramatical, é notório que não ocorre de modo diferente com a coesão. Logo, algumas de suas formas são organizadas recorrendo à gramática e outras ao léxico.

Diante disso, temos a coesão textual como estratégia para unir os elementos de um texto, tornando-o harmonioso e claro. Um sujeito que produz textos coesos é aquele que, portanto, possui habilidades de conectar ideias, enunciados e parágrafos de forma lógica e fluida, capaz de criar uma estrutura coesa e coerente.

Quando bem aplicada, a coesão textual guia o leitor no decurso do texto e garante que ele acompanhe o raciocínio do autor de maneira suave e natural. É como se cada parte do texto se encaixasse perfeitamente, criando uma experiência de leitura agradável e compreensível – no que tange ao encadeamento de ideias, pois nem sempre um texto bem coeso propiciará agradabilidade e compreensão, haja vista a condição de outros aspectos somados.

2.4 A Coesão Lexical

A coesão gramatical e a coesão lexical são alguns dos mecanismos de coesão apontados por Halliday e Hasan (1976), como reportado anteriormente. Para eles, enquanto a coesão gramatical é composta por recursos como a) referência, b) substituição, c) elipse, e d) conjunções, a coesão lexical é constituída pelo léxico. Conscientes do modelo apresentado pelos autores, destacaremos o conceito de coesão lexical proposto por eles:

A coesão lexical consiste na seleção do mesmo item léxico duas vezes, ou na seleção de dois itens que sejam relacionados entre si. Nos dois casos, pode ou não haver uma identidade de referente, porém, a interpretação do segundo item será sempre relacionada, de alguma forma, à do primeiro. (Halliday; Hasan, 1976)

Entendemos, então, que a coesão lexical é um recurso da coesão textual que, por meio das relações semânticas advindas dos itens léxicos, garante a continuidade e a conexão entre as partes de um texto, fazendo com que ele seja compreendido como uma unidade coerente. Segundo Gonçalves (2000, p. 61), “a coesão lexical é o efeito coesivo que é ativado pela seleção de um item vocabular para se referir a algum elemento do texto com o qual tenha alguma relação de sentido”.

O modelo de Halliday e Hasan (1976) subdivide a coesão lexical em reiteração e colocação. A reiteração refere-se a um item lexical reativado dentro de um texto por intermédio de elementos lexicais. Uma palavra, portanto, pode ser reiterada por repetição, sinônimo ou palavra equivalente, hiperônimo/hipônimo e palavras de sentido geral (em

português, por exemplo, a palavra “coisa”, que é usada para substituir muitos elementos do texto oral e escrito).

Nessa perspectiva, o modelo de Halliday e Hasan (1976) compreende a reiteração por repetição quando algum item léxico é repetido para manter as referências dentro do texto. Geralmente, é o tipo de coesão lexical que ocorre com mais frequência, principalmente em textos orais.

Para Antunes (2005, p. 70-71), a repetição corresponde à ação de voltar ao que foi dito antes pelo recurso de fazer reaparecer um item que já ocorreu previamente. A repetição de palavras, então, é um “recurso textual significativo. Sua ocorrência em textos é incontestável, isto é, os textos maiores, orais ou escritos, formais ou informais, normalmente, trazem palavras repetidas, sem que isso lhes afete a qualidade”.

A reiteração por sinônimo, por sua vez, para Halliday e Hasan (1976), reflete a retomada de um elemento no texto por meio do emprego da sinonímia ou expressão em que o sentido se aproxime. Antunes (2005) afirma que podemos substituir uma palavra por um de seus sinônimos, ou seja, por uma outra palavra que possui o mesmo sentido ou, pelo menos, um sentido aproximado, sempre na dependência das condições de cada texto.

Já a reiteração por hiperônimos e hipônimos é um expediente da coesão lexical em que se utiliza a relação entre termos gerais (hiperônimos) e termos específicos (hipônimos) para criar uma relação de sentido e reforçar a ideia no texto. Halliday e Hasan (1976) consideram que essa relação ocorre entre um elemento léxico superordenado, os hiperônimos, e um elementos léxico subordinado, os hipônimos.

Para Antunes (2005), ao substituir uma palavra por um hiperônimo correspondente a ela, fazemos uso de uma palavra de sentido geral, que designa uma classe de seres, por isso é chamada de “palavra superordenada” ou “indicador de classe”.

As palavras de sentido geral, no modelo de Halliday e Hasan (1976), são uma forma de reiteração semelhante aos hiperônimos (termos gerais), mas com uma generalização maior, ou seja, são palavras genéricas (como “coisa”, exemplo já citado) usadas para reiterar um elemento ou até mesmo um enunciado inteiro.

Considerando o modelo de Halliday e Hasan (1976), apresentamos alguns exemplos para ilustrar esses casos:

Quadro 01: Exemplo (8): coesão lexical por reiteração

a. <u>Repetição</u>: O Fluminense, de Fernando Diniz, é exceção. Nenhum outro técnico escalaria um lateral (Marcelo) para avançar pelo lado, pelo centro, e ter na cobertura um veterano, lento, Felipe Melo. Deu certo. O Fluminense não teve por esse setor problemas defensivos. (Texto 24 – Anexo A)
b. <u>Sinônimo/palavra equivalente</u>: Quem é corintiano morreu de medo de o pênalti ser marcado e batido por Luan para fazer o 5 a 4, o que, cá entre nós, além de tirar a arbitragem da epopeia, tornaria o clássico definitivamente épico. Para Renato Portaluppi, justificadamente indignado, até Stevie Wonder teria marcado a penalidade [...]. (Texto 10 – Anexo A)
c. <u>Hiperônimo</u>: No primeiro tempo, ainda que não tenha sido a melhor versão do Botafogo, andou próximo a ela. Na segunda etapa, em especial após sofrer o gol, o time perdeu a lucidez: abusou das bolas na área e chegou aos 45 cruzamentos. (Texto 3 – Anexo B)
d. <u>Hipônimo</u>: Antes do campeonato, qualquer um dos 20 clubes do Brasileiro adoraria chegar à reta final com três pontos de frente e um jogo a menos do que o rival mais próximo. A situação do Botafogo é privilegiada. (Texto 3 – Anexo B)
e. <u>Palavras de sentido geral</u>: A Argentina impediu a entrada de vários produtos brasileiros. O fato repercutiu negativamente no Mercosul. (Gonçalves, 2000, p. 91)

Fonte: a autora.

É importante salientar que devemos ter atenção com algumas dessas formas de reiteração, pois nem sempre a coesão é clara e objetiva, o que comprova a importância de se considerar o contexto no qual cada elemento é usado. Por exemplo, a respeito da reiteração por repetição de nomes próprios, como saber que o item repetido condiz com sua primeira aparição? De acordo com Halliday e Hasan (1976), não é possível ter certeza, pois pode não haver clareza que a identidade dos itens seja a mesma.

Além disso, a noção de sinonímia é ampla, podendo a reiteração por sinônimo ser, portanto, mais que palavras que tenham o mesmo sentido, afinal “não existe sinonímia perfeita ou absoluta e que, apenas na oportunidade concreta do texto, é que se pode decidir pela adequação de uma substituição sinonímica” (Antunes, 2005, p. 99-100).

Por esses motivos, podemos compreender que, nos mais diversos textos,

nenhum item lexical é, por si, coesivo, mas a sua relação com outro elemento do texto é que lhe dá força coesiva, ou seja, um item qualquer se torna coesivo a partir do momento em que pressupõe outro item no texto” (Gonçalves, 2000, p. 64).

Por fim, a coesão lexical por colocação é marcada pelos elos coesivos entre quaisquer itens lexicais correspondentes. Isso significa que duas palavras podem instituir uma força coesiva, mesmo que uma delas não tenha sido usada para retomar a outra, daí a diferença entre a reiteração e a colocação. Por isso, para Halliday e Hasan (1976), a colocação é uma parte problemática da coesão lexical, uma vez que os outros casos de coesão lexical

concentram-se em elementos lexicais empregados para reiterar outros que já foram citados em um texto.

Gonçalves (2000, p. 98) explica que “tal conceito admite que existe força coesiva entre quaisquer pares de itens lexicais que se sustentem em alguma relação de sentido”. Antunes (2005) chama esse recurso de associação semântica, pois atinge as relações semânticas (as relações de significado) que se criam entre as unidades do léxico, sendo que

essa associação das palavras, desde os significados que expressam, funciona, claramente, como um recurso coesivo do texto, uma vez que cria ligações ou laços entre seus diferentes segmentos, além de emprestar ao texto interesse, relevância e, por vezes, graça. (Antunes, 2005, p. 132)

O fragmento a seguir, retirado do jornal *O Globo*, exemplifica a coesão lexical por colocação.

Quadro 02: Exemplo (9): coesão lexical por colocação

Faltam nove jogos. Ou dez. Faltam 15 pontos. Ou 16. Ou 13. Ou quem sabe 14. Para cada torcedor, a reta final do Brasileirão 2023 traz uma **calculadora** diferente. O botafoguense tenta não sorrir. O vascaíno quebra o ábaco. O tricolor só tem olhos para 4 de novembro. O rubro-negro alimenta aquele fundo de fé.

Os **matemáticos** estão em campo e seus **esquemas** táticos variam. Cada uma escala sua maquininha de um jeito. Há quem diga que o Botafogo tem 90% de chances de ser campeão. Outros apostam em 98,3 %. Quem está certo ou errado? Todos. E nenhum. Cada um faz **conta** com suas premissas – dando **peso** a fatores como ranking, mando de campo e retrospecto para fazer **prognósticos**. É como se aplicássemos um gel científico sobre a bola de cristal.

Em 2009, o Fluminense chegou a ter 99% de chances de cair e não caiu. Os torcedores fizeram campanha, slogan e até camisa atacando os matemáticos – numa tremenda injustiça com os calculistas. Se não fosse quase impossível... não seria impressionante. Mas a leitura popular interpreta 90% como 100%.

Matemáticos e matemáticos estão em voga porque saciam o apetite do respeitável público. Podemos debater quão precisas são essas previsões – mas o povo adora discuti-las. E não devemos confundir chutologia avançada com ciência séria que busca elaborar modelos preditivos. No mundo inteiro, clubes e franquias esportivas estão contratando **estatísticos** e **cientistas de dados**.

Fonte: Jornal *O Globo*, 28/10/2023.

Percebemos, então, que os itens lexicais destacados não retomam algum elemento já inserido no texto, mas, de certo modo, contribuem para a construção da coesão por gerar um elo semântico. Com isso, lembremos da afirmação de Halliday e Hasan (1976) sobre a coesão textual: sua noção é semântica. Dessa maneira, quando itens lexicais são capazes de estabelecer uma força coesiva sem reiteração e sustentar uma relação de sentido, há a coesão lexical por colocação³.

³ Neste estudo, não tratamos deste tipo de coesão lexical, pois nossos interesses dizem respeito apenas à coesão lexical feita por reiteração.

Assim sendo, a coesão lexical é um excelente recurso para criar um efeito coesivo por meio da lexicalização tanto na escrita, em que se realiza de forma mais estrita, quanto na fala. Mais que um mecanismo de referenciação, compreendemos que as escolhas de itens vocabulares para retomar outros já inseridos em um texto indicam/sinalizam como o falante/escritor constrói o seu texto amparado nos elementos coesivos e, conseqüentemente, seu posicionamento. Isso significa que suas escolhas não são aleatórias, visto que existem diversas possibilidades de retomadas, e há uma intencionalidade para aquelas que são selecionadas.

Ao considerarmos os pontos de vista de Halliday e Hasan (1976) e Antunes (2005), em especial, e de Gonçalves (2000), entendemos que a coesão lexical é a arte de escolher as palavras certas para criar conexões sutis e significativas dentro de um texto. A maneira como cada elemento da língua parece ser cuidadosamente selecionado, uma vez que há a possibilidade de escolher determinadas palavras e expressões e não outras, permite ao falante/escritor atingir diferentes propósitos discursivos, e contribui não apenas com o seu significado, mas também fortalece a estrutura textual como um todo.

Ao se apropriar de repetições, sinônimos, hiperônimos, hipônimos, palavras de sentido geral, campos semânticos e relações de sentido, a coesão lexical cria um tecido linguístico rico e envolvente. Quando bem empregado, esse feito pode tornar o texto mais elegante, além de deixá-lo mais claro e expressivo, o que pode cativar e envolver o leitor na dança encantadora de palavras.

Dessa forma, o léxico oferece diversas possibilidades para trabalhar as relações coesivas textuais. Diferente da coesão gramatical (referência, substituição, elipse, conjunções), que produz os efeitos coesivos dentro de um sistema fechado, a coesão lexical, composta de um conjunto aberto, permite combinações e associações com o nível contextual da língua (Gonçalves, 2000, p. 62).

Levando em consideração o modelo estabelecido por Halliday e Hasan (1976) e as reflexões de Antunes (2005), faremos análises da coesão lexical por reiteração em artigos de opinião de colunistas esportivos para compreender como os tipos de reiteração são usados como estratégia textual e como isso contribui com a argumentação dos articulistas, já que “a opção por um item lexical revela dados sobre os conhecimentos prévios do autor, bem como sobre suas intenções” (Gonçalves, 2000, p. 63).

2.5 A Noção de Campo/Esfera

Frente a essas considerações do texto e de um de seus fenômenos – a coesão –, retomamos sua relação com os gêneros do discurso, pois, como já apontamos anteriormente, é nessas entidades que os textos se materializam e os gêneros auxiliam para que suas produções, recepções e interpretações sejam eficazes.

Como indicado antes, tem-se Mikhail Bakhtin como precursor nos estudos sobre gêneros do discurso. Suas contribuições teóricas foram essenciais para o desenvolvimento dessas entidades fora do domínio literário, promovendo novas perspectivas para as pesquisas. Por isso, ao falar de gênero, as contribuições de Bakhtin são frequentemente mencionadas, o que nos leva a considerar não apenas os gêneros do discurso em si, mas, antes disso, a noção de campos/esferas. Dessa forma, antes de uma discussão propriamente dita sobre os gêneros do discurso, é válida uma breve reflexão a respeito da noção de campo/esfera.

Em *Estética da Criação Verbal* (2011), nosso principal aporte teórico neste trabalho em relação aos gêneros do discurso, tanto o termo “campo” e quanto o termo “esfera” estão presentes e não há uma explicação para a alternância desses termos na tradução em português, assim como Bakhtin não esclarece conceitos teóricos acerca do uso desses termos. Vejamos que, na abordagem sobre a estilística, ambos os termos constituem o texto do autor:

A relação orgânica e indissolúvel do estilo com o gênero se revela nitidamente também na questão dos estilos de linguagem ou funcionais. No fundo, os estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação. Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. (Bakhtin, 2011, p. 266)

De fato, não há uma teorização esclarecedora quanto ao uso desses termos nesse texto e em outros textos de Bakhtin, mas, segundo Grillo (2006), em toda obra do Círculo de Bakhtin – grupo de intelectuais referência nos estudos da linguagem – a noção de esfera⁴ está presente, constituindo-se em uma alternativa importante para pensar as especificidades das produções ideológicas (obras literárias, artigos científicos, livros didáticos, entre outros) sem precisar recorrer à visão imanente da obra de arte do formalismo nem no determinismo do marxismo ortodoxo. Os campos, então,

dão conta da realidade plural da atividade humana, ao mesmo tempo que se assentam sobre o terreno comum da linguagem verbal humana. Essa diversidade é condicionadora do modo de apreensão e transmissão do discurso alheio, bem como da caracterização dos enunciados e de seus gêneros. (Grillo, 2006, n. p)

⁴ Grillo (2006, n.p) afirma que “as traduções em português da obra do Círculo alternam os termos campo e esfera”.

Grillo (2006) também explica que esse diálogo com o marxismo é desenvolvido melhor em *Marxismo e filosofia da linguagem*, obra redigida pelo Círculo de Bakhtin e publicada originalmente em 1929. Nela, houve uma busca em superar a visão determinista e mecanicista (procedente da ortodoxia marxista) da influência dos fatos da base socioeconômica comum sobre os produtos ideológicos. Assim sendo,

a noção de campo (ou de esfera) da comunicação discursiva (ou da criatividade ideológica ou da atividade humana ou da comunicação social da utilização da língua ou simplesmente ideologia) é compreendida como um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância sócio-econômica, constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada campo/esfera. (Grillo, 2006, n.p)

Diante disso, como esfera, entendemos os campos de atividade humana propostos por Bakhtin em *Estética da Criação Verbal*, visto que

uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. (Bakhtin, 2011, p. 266)

Esses enunciados, portanto, são vinculados dentro de determinadas esferas e cada campo elabora inúmeros enunciados, cada um com sua especificidade, cada um constituindo um gênero. Assim são formadas esferas como a política, a artística, a literária, a acadêmica, a midiática, a religiosa e assim por diante. Cada uma delas tem suas características próprias, sua linguagem única e uma relação com os campos de atividade dos enunciados, originando os gêneros do discurso.

Desse modo, compreendemos que cada esfera organiza suas formas particulares de comunicação social, pois

as relações de produção e a estrutura sociopolítica que delas diretamente deriva determinam todos os contatos verbais possíveis entre os indivíduos, todas as formas e os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica. Por sua vez, das condições, formas e tipos da comunicação verbal derivam tanto as formas como os temas dos atos de fala. [...] Estas formas de interação verbal acham-se muito estreitamente vinculadas às condições de uma situação social dada e reagem de maneira muito sensível a todas as flutuações da atmosfera social. (Bakhtin; Volochínov, 2009, p. 43)

Cientes de que as esferas apresentam uma orientação social determinada por suas funções ideológicas específicas e são o princípio organizador dos gêneros, podemos prosseguir para uma discussão mais detalhada a respeito dos gêneros do discurso.

2.6 Os Gêneros do Discurso

O estudo dos gêneros constitui, hoje, um dos assuntos de interesse de várias áreas do conhecimento, dentre as quais a LT é incluída. Essa realidade não poderia ser diferente, uma vez que os gêneros do discurso estão intrinsecamente ligados às “práticas sociais que os determinam, à sua localização no *continuum* fala/escrita, às opções estilísticas que lhes são próprias e à sua construção composicional, em termos macro e microestruturais” (Koch, 2009, p. 168). Por isso, classificar os gêneros do discurso não é uma incumbência fácil, visto que há diferentes linhas de pesquisa trabalhadas pelos estudiosos do assunto.

Marcuschi (2008) destaca algumas dessas diferentes perspectivas teóricas e seus pesquisadores: a) perspectiva sócio-histórica e dialógica (Bakhtin); b) perspectiva comunicativa (Steger, Gülich, Bergmann, Berkenkotter); c) perspectiva sistêmico-funcional (Halliday); d) perspectiva sociorretórica de caráter etnográfico voltada para o ensino de segunda língua (Swales, Bhatia); e) perspectiva interacionista e sociodiscursiva de caráter psicolinguístico e atenção didática voltada para a língua materna (Bronckart, Dolz, Schneuwly); f) perspectiva da análise crítica (N. Fairclough, G. Kress); g) perspectiva sociorretórica/sócio-histórica e cultural (C. Miller, Bazerman, Freedman).

Vale lembrar que essas perspectivas são algumas das que estão em curso no Brasil, além de que, como também destaca o autor, as classificações feitas por elas não são rígidas, estando abertas e sujeitas à discussão.

Os estudos de Bakhtin são os mais citados quando se fala em gêneros do discurso, como já mencionado. Na esteira dessa tendência, enfatizaremos a concepção de gênero do discurso que esse autor nos apresenta na obra *Estética da Criação Verbal*, também já mencionada. Para o teórico russo (2011, p. 261-262),

todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. [...] O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

Podemos, então, entender que tais “tipos relativamente estáveis” de enunciados são determinados socio-historicamente por pertencerem às diferentes circunstâncias da vida

social. É em cada uma dessas circunstâncias que a existência de um ou mais gêneros é estabelecida a partir das características temáticas, composicionais e estilísticas próprias.

Fiorin, ao esmiuçar os projetos teóricos de Bakhtin, explica que a insistência desse autor no fato de que os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados não pode deixar de ser considerada. Para Fiorin (2016, p. 71),

o acento deve incidir sobre o termo *relativamente*, pois ele implica que é preciso considerar a historicidade dos gêneros, isto é, sua mudança, o que quer dizer que não há nenhuma normatividade nesse conceito. Ademais, o vocábulo acentuado indica uma imprecisão das características e das fronteiras dos gêneros.

Bakhtin, ainda, destaca que a nossa comunicação, principalmente na fala e na escrita, acontece somente por meio dos gêneros do discurso, isto é, os gêneros abarcam a totalidade do uso da linguagem em todas as suas modalidades e, dessa forma, “fala-se e escreve-se sempre por gêneros e, portanto, aprender a falar e a escrever é, antes de mais nada, aprender gêneros” (Fiorin, 2016, p. 77).

Até em conversas cotidianas, aquelas que são consideradas informais, descontraídas e livres, o discurso é moldado pelo gênero em uso, ou seja, nós temos um repertório infinito de gêneros e, na maioria das vezes, não tomamos consciência disso, pois “*em termos práticos*, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas *em termos teóricos* podemos desconhecer inteiramente a sua existência” (Bakhtin, 2011, p. 282).

Além disso, os gêneros do discurso nos são dados, conforme explica também Bakhtin (2011, p. 282), “quase da mesma forma com que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática”.

O conceito de enunciado, tão evidenciado por Bakhtin, seja ele oral ou escrito, representa um ato de comunicação social e constitui-se como a unidade real do discurso. Durante esse processo, há uma interação entre os indivíduos, ou seja, os sujeitos falantes e/ou escritores exercem tal ato comunicacional. Logo, o interlocutor não é um ser passivo porque, ao ouvir e/ou ler um enunciado, adota uma postura versátil e opera de modo ativo ao participar da comunicação discursiva.

Ademais, o próprio locutor não espera uma reação passiva; ao contrário, espera um retorno, espera o que o filósofo russo chama de “compreensão responsiva”, pois ele busca provocar uma resposta ao influenciar e convencer o seu interlocutor. Bakhtin afirma que essa interatividade é uma característica fundamental do enunciado, que, por ser único, não pode ser repetido, pois surge a partir de discursos que são proferidos no momento exato da interação social.

Temos, portanto, o enunciado como uma unidade discursiva absolutamente social que promove atitudes adaptáveis por parte dos sujeitos, e isso nos leva a compreender que todo enunciado, a partir de intenções comunicativas pré-definidas, é produzido para alguém. São essas intenções que, conforme Bakhtin, estabelecem os usos linguísticos que dão origem aos gêneros, já que atuam em consonância de produção dos enunciados.

Devido às diferentes situações sociais em que os gêneros do discurso são originados com suas respectivas características e aos momentos históricos em que estão inseridos, é de se esperar que as muitas condições comunicativas, possíveis graças à utilização da língua, forneçam inúmeros gêneros do discurso, capazes de fazê-los desaparecerem ou aparecerem, diferenciarem-se, ganharem novos sentidos (Fiorin, 2016, p. 72-73). Por essa razão,

a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (Bakhtin, 2011, p. 262)

Essa diversidade infinita, que ocasiona o que o pensador russo chama de “extrema heterogeneidade”, contribui para a classificação dos gêneros primários (simples) e secundários (complexos). Os primeiros referem-se aos cenários comunicativos imediatos do dia a dia, isto é, situações espontâneas, informais, não elaboradas, como o diálogo cotidiano, o bilhete, a carta. Já os cenários comunicativos dos gêneros secundários, geralmente mediados pela escrita, são mais complexos e organizados. É o que acontece quando romances, dramas, pesquisas científicas, os gêneros publicitários, por exemplo, estão em cena.

Bakhtin considera, ainda, que, no processo de formação dos gêneros secundários, há a incorporação e reelaboração dos gêneros primários. Por exemplo, um diálogo cotidiano – simples – replicado em um romance perde seu traço imediato e passa a integrar as características da composição do romance – complexo – e transforma-se em um acontecimento artístico-literário, ou seja, deixa o da vida cotidiana. O romance, em seu conjunto, “é um enunciado, como a réplica do diálogo cotidiano ou uma carta privada [...], mas a diferença deles é um enunciado secundário (complexo)” (Bakhtin, 2011, p. 264).

Outra questão importante discutida por Bakhtin são as singularidades necessárias para identificar um gênero do discurso, já citadas anteriormente: os aspectos temáticos, composicionais e estilísticos. Apesar desses três elementos serem amplamente discutidos sob a ótica de diferentes estudiosos, é comum encontrarmos definições simplistas de cada um deles, como se fosse suficiente dizer que conteúdo temático corresponde ao assunto, o plano composicional à estrutura formal, e o estilo à individualidade do falante.

No entanto, esses três elementos constitutivos do gênero são marcados pelas particularidades de cada contexto comunicativo e, portanto, não são simples de conceituar, principalmente sem exemplificações. Em *Estética da Criação Verbal*, por exemplo, Bakhtin dedica-se mais às reflexões sobre os aspectos estilísticos e não oferece detalhes sobre o conteúdo temático e composicional. Por isso, recorreremos aos estudos de Fiorin (2016) sobre Mikhail Bakhtin que direcionam o trabalho com gêneros rumo a uma melhor compreensão da teoria bakhtiniana.

A princípio, Fiorin enfatiza que os gêneros refletem condições específicas e finalidades da atividade humana, visto que eles estão sempre vinculados a um domínio dela. Dessa maneira, “conteúdo temático, estilo e organização composicional constroem o todo que constitui o enunciado, que é marcado pela especificidade de uma esfera de ação” (Fiorin, 2016, p. 69).

O conteúdo temático, então, não trata do assunto específico de um texto. Na verdade, ele é um domínio de sentido de que se ocupa o gênero. Como exemplo, Fiorin (2016, p. 69) comenta sobre as cartas de amor, que “apresentam o conteúdo temático das relações amorosas. Cada uma das cartas trata de um assunto específico (por exemplo, o rompimento de X e Y, por causa de uma traição) dentro do mesmo conteúdo temático”.

A construção composicional refere-se ao modo da organização do texto, de sua estruturação. Fiorin (2016, p. 69), para exemplificar, cita a carta, que, sendo “uma comunicação diferida, é preciso ancorá-la num tempo, num espaço e numa relação de interlocução, para que os dêiticos usados possam ser compreendidos”. O autor explica, também, que é por isso que as cartas indicam locais e datas de suas redações, além do nome de quem as envia e de quem as recebe.

Por fim, o estilo corresponde a uma seleção de meios linguísticos. O aspecto estilístico é, portanto, “uma escolha de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado” (Fiorin, 2016, p. 69). Nesse sentido, Fiorin destaca alguns estilos, como o oficial, em que a linguagem bastante formal é usada (requerimentos e discursos parlamentares, por exemplo); o estilo objetivo-neutro, que usa um jargão marcado pela “objetividade” e pela “neutralidade” em uma identificação entre o locutor e seu interlocutor (exposições científicas); o estilo familiar, quando o interlocutor se vê fora do âmbito das hierarquias e das convenções sociais e recorre a uma atitude pessoal e à linguagem informal (brincadeiras com os amigos); estilo íntimo, marcado por uma espécie de fusão entre os parceiros da comunicação (cartas de amor).

Segundo Fiorin (2016, p. 70), a pretensão de Bakhtin não era fazer um “catálogo dos gêneros” para descrever cada estilo, cada estrutura composicional, cada conteúdo temático. Primeiro, pela riqueza e variedade infinitas dos gêneros, “uma vez que as possibilidades da ação humana são inesgotáveis e cada esfera de atividade comporta um repertório significativo de gêneros do discurso”; segundo, porque a verdadeira importância estava na “compreensão do processo de emergência e de estabilização dos gêneros, ou seja, a íntima vinculação do gênero com uma esfera de atuação”.

Junto a esses elementos básicos discutidos, principalmente, por Bakhtin, e reforçados por Fiorin, que fazem parte da formação dos gêneros do discurso, podemos dizer que a essência dos gêneros tanto primários quanto secundários pertence a uma mesma base fundamental, sendo constituídos pelo mesmo fenômeno, os enunciados, e eles se distinguem pelo nível de complexidade com o qual se manifestam. Consideramos, também, que a concepção de gênero do discurso assumida por Bakhtin não é estática, pois, como defende Koch (2009, p. 161),

[...] como qualquer outro produto social, ele reconhece que os gêneros estão sujeitos a mudanças, decorrentes não só das transformações sociais, como devidas ao surgimento de novos procedimentos de organização e acabamento da arquitetura verbal, em função de novas práticas sociais que os determinam (ver, por exemplo, os gêneros da mídia eletrônica).

Desse modo, “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (Bakhtin, 2011, p. 268). Todos os fenômenos da língua, incluindo o léxico, percorrem um intrincado e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros antes de integrar o sistema da língua.

Em sua diversidade e complexidade, os gêneros do discurso são um testemunho da criatividade humana e da capacidade de expressar ideias de forma única e infinitamente variada. Eles são um verdadeiro tesouro da linguagem, enriquecendo nossa comunicação ao provocar emoções, despertar reflexões e compartilhar conhecimento.

2.7 Os Gêneros Opinativos da Esfera Jornalística

A discussão estabelecida até o momento nos leva a compreender que os gêneros do discurso possuem uma diversidade imensa. Sabemos, então, que eles conseguem ser uma excelente base comunicativa nos diferentes campos de atividades discursivas sociais, ou seja, nas diferentes esferas sociais.

Entre as esferas, podemos citar a esfera jornalística, uma área que desempenha papel de coleta, investigação, análise, relatos, produções e apresentações sobre questões

importantes, como um meio de comunicação influente que auxilia as pessoas a entenderem o mundo ao seu redor, a formarem opiniões e a participarem ativamente da vida cívica de seu país, principalmente.

Uma vez que a nossa comunicação se dá apenas por meio dos gêneros do discurso, como lembra Bakhtin (2011), a sociedade, portanto, consome diversos gêneros para exercer a interação humana. Um dos objetivos desse consumo é a informação, visto que a necessidade de se informar sobre qualquer assunto pode levar os indivíduos a buscarem diversos textos que possam atender tanto às suas necessidades quanto às suas expectativas. Além disso, quando o sujeito quer estar a par de discussões acerca dos mais variados temas discutidos na comunidade global, ele costuma buscar teses e argumentos que contribuam para que ele desenvolva suas ideias a respeito desses temas.

Entre os textos que permitem essas ações, estão o da esfera jornalística. Muitos são os gêneros jornalísticos em circulação e eles são divididos por algumas condições. José Marques de Melo, um dos principais teóricos do jornalismo, ao analisar os gêneros jornalísticos de outros países, apresenta, ainda na década de 1980, uma classificação nacional para os gêneros da esfera jornalística, considerando, para isso, alguns critérios. Segundo esse autor,

[...] o primeiro, agrupando os gêneros em categorias que correspondem à intencionalidade determinante dos relatos através de que se configuram [...] O segundo critério busca identificar os gêneros a partir da natureza estrutural dos relatos observáveis nos processos jornalísticos. Não se referindo apenas à estrutura do texto ou das imagens e sons que representam e reproduzem a realidade, e sim, a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura). (Melo, 1985, p. 47-48).

Obedecendo a esses critérios, Melo (2003) defende a seguinte classificação: gêneros informativos, gêneros interpretativos e gêneros opinativos. Os gêneros informativos, como nota, notícia, reportagem e entrevista, estão disponíveis para nós na maior parte do tempo. Para Melo (2003, p. 28-29), a partir desses gêneros informativos, “a instituição jornalística assume o papel de observadora atenta da realidade, cabendo ao jornalista proceder como “vigia”, registrando os fatos, os acontecimentos e informando-os à sociedade”.

Os gêneros interpretativos, como análise, perfil, enquete, cronologia e dossiê, são, segundo Melo explica (2003), um modo de aprofundar a informação, tendo como intuito principal relacionar a informação da atualidade com seu contexto temporal e espacial, isto é, o jornalismo interpretativo pretende fazer com que as informações procedentes dos textos informativos sejam compreendidas em sua totalidade.

Por fim, os gêneros opinativos, que abrangem editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta e crônica, têm como base o ponto de vista de quem os produz, sendo opiniões e argumentações que representam o pensamento do escritor ou até mesmo do veículo de comunicação. Entendemos, então, que as posições expostas nesses gêneros são resultados das interpretações dos fatos noticiados pelos outros gêneros jornalísticos, cabendo ao leitor, mesmo que o jornalismo tenha “procurado influenciar o homem” (Melo, 2003, p. 28), tirar ou não suas próprias conclusões.

O pouco que foi apresentado sobre os gêneros opinativos nos permite afirmar que esse conjunto de gêneros entrelaça opiniões, argumentos e reflexões, formando uma espécie de tapeçaria de ideias, que cria composições de pensamentos e perspectivas. Por meio deles, o leitor é convidado a mergulhar em diferentes pontos de vista, e, conseqüentemente, conhecer e desafiar os limites da compreensão. Os gêneros opinativos são a ponte entre a mente de quem escreve e de quem lê, configurando-se um jogo intelectual que enriquece o desenvolvimento da sociedade.

2.8 O Gênero Artigo de Opinião

Se considerarmos que este trabalho objetiva analisar a coesão lexical em textos de opinião de colunistas de esportes, é esperado que lidemos com gêneros predominantemente opinativos. Esse entendimento fez com que, desde o início, nossas atenções se voltassem para dois gêneros da esfera jornalística: o editorial e o artigo de opinião. Entretanto, uma pesquisa superficial na base de dados dos principais jornais brasileiros nos revelou que os artigos de opinião são mais frequentes, nesses veículos de comunicação, do que os editoriais.

Para além disso, entendemos que a opinião do produtor de artigos de opinião, por ser menos cerceada, pode, hipoteticamente, apresentar um cenário mais favorável ao aparecimento da coesão lexical do que os editoriais. Essa situação nos levou a escolhermos trabalhar apenas com o gênero artigo de opinião.

A escolha desse gênero está, portanto, associada, principalmente, ao fato de o artigo de opinião ser um gênero que, ao centrar-se no debate, no argumento, no contra-argumento, na assunção de pontos de vista e em tudo aquilo que acreditamos ser passível de discussão, nos leva a nos posicionar criticamente sobre vários temas. Isso significa que o artigo de opinião tem a argumentação como característica predominante. Afinal, opinião e argumentação caminham juntas.

O artigo de opinião, como integrante da esfera jornalística, pode ser encontrado em canais de comunicação que, em geral, são jornais, revistas (impressos e/ou digitais) e *sites*

disponibilizados na internet. São produzidos, ou seja, escritos, por um articulista, que tanto pode ser um colunista – jornalista ou não – fixo da instituição noticiosa quanto um colaborador (escritor, professor, pesquisador, etc.) convidado a escrever sobre uma temática da sua competência.

Segundo Melo (2003, p. 126), “o colaborador é definido como não-jornalista, alguém que presta, sob forma remunerada, seja de modo contínuo ou esporádico, serviços eventuais à empresa jornalística”. Dessa forma, é comum encontrar textos de escritores que não são profissionais do jornalismo.

Com um gênero de teor sobretudo argumentativo, se espera do articulista, portanto, um caráter estratégico para defender sua posição acerca de um assunto que, normalmente, apresenta relevância política, social ou cultural, convidando o leitor a refletir sobre o tema, questionar os fatos, debater ideias e dialogar com as opiniões.

Para Costa (2014, p. 40), em seu *Dicionário de Gêneros Textuais*, o artigo de opinião é formado por um texto dissertativo, expositivo ou interpretativo, que “forma um corpo distinto na publicação, trazendo a interpretação do autor sobre um fato ou tema variado (político, cultural, científico, etc.)”.

Ainda na classificação desse gênero, o autor reforça que, ao contrário dos editoriais, que nunca vêm assinados e trazem sempre a opinião do jornal, revista, entre outros meios em que circulam, os artigos de opinião comumente vêm assinados e não refletem, necessariamente, a opinião do órgão responsável por publicá-los.

Além disso, Costa (2014, p. 41), amparado em Ferrari e Sodré (1977), destaca a construção composicional do artigo de opinião:

a estrutura composicional do artigo varia bastante (não necessariamente terá uma estrutura canônica da dissertação tradicionalmente ensinada na escola: Tese inicial, na Introdução; Argumentação/Refutação, no Desenvolvimento, e Conclusão), mas sempre desenvolve, explícita ou implicitamente, uma opinião sobre o assunto, com um fecho conclusivo, a partir da exposição das ideias ou da argumentação/refutação construídas.

Costa, ao concluir, sintetiza que o articulista – que pode ser um jornalista ou uma pessoa entendida no tema, como já afirmado –, a partir de uma determinada questão e em um tom de convencimento, objetiva apresentar seu ponto de vista sobre o assunto, usando o poder da argumentação, defendendo, exemplificando, justificando ou desqualificando posições.

Segundo Rodrigues (2007 *apud* Boff; Köche; Marinello, 2009, p. 3), no artigo de opinião, “interessa menos a apresentação dos acontecimentos sociais em si, mas a sua análise e a posição do autor”. Isso enfatiza que os posicionamentos expressos nesse gênero se

originam dos fatos apresentados por outros gêneros jornalísticos, como a notícia, por exemplo, e que sua construção é sustentada por um ponto de vista.

Sobre esse gênero, Bräkling (2000, p. 227) explica:

O artigo de opinião é um gênero de discurso em que se busca convencer o outro de uma determinada ideia, influenciá-lo, transformar os seus valores por meio de um processo de argumentação a favor de uma determinada posição assumida pelo produtor e de refutação de possíveis opiniões divergentes.

Sendo assim, uma das finalidades do artigo de opinião é persuadir o leitor com a opinião nele compartilhada, usando a argumentação como principal processo para o convencimento do(s) outro(s) diante daquilo que está sendo defendido. Por isso, para Boff, Köche e Marinello (2009, p. 3), “esse gênero pertence à ordem do argumentar, uma vez que o sujeito enunciator assume uma posição a respeito de um assunto polêmico e a defende”.

A respeito da persuasão, Boff, Köche e Marinello (2009, p. 4), amparadas em Kaufman e Rodríguez (1995), explicam que o artigo de opinião “possui relação direta com as estratégias discursivas usadas para persuadir o leitor e não só com a pertinência dos argumentos apresentados”. Esse entendimento nos leva à conclusão de que o produtor, ao fazer sua argumentação, a faz de modo que seus argumentos sejam, de algum modo, fundamentados.

Embora seja a expressão do posicionamento crítico do produtor que garante consistência ao artigo de opinião, como enfatizado pelas autoras, é importante destacar as estratégias mencionadas por elas que podem ser usadas para a fundamentação dos argumentos (Boff; Köche; Marinello, 2009): acusações claras aos oponentes, insinuações, digressões, apelações à sensibilidade ou tomada de distância por meio das construções impessoais para dar objetividade e consenso à análise desenvolvida, uso de recursos descritivos ou a especificação das diferentes fontes da informação.

Compreendemos, então, que, para a produção de um artigo, o articulista, no caso, mesmo que escreva sobre um conteúdo de sua atribuição, busca ideias para comprovar sobre aquilo que é dito e validar sua argumentação, o que faz com que o artigo de opinião seja “um processo que prevê uma operação constante de sustentação das afirmações realizadas, por meio da apresentação de dados consistentes, que possam convencer o interlocutor” (Bräkling, 2000, p. 227).

Sobre as características do contexto de produção desse gênero, isto é, enunciator, assunto, finalidade comunicativa, Boff, Köche e Marinello (2009) esclarecem que são elas que determinam a configuração do artigo. Dessa maneira, é comum encontrarmos esse gênero

em seções destinadas às publicações de opiniões, que seguem uma determinada periodicidade (semanal, quinzenal, mensal) e ocupam um espaço físico limitado (meia a uma página).

Quando escrevemos, escrevemos para alguém, ou seja, interagimos com outra(s) pessoa(s), que se torna(m) a medida, o parâmetro para decidirmos o que e o quanto dizer e como fazê-lo (Antunes, 2006). Diante disso, Boff, Köche e Marinello (2009, p. 4) relatam que o produtor de um artigo de opinião pode optar por uma linguagem comum ou cuidada:

A primeira emprega um conjunto de palavras, expressões e construções mais usuais, com uma sintaxe acessível ao leitor comum. A segunda vale-se de um vocabulário mais preciso e raro, com uma sintaxe mais elaborada que a comum. A escolha por um dos níveis depende do público a que se destina o texto.

Por se tratar de um gênero pautado na argumentação, o produtor ocupa-se de operadores argumentativos e dêiticos com a finalidade de manter a coerência temática e a coesão. Os operadores argumentativos, tais como **mas, entretanto, porém, portanto, além disso**, entre outros, segundo Boff, Köche e Marinello (2009), são elementos linguísticos que orientam a sequência do discurso, enquanto os dêiticos são representados por **este, agora, hoje, neste momento, ultimamente, recentemente, ontem, há alguns dias, antes de, de agora em diante**.

As autoras também ressaltam que o **presente do indicativo** é utilizado predominantemente pelo produtor do artigo para apresentar as questões e os argumentos, porém também pode utilizar o **pretérito** em explicações ou apresentação de dados e evidências. Ademais, em sua sequência argumentativa, é possível que o produtor se coloque de **modo pessoal** (em primeira pessoa) ou de **modo impessoal** (terceira pessoa).

A tipologia textual desse gênero é de base dissertativa, “pois o autor constrói uma opinião. Cada parágrafo, habitualmente, contém um argumento que dá suporte à conclusão geral” (Boff; Köche; Marinello, 2009, p. 5). Desse modo, a dialogicidade é evidenciada no processo de produção, uma vez que o produtor pensa no seu leitor, que pode elencar possíveis questões ou conclusões contrárias, e procura legitimar sua posição e defendê-la.

A estrutura do artigo de opinião leva em conta, de acordo com Boff, Köche e Marinello (2009), um problema a ser discutido e a elaboração de uma proposta de solução ou avaliação a partir do que foi refletido sobre o assunto. Assim, o artigo de opinião pode ser estruturado da seguinte forma: situação-problema, discussão e solução-avaliação.

Para melhor visualização das ideias apresentadas por Boff, Köche e Marinello (2009), elaboramos um quadro para reproduzir o conceito de cada parte dessa estruturação.

Quadro 03: Estrutura do artigo de opinião

SITUAÇÃO-PROBLEMA	Coloca a questão a ser desenvolvida para guiar o leitor ao que virá nas demais partes do texto. Busca contextualizar o assunto a ser abordado, por meio de afirmações gerais e/ou específicas. Nesse momento, pode evidenciar o objetivo da argumentação que será sustentada ao longo do artigo, bem como a importância de se discutir o tema.
DISCUSSÃO	Expõe os argumentos e constrói a opinião a respeito da questão examinada. Para Guedes, todo texto dissertativo precisa argumentar, ou seja, apresentar provas a favor da posição que assumiu e provas para mostrar que a posição contrária está equivocada. Os argumentos baseiam-se nos conceitos apresentados, na adequação dos fatos para exemplificar esses conceitos, bem como na correção do raciocínio que estabelece relações entre conceitos e fatos (2002, p. 313). Para evitar abstrações, geralmente faz uso da exposição de fatos concretos, dados e exemplos, com o emprego de sequências narrativas, descritivas e explicativas, entre outras.
SOLUÇÃO-AVALIAÇÃO	Evidencia a resposta à questão apresentada, podendo haver uma reafirmação da posição assumida ou uma apreciação do assunto abordado. Não é adequado um simples resumo ou mera paráfrase das afirmações anteriores.

Fonte: Boff; Köche; Marinello (2009).

Para as autoras, essa estrutura não é rígida, mas caracteriza o artigo de opinião, diferenciando-os de outros gêneros predominantemente argumentativos.

Ainda sobre os aspectos da construção composicional do artigo de opinião, Uber (2008, p. 6-7) afirma que há diversas possibilidades de organizá-lo, mas, de maneira geral, temos de considerar o seguinte:

- 1) Contextualização e/ou apresentação da questão que está sendo discutida;
- 2) Explicitação do posicionamento assumido;
- 3) Utilização de argumentos para sustentar a posição assumida;
- 4) Consideração de posição contrária e antecipação de possíveis argumentos contrários à posição assumida;
- 5) Utilização de argumentos que refutam a posição contrária;
- 6) Retomada da posição assumida;
- 7) Possibilidades de negociação;
- 8) Conclusão (ênfase ou retomada da tese ou posicionamento defendido).

Por ser um gênero que circula em jornais, revistas e *sites* da internet, é totalmente possível que o artigo de opinião seja acessado por um grande número de indivíduos, que podem ser identificados tanto como leitores quanto como produtores de um artigo próprio. Isso acontece porque esse gênero

aborda questões polêmicas que envolvem a coletividade, dessa forma, é imprescindível que a participação no mundo seja menos alienada, mais completa, mais participativa. Através do conhecimento da opinião alheia sobre a nossa, torna-se possível rever valores e aceitá-los, transformá-los ou refutá-los, e escrever artigos de opinião nos possibilita explicitar nossas opiniões a respeito de diferentes temas. (Uber, 2008, p. 7)

Diante dos diferentes estudiosos que apresentam variadas definições para o artigo de opinião, acreditamos que não há entre elas uma grande discrepância. Pelo contrário, conseguimos nelas reconhecer descrições similares e a defesa da mesma natureza argumentativa, por meio da qual o produtor apresenta seu posicionamento crítico no que se refere a um determinado assunto, a fim de persuadir seu interlocutor a concordar com seu ponto de vista.

Levando em conta o que foi apresentado a respeito do artigo de opinião é que decidimos investigar como se dá o processo de coesão lexical nesse gênero, que, no caso, foram produzidos por colunistas esportivos.

3 METODOLOGIA

Como dito anteriormente, este trabalho objetiva analisar como se dá o processo de coesão lexical por reiteração em artigos de opinião produzidos por articulistas esportivos, veiculados em jornais nacionais. O percurso metodológico do estudo compreende as escolhas feitas no que se refere ao método de pesquisa adotado e todos os processos dele consequentes. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 83),

o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros –, traçando o caminho a ser seguido [...].

Diante disso, o trajeto percorrido neste trabalho segue uma revisão bibliográfica de pesquisas que apresentam reflexões acerca da coesão lexical por reiteração, mecanismo linguístico fundamental neste estudo. Assim sendo, para esta pesquisa, optamos por uma abordagem qualitativa, visto que pretendemos analisar, interpretar e refletir sobre os resultados obtidos.

No entanto, uma vez que vamos identificar as ocorrências dos diferentes tipos de reiteração no gênero escolhido, a pesquisa possui, também, caráter quantitativo, que revelará dados e números sobre as ocorrências analisadas.

Para atingir o objetivo proposto, obedecemos, sucessivamente, algumas etapas, que foram essenciais para chegarmos aos resultados apresentados ao final desta pesquisa: a decisão de lidar, exclusivamente, com textos esportivos, que tratam do campeonato nacional brasileiro de futebol; a escolha do gênero, a escolha dos jornais e a seleção/coleta do *corpus*.

A primeira decisão foi simples, pois resolvemos juntar duas de nossas paixões: a pesquisa e os esportes. Acreditamos que o esporte, independente da modalidade, tem um impacto social e cultural, transcendendo os campos, quadras, pistas e arquibancadas. Sua

importância na sociedade é demonstrada de diversas formas, e uma delas é o tempo e o espaço que a imprensa, no Brasil e no mundo todo, dispensa a ele em seus veículos comunicativos.

Além disso, com o advento das redes sociais, uma gama considerável de perfis, pessoais ou profissionais, compartilham o que acontece nas modalidades esportivas, o que reforça como o esporte está intrinsecamente ligado à cultura brasileira tanto por pessoas que praticam alguma modalidade quanto pelo público que gosta somente de acompanhar jogos ou campeonatos, por exemplo. De acordo com Santos *et al.* (1997, p. 159),

os brasileiros, particularmente, demonstram preferência por esportes com bola, movimento e participação coletiva. Os esportes com maior público possuem todos esses elementos. Dentre esses esportes, o futebol concentra praticamente toda a atenção da população.

O esporte mais popular no Brasil, então, é o futebol. Entre os campeonatos que acontecem no país, está o Campeonato Brasileiro, apelidado de Brasileirão, principal competição de clubes futebolísticos no Brasil. Como campeonato nacional, em meio a algumas designações, mudanças e alguns formatos sofridos ao longo do tempo, na modalidade masculina, pode-se afirmar que ele começou a ser disputado, de forma oficial, em 1971; na modalidade feminina, em 1983.

Atualmente, a modalidade masculina é formada por quatro divisões, chamadas de Série A, Série B, Série C, compostas por 20 clubes, e Série D, que possui 68 equipes. Já as divisões da modalidade feminina são a Série A1 e Série A2, ambas com 16 times, e Série A3, com 32 clubes.

Considerando o alcance e a representatividade do Brasileirão, decidimos constituir nosso *corpus* de análise, tendo como base os artigos de opinião que tratem, exclusivamente, da Série A desse campeonato, na modalidade masculina, ocorrido em 2023. Essa opção leva em conta a condição de ser o principal campeonato futebolístico brasileiro e o interesse por essa modalidade e divisão, que foi assistida e acompanhada por nós via televisão e redes sociais, além de ser a última edição concluída, uma vez que a atual ainda está em andamento.

O Campeonato Brasileiro de Futebol de 2023, portanto, ou Brasileirão Série A, Brasileirão e, ainda, Brasileirão Assaí por motivos de patrocínio, ocorreu entre 15/04/2023 e 06/12/2023. Seguindo o formato de pontos corridos adotados desde 2003, as disputas aconteceram em 38 rodadas, em que os 20 clubes disputaram entre si da seguinte forma: cada clube jogou duas vezes contra os outros, uma vez em seu estádio (também chamado de casa) e a outra no estádio do seu adversário.

Na competição, a contagem de pontos determina as posições dos times na tabela de classificação. O sistema contabiliza três pontos para o time vencedor de cada partida (V) e um ponto caso haja empate (E); para o time derrotado em cada disputa (D), nenhum ponto é computado. Os principais critérios de desempate para estabelecer a posição de cada equipe são os pontos (P), as vitórias (V) e o saldo de gols (SG) – resultado da subtração entre gols marcados/gols pró (GP) e gols sofridos/gols contra (GC).

Ao final das 38 rodadas, e, conseqüentemente, do campeonato, o time que mais somar pontos é o campeão. Os seis primeiros colocados garantem vagas em competições intercontinentais, enquanto os quatro últimos são rebaixados para a Série B. Em 2023, a Sociedade Esportiva Palmeiras, mais conhecida somente como Palmeiras, clube da cidade de São Paulo, consagrou-se como equipe campeã.

Como mencionado anteriormente, acompanhamos o Brasileirão 2023 pela televisão e pelas redes sociais. Esse acompanhamento não se constituiu somente em assistir às partidas do campeonato, mas também prestar atenção em tudo o que está relacionado com a competição. Isso inclui, dessa forma, acompanhar as discussões geradas pelo que acontece dentro e fora de campo.

Dado que o futebol rende assuntos polêmicos, compreendemos que aqueles que acompanham o esporte sempre poderão ter diferentes opiniões sobre os fatos ocorridos e há muitas atrações televisivas, em variadas emissoras, que destinam sua programação para debater os acontecimentos, sendo desenvolvidas no estilo mesa-redonda. Nas redes sociais, perfis de torcedores ou profissionais da área também utilizam esse espaço para apresentar opiniões e promover debates.

Sendo assim, ao refletir sobre textos de opinião que circulam em nosso cotidiano, e estando diante dos mais variados gêneros do discurso existentes, os gêneros opinativos da esfera jornalística nos pareceram ser os mais adequados para que nossos propósitos sejam atingidos, pois, como já sabemos, a principal característica desses gêneros é o ponto de vista e a argumentação dos seus produtores.

Reconhecemos, então, que os gêneros opinativos de modo geral, e os artigos de opinião, mais especificamente, retratam os mais variados temas, dentre os quais estão, por óbvio, os esportes. A preferência pelo gênero artigo de opinião se deu pela sua forte presença em jornais, os quais, sob nosso ponto de vista, constituem o principal espaço das atividades jornalísticas. Além disso, por se tratar de um gênero em que a opinião se reflete de forma individualizada, contempla mais de um colunista, o que nos levou, ao buscar por esses textos

opinativos, a concluir que o artigo de opinião é o gênero mais representativo do veículo de comunicação em questão.

Considerando todos esses fatores que foram decisivos para que chegássemos ao contexto a ser analisado, listamos alguns critérios para a escolha dos jornais que nos forneceriam os artigos de opinião a serem analisados.

O primeiro critério levou em conta a credibilidade e rigor editorial, buscando por jornais de longa tradição e relevância no cenário do jornalismo brasileiro. O segundo orientou-se por jornais produzidos em regiões e cidades que mais foram representadas pelos clubes de futebol no Brasileirão 2023. O terceiro critério, por sua vez, foi motivado pela variedade de colunistas esportivos que integram as seções de opiniões dos jornais.

A região Sudeste teve 12 representantes, sendo eles: América-MG, Atlético-MG, Botafogo, Bragantino, Corinthians, Cruzeiro, Flamengo, Fluminense, Palmeiras, São Paulo FC, Santos FC e Vasco da Gama. Entre as cidades dessa região, São Paulo conta com os times Corinthians, Palmeiras e São Paulo FC, enquanto o Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco da Gama pertencem à cidade do Rio de Janeiro. Isso significa que, sozinhas, essas duas cidades possuem sete das 12 equipes da região inteira.

Conforme, então, esse terceiro critério, nosso elenco de jornais se reduziu a dois, um de São Paulo (*Folha de S. Paulo*) e o outro do Rio de Janeiro (*O Globo*). Esses são, na realidade atual, os principais jornais em circulação tanto em seus municípios quanto no Brasil.

O jornal *Folha de S. Paulo*, segundo consta em sua edição digital, foi fundado em 1921 e é um dos maiores e o mais influente entre os jornais diários nacionais de interesse geral. Tem como missão produzir e organizar conteúdo jornalístico crítico, plural e apartidário, e elenca como valores o compromisso com o leitor, a diversidade, a excelência, a independência econômica e editorial, a integridade e a liberdade de expressão.

O jornal *O Globo*, com maior circulação no Brasil, segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), tem, conforme também sua edição digital, 1925 como ano de sua fundação e se apresenta como um jornal independente, apartidário, laico e que pratica um jornalismo centrado na busca da isenção, da correção e da agilidade.

Escolhidos os jornais, passamos ao critério de seleção dos articulistas, de acordo com o qual deveríamos selecionar apenas aqueles que tratavam de esportes e que escreveram artigos de opinião sobre o Brasileirão 2023 na modalidade masculina.

Obedecendo a esses critérios de pesquisa, identificamos cinco colunistas esportivos na *Folha de S. Paulo*, listados na seção “Colunas e Blogs”, que são Juca Kfoury, Marina Izidro,

Paulo Vinícius Coelho (PVC), Sandro Macedo e Tostão. Com exceção de Marina Izidro, todos os outros escreveram artigos de opinião sobre o campeonato brasileiro masculino de 2023.

Já no *O Globo*, constatamos sete colunistas esportivos, listados na seção “Blogs e Colunas”: Carlos Eduardo Mansur, Diogo Dantas, Gustavo Poli, Marcelo Barreto, Martín Fernandez, Rodrigo Capelo e Carlota. Dentre os que escreveram artigos de opinião referentes ao Brasileirão 2023, na modalidade masculina, estão Carlos Eduardo Mansur, Gustavo Poli, Marcelo Barreto, Martín Fernandez e Rodrigo Capelo.

De posse do gênero, dos jornais e dos articulistas, a coleta do *corpus* também obedeceu a três critérios. O primeiro deles considerou o acesso aos jornais de maneira digital, devido à facilidade que ferramentas *on-line* nos permitem. Já o segundo critério baseou-se em garantir esse acesso por meio das assinaturas mensais desses jornais, realizadas durante o mês de julho de 2024.

O terceiro critério pautou-se na definição do período de coleta. Como mencionado anteriormente, definimos o ano de 2023, por acreditarmos que houve muitas publicações de artigos de opinião sobre o Brasileirão nesse ano. Embora o campeonato tenha se iniciado em 15/04/2023 e encerrado em 06/12/2023, hipotetizamos que textos foram produzidos antes e após essas datas, afinal sempre há debates sobre a largada oficial e sobre as conclusões relativas às rodadas do campeonato, por exemplo. Assim, foram coletados, no mês de agosto de 2024, textos publicados durante o período completo de 2023, ou seja, desde 01/01/2023 até 31/12/2023.

Para coletar esses textos, fizemos uso da ferramenta de busca disponibilizada pelos próprios jornais, por meio da qual chegamos aos artigos escritos pelos articulistas esportivos anteriormente mencionados. A ferramenta de busca da *Folha de S. Paulo* tornou a coleta nesse jornal, de certo modo, fácil, pois ela conta com opções de seleção do período de publicação (últimas 24 horas, última semana, último mês etc.) e, também, possibilita que se faça uma busca personalizada, sendo possível digitar datas específicas. Com isso, ao buscar por um determinado articulista, personalizamos a busca das publicações de acordo com o período definido por nós. O jornal *O Globo*, entretanto, não oferece o mesmo recurso. Há a ferramenta de busca, mas não há opções de seleção por um período e nem busca personalizada. Dessa forma, a cada busca individual dos articulistas, tivemos que passar por todas as publicações feitas por eles até chegar nas de 2023 e, só assim, encontrar e coletar os textos que abordam o Brasileirão.

Ao final de todo esse processo, coletamos 65 artigos de opinião. Desse total, 45 textos pertencem ao *Folha de S. Paulo* e 20 textos ao *O Globo*. No jornal da cidade paulista, 21 artigos foram produzidos por Juca Kfourri, 05 por Paulo Vinícius Coelho (PVC), 09 por Sandro Macedo e 10 por Tostão. No jornal da cidade carioca, 10 artigos foram escritos por Carlos Eduardo Mansur, 04 por Gustavo Poli, 04 por Marcelo Barreto, 1 por Martín Fernandez e 1 por Rodrigo Capelo.

Diante desses 65 artigos de opinião, decidimos constituir o *corpus* de análise com 34 textos, 29 textos do jornal *Folha de S. Paulo* e 05 textos do jornal *O Globo*. Os critérios dessa seleção justificam-se pela relevância e pertinência dos assuntos, visto que muitos textos abordaram questões burocráticas sobre o Brasileirão 2023, como a disputa pelos direitos de transmissão, e usaram o campeonato como pretexto para discorrerem sobre o desempenho individual de times de forma geral no futebol. Entendemos que esse recorte poderá favorecer a análise da coesão lexical por reiteração no contexto selecionado.

Os artigos de opinião com títulos, articulistas e datas de publicação podem ser verificados nos quadros 04 e 05 a seguir, respectivamente do *Folha de S. Paulo* e do *O Globo*.

Quadro 04: Artigos de opinião do jornal *Folha de S. Paulo*

TÍTULO		ARTICULISTA	DATA DE PUBLICAÇÃO
1	Fluminense brilhou, Palmeiras fez o suficiente e São Paulo já preocupa	Juca Kfourri	16/04/2023
2	Um Palmeiras para todos verem	Juca Kfourri	15/05/2023
3	A bela derrota do Corinthians	Juca Kfourri	21/05/2023
4	Milagre em Itaquera	Juca Kfourri	28/05/2023
5	Tinha um Tiquinho no meio do caminho	Juca Kfourri	25/06/2023
6	No Paraná, uma partida para enlouquecer Abel Ferreira	Juca Kfourri	02/07/2023
7	Campeonato Brasileiro, além de equilibrado, é muito surpreendente	Juca Kfourri	30/07/2023
8	Corinthians põe a cabeça para fora	Juca Kfourri	13/08/2023
9	O Dérbi igual em tudo e insosso	Juca Kfourri	03//09/2023

10	Como estragar um jogo de oito gols	Juca Kfouri	20/09/2023
11	Botafogo impecável no rumo certo	Juca Kfouri	08/10/2023
12	Como nas provas do turfe, o Brasileirão chega ao término com muita emoção	Juca Kfouri	11/11/2023
13	Brasileirão alterna bons e maus jogos enquanto sobram emoções	Juca Kfouri	29/11/2023
14	Para tudo continuar na quarta-feira	Juca Kfouri	03/12/2023
15	O clássico de quem se conformou com pouco	PVC	14/05/2023
16	O litígio corintiano com as vitórias	PVC	21/05/2023
17	Palmeiras e Flamengo mostram evolução do Brasileirão	PVC	09/07/2023
18	Botafogo derruba teste de dualidade no Brasil	PVC	16/07/2023
19	Brasileiro tem os jogadores mais chatos do mundo	Sandro Macedo	03/07/2023
20	Taylor Swift salva o Corinthians	Sandro Macedo	10/07/2023
21	Eu poupo, tu poupas, nós poupamos	Sandro Macedo	02/10/2023
22	O jogo no Brasileiro agora se chama ‘Resta Um’	Sandro Macedo	13/11/2023
23	No futuro, o Brasileiro-2023 será ‘aquele que o Botafogo perdeu’	Sandro Macedo	04/12/2023
24	Brasileiro começa e eu não tenho certeza de nada	Tostão	15/04/2023
25	Futebol é a união entre disciplina e improvisação, prosa e poesia	Tostão	16/05/2023

26	Os cinco melhores do Brasileirão, após 12 rodadas	Tostão	27/06/2023
27	No Brasileirão, chegou o momento de a onça beber água	Tostão	28/11/2023
28	Fim do Brasileirão é momento de festas, alegria e decepções	Tostão	05/12/2023
29	Mantra do Brasileiro foi o ‘eu acredito’, mas prefiro o ‘eu não acredito’	Tostão	09/12/2023

Fonte: a autora.

Quadro 05: Artigos de opinião do jornal *O Globo*

	TÍTULO	ARTICULISTA	DATA DE PUBLICAÇÃO
1	Botafogo, o líder versátil	Carlos Eduardo Mansur	30/05/2023
2	Tempo de mais e jogo de menos no Brasileirão	Carlos Eduardo Mansur	29/08/2023
3	A boa e má notícia para o torcedor alvinegro no Botafogo x Palmeiras	Carlos Eduardo Mansur	31/10/2023
4	Brasileirão de 2023 termina com marcas que serão lembradas e comportamentos que inspiram otimismo	Marcelo Barreto	10/12/2023
5	Os Estaduais fazem mal ao Brasileirão	Martín Fernandez	14/04/2023

Fonte: a autora.

Como descrito antes, o artigo de opinião veicula o ponto de vista de quem os produz, ou seja, apresenta opiniões e argumentações que retratam o pensamento do articulista sobre determinada questão. Por isso, uma vez que a coesão lexical é formada pelo léxico, isto é, por um conjunto de palavras, compreendemos que, ao escrever um texto, o produtor elege criteriosamente as palavras que revelarão dados sobre seus conhecimentos prévios, bem como sobre suas intenções.

Tendo os objetivos de pesquisa definidos e o referencial teórico adotado em consideração, a análise dos textos foi feita com base em quatro momentos: 1) leitura atenta, visando compreender o texto como um todo; 2) marcação dos itens lexicais reativados dentro

dos textos por intermédio de elementos lexicais, para verificar como a rede coesiva lexical é construída; 3) percepção das escolhas lexicais dos articulistas, para identificar quais são as estratégias textuais adotadas; e 4) destaque dos tipos de reiteração feito em cada artigo de opinião, para apurar a quantidade de ocorrências no *corpus* analisado.

No primeiro momento, a leitura atenta de cada texto nos deu uma compreensão ampla, permitindo entender as ideias principais, o tom, a intenção comunicativa, e a estrutura do texto como um todo. Essas leituras iniciais foram fundamentais para nos familiarizarmos com o conteúdo dos textos e o estilo dos articulistas, antes de passar para as análises detalhadas.

As marcações dos itens lexicais contribuíram para a identificação dos elementos reativados e por qual tipo de reiteração eles foram retomados. Para isso, delimitamos um elo semântico: verificamos somente itens que, dentro dos textos, estão ligados ao meio futebolístico. Além disso, analisamos termos correferenciais, ou seja, termos com a mesma identidade, com o mesmo referente, e apenas as retomadas aos termos referentes foram consideradas, e não o referente em si. O objetivo dessa marcação/identificação foi observar como as reativações criaram uma rede coesiva lexical, como as palavras interligadas favoreceram a coesão, a continuidade e, portanto, a progressão do texto.

No terceiro momento, a análise se voltou para as decisões lexicais dos articulistas. A ideia foi verificar se as escolhas por determinadas palavras/expressões apresentaram alguma estratégia textual, ou seja, se os articulistas usaram termos específicos para atingir um propósito; e verificar, também, se tais palavras/expressões exigiram mobilizações do leitor, como conhecimento prévio.

O quarto momento condiz com a abordagem quantitativa do nosso *corpus*, como mencionada no capítulo anterior. Nesse sentido, fizemos o levantamento de todas as ocorrências de cada tipo de reiteração presente em cada texto para entendermos melhor a construção da rede coesiva lexical por reiteração, ou seja, quais foram os recursos coesivos mais utilizados pelos articulistas produtores dos artigos de opinião que compõem o *corpus* deste trabalho.

Diante desse quarto momento, portanto, julgamos que não são necessários todos os artigos de opinião estarem destacados nesta análise por meio de fragmentos e/ou na íntegra, pois se considerarmos a quantidade de ocorrências a que chegamos e nosso objetivo de pesquisa, qual seja: verificar como a coesão lexical, com ênfase na reiteração, é construída em artigos de opinião sobre o Brasileirão 2023, conseguiremos exemplificar como os tipos de reiteração estão presentes nos textos do *corpus* de análise.

De posse de todos os tipos de reiteração, devidamente contabilizados e codificados, pudemos passar à análise dos dados.

4 ANÁLISE DO *CORPUS*

Face aos momentos cruciais da nossa análise, é relevante enfatizar que a organizamos em três etapas: primeiramente, nos concentramos nos artigos de opinião do jornal *Folha de S. Paulo*, explorando os tipos de reiteração presentes em suas redes coesivas lexicais; em seguida, fizemos o mesmo procedimento com os artigos de opinião do jornal *O Globo*; por último, estruturamos os resultados obtidos nos 34 textos, o que nos deu um panorama das ocorrências no *corpus* completo.

Como já destacado, dos 34 textos que constituem o *corpus* de análise, 29 pertencem ao jornal paulista e 05 ao jornal carioca, que podem ter seus nomes, articulistas e datas de publicação verificados nos quadros 04 e 05 (p. 43-45). O levantamento dos textos de ambos os jornais resultou em uma quantidade significativa de ocorrências de coesão lexical por reiteração, conforme mostra a tabela a seguir:

Tabela 01: Ocorrências de reiteração nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*

ARTIGOS DE OPINIÃO <i>FOLHA DE S. PAULO</i> E <i>O GLOBO</i>	
TIPO DE REITERAÇÃO	TOTAL
Repetição	431 (66,93%)
Sinônimo/palavra equivalente	124 (19,25%)
Hiperônimo	85 (13,20%)
Hipônimo	4 (0,62%)
Palavras de sentido geral	0 (0%)
TOTAL GERAL	644 (100%)

Fonte: a autora.

Ao observar a tabela 01, um dado que chama atenção é a quantidade de ocorrências do tipo de reiteração por repetição e por sinônimo/palavra equivalente. Com isso, temos a repetição como tipo de reiteração mais utilizado pelos articulistas dos artigos de opinião em questão do *Folha de S. Paulo* e do *O Globo*, seguida pela reiteração por sinônimo/palavra equivalente, ou seja, nos momentos de retomadas dos itens lexicais, os autores optaram, na maioria das vezes, por repeti-los ou sinonimizá-los.

As tabelas 02 e 03 abaixo, referentes ao *Folha de S. Paulo* e ao *O Globo*, respectivamente, mostram as ocorrências encontradas, separadamente, em cada jornal.

Tabela 02: Ocorrências de reiteração no jornal *Folha de S. Paulo*

ARTIGOS DE OPINIÃO <i>FOLHA DE S. PAULO</i>	
TIPO DE REITERAÇÃO	TOTAL
Repetição	385 (70,13%)
Sinônimo/palavra equivalente	99 (18,03%)
Hiperônimo	65 (11,84)
Hipônimo	0 (0%)
Palavras de sentido geral	0 (0%)
TOTAL GERAL	549 (100%)

Fonte: a autora.

Tabela 03: Ocorrências de reiteração no jornal *O Globo*

ARTIGOS DE OPINIÃO <i>O GLOBO</i>	
TIPO DE REITERAÇÃO	TOTAL
Repetição	46 (48,42%)
Sinônimo/palavra equivalente	25 (26,32%)
Hiperônimo	20 (21,05%)
Hipônimo	4 (4,21%)
Palavras de sentido geral	0 (0%)
TOTAL GERAL	95 (100%)

Fonte: a autora

Passemos, então, à ilustração do exposto por meio de alguns artigos de opinião do *corpus* de análise.

Sendo a repetição o tipo de reiteração mais utilizado, começaremos pela observação de como esse fenômeno coesivo se realiza no contexto analisado. Para identificar os itens reativados e suas retomadas, fizemos uso de negrito e adicionamos um número elevado correspondente a cada item, seguindo a ordem de reativação.

Quadro 06: Texto 02 – Anexo A

<u>Um Palmeiras¹ para todos verem</u> Vence e convence é o clichê. Ganha e encanta é o que o time de Veiga tem feito Que o Palmeiras^{1,1} faz tempo tem vencido e convencido é mais que sabido. Convencido, principalmente, seus torcedores, felizes com as vitórias e as taças, como a ocupação da casa verde comprova à exaustão. Nem por isso escapa dos chatos, nós, os da crítica, ou para não dividir responsabilidades, deste chato, que sempre reconheceu os méritos do time e frequentemente pede mais, reclama por fantasia. Ignoro o que acontecerá no jogo contra o Bragantino², deixo para depois qualquer observação. Limito-me às vitórias, goleadas, bailes, aplicados tanto no humilde Goiás quanto no arrogante, por causa de Renato Gaúcho³, Grêmio. Quando o Palmeiras^{1,2} ganhou o Campeonato Brasileiro, assim como quando venceu duas Libertadores, ninguém ouviu Abel Ferreira⁴ dizer que sua equipe era "de outro patamar", embora fosse, ao menos na América. A frase, ser "de outro patamar", é da feliz autoria de Bruno Henrique, sobre o Flamengo de 2019 e caiu muito bem por verdadeira e espirituosa, totalmente adequada na boca de um jogador. Renato Gaúcho^{3,1} a disse depois da vitória gremista por 1 a 0 sobre o Caxias, da Série D brasileira, 70º colocado no ranking nacional, na decisão do último Gauchinho. O Palmeiras^{1,3} tratou de mostrar-lhe qual é o degrau tricolor. No show do 4 a 1, que teve tudo para ser 6 a 0, um gol a mais que no passeio pela Serrinha, em Goiás, a diferença de patamares ficou tão clara como assustadora. Para quem chorava a ausência de Gustavo Scarpa (primeirão qualquer coisa!), Artur começa a permitir esquecê-lo. Para quem tem saudade de Danilo, e é mesmo para ter, Zé Rafael e Gabriel Menino tratam de diminuí-la. E Dudu nem precisa fazer gols, embora tenha feito em Goiânia, para enlouquecer as defesas adversárias. Se o calendário permitir e o Palmeiras^{1,4} mantiver tamanha qualidade, até um chato admitirá estar diante de nova Academia, para uns a terceira, para outros, como este pobre colunista, a quarta. Porque o time de 1996, por menor que tenha sido a duração, merece a grife: Velloso; Cafu, Sandro Blum⁴, Cléber e Júnior, Flávio Conceição, Amaral, Rivaldo e Djalminha; Müller e Luizão. Blum^{4,1} entra aí um pouco como Pilatos no Credo, mas Félix está na seleção tricampeã da Copa de 1970, e nem por isso. Voltemos aos protagonistas de hoje. Aos poucos, os que seriam candidatos a Blum^{4,2} crescem a olhos vistos, como Mayke, como Luan, fruto de trabalho cada vez mais recatado, nas entrevistas, não ainda à beira do campo, do treinador português, além do mais filósofo do futebol, sem a garganta de Gaúcho^{3,2}, nem a superficialidade de Luxemburgo. Como já foi o Flamengo, como é hoje o Fluminense (e o Cruzeiro está de parabéns pela maneira como o enfrentou), o Palmeiras^{1,5} está dando gosto de ser visto. Um dia perderá, como Abel Ferreira^{4,1} não se cansa de dizer, mas o difícil é saber quando. E, quando acontecer (será contra o Bragantino^{2,1}?) nada alterará a simples constatação de que este Palmeiras^{1,6} vale o ingresso e o tempo a ele dispensado.
--

Fonte: arquivo pessoal.

Quadro 07: Texto 01 – Anexo B

<u>Botafogo¹, o líder versátil</u> Se não joga para acumular percentuais de posse, o time de Luís Castro tem mostrado movimentos sincronizados, capacidade de articular ataques rápidos O gol² de Júnior Santos³, no terceiro minuto de jogo⁴ no Nilton Santos, criou um cenário favorável para o Botafogo^{1.1} ampliar sua liderança no Campeonato Brasileiro. O América-MG cedeu espaços e o jogo^{4.1} terminou por reforçar um rótulo colocado em times que não se caracterizam por ficar longos períodos com a bola: o de serem absolutamente dependentes do contragolpe, incapazes de criar chances de gol de outras formas. É curioso, porque a finalização de Júnior Santos^{3.1} encerra uma sequência de dez passes durante 40 segundos. O gol^{2.1}, aliás, acontece após quase três minutos em que o Botafogo^{1.2} permanecera no campo de ataque, com seus dois laterais em posição ofensiva, meias e atacantes ocupando a área. Todo time de futebol tem um cenário em que se vê mais cômodo. E o Botafogo^{1.3} é, sim, um time que prefere as chamadas transições, os ataques rápidos. É especialmente forte quando recupera a bola e chega ao gol adversário em poucos toques. Tem a segunda menor posse de bola da competição e a terceira menor média de passes trocados por partida. O que não significa praticar um jogo rudimentar, sem elaboração. Tampouco que não pode mover a bola de um lado a outro para tentar criar contra defesas fechadas. [...]

Fonte: arquivo pessoal.

No texto do quadro 06, percebemos que a rede coesiva lexical é construída, sobretudo, pela reiteração por repetição, principalmente a respeito do termo “Palmeiras” (1). O bom desempenho do time paulista no Brasileirão 2023 é o tema central do artigo de opinião e o articulista optou por retomar o nome da equipe, repetindo-o seis vezes, marcadas por componentes referenciais como o artigo *o* e o pronome demonstrativo *este* – que, além de retomar “Palmeiras”, acrescenta uma informação: trata-se da versão atual do Palmeiras, comandado por Abel Ferreira, ou seja, é o Palmeiras de hoje, não de épocas passadas.

Esses componentes mantêm a identidade do referente e reforça que ele já foi introduzido no texto, o que também acontece com o item “Botafogo” (1) no fragmento do quadro 07, em que as repetições também são estabelecidas pelo artigo *o*, tal como ocorre com os termos “gol” (2, 2.1) e “jogo” (4, 4.1) no mesmo fragmento.

Também há, nos textos, a repetição de nomes próprios: “Renato Gaúcho” e “Abel Ferreira” (quadro 06), e “Júnior Santos” (quadro 07). Para Halliday e Hasan (1976), a respeito da reiteração por repetição de nomes próprios, como já explicamos neste trabalho, não é possível ter certeza se o item repetido condiz com sua primeira aparição, pois pode não haver clareza que a identidade dos itens seja a mesma. Além disso, os nomes próprios destacados não têm um componente referencial, que poderia ser algum artigo definido.

Como, então, o leitor pode ter certeza que “Renato Gaúcho”, “Abel Ferreira” e “Júnior Santos” são os mesmos citados anteriormente em seus respectivos textos? O contexto em que

os termos foram usados nos mostra que, ao associar o cenário às informações que abordam os nomes próprios, além das relações lógicas estabelecidas entre os trechos, é possível inferir que se trata dos mesmos indivíduos, incluindo a repetição parcial “Gaúcho” no quadro 06.

Repetições parciais, principalmente de nomes próprios, foram frequentes entre as reiteraões por repetição no *corpus* analisado. Isso porque muitos técnicos e jogadores de futebol são, geralmente, chamados mais por seus sobrenomes, o que deu liberdade para os articulistas retomarem nomes próprios parcialmente, seja somente pelo sobrenome seja somente pelo primeiro nome. O fragmento a seguir de um dos artigos de opinião ilustra bem esse caso.

Quadro 08: Texto 15 – Anexo A

Escalar um novo menino, como se fosse um trabalho autoral, é a cara de **Luxemburgo**, também. Wesley estreou no ano passado, contra a Portuguesa-RJ, pela Copa do Brasil, com informações de que tinha drible e gols. **Luxemburgo** não inventou nada. Recolheu informações, o que é ponto positivo para um treinador.

Nada como no tempo em que parte da imprensa derretia-se dizendo que **Vanderlei** tinha dado nó tático no São Paulo, como se disse depois do primeiro jogo das finais do estadual de 1998. No segundo jogo, Raí voltou da França, destruiu o Corinthians e não se falou mais nem num lacinho.

Desta vez, está mais difícil trabalhar no Parque São Jorge, do que era 25 anos atrás. Mesmo com mais estrutura, a pressão gerada pela chegada e saída de Cuca desmontou o ambiente. **Luxemburgo** precisa de um misto de revitalização de ânimo e de sistema tático.

Fonte: arquivo pessoal.

Fazendo uma breve contextualização, o texto aborda um dos jogos entre Corinthians e São Paulo pelo Brasileiro 2023 e um dos assuntos que o articulista retrata são as escolhas táticas do técnico do Corinthians. No texto completo, a primeira aparição do nome próprio, ou seja, o referente, ocorre pelo nome e sobrenome do técnico, “Vanderlei Luxemburgo”. No fragmento acima, o articulista faz as retomadas por repetições parciais, sendo três vezes com o sobrenome “Luxemburgo” e uma vez com o nome “Vanderlei”.

Essa mescla de retomadas, ora por nome ora por sobrenome, ou até mesmo por nome completo, pode não ocorrer. Observamos que os articulistas optam pela repetição da forma que o técnico ou o jogador é mais conhecido e chamado. Por isso, há casos em que o referente de nome próprio, sua primeira aparição, é somente a forma como indivíduo citado é mais chamado e conhecido, como no caso de Vanderlei Luxemburgo no subtítulo abaixo.

Quadro 09: Texto 08 – Anexo A

Corinthians põe a cabeça para fora

Independentemente da qualidade do futebol, **Luxemburgo** tira o time da confusão

Fonte: arquivo pessoal.

Isso também acontece com o nome da competição que é tema dos artigos de opinião do *corpus*. Houve articulistas que o referenciaram como “Brasileiro”, uma das formas populares de chamá-lo, para, depois, retomar com uma repetição mais completa.

Quadro 10: Texto 21 – Anexo A

Eu poupo, tu poupas, nós poupamos
Times envolvidos nas semifinais continentais pouparam loucamente no **Brasileiro**

No fim de semana, a rodada do **Campeonato Brasileiro** fez este escriba lembrar-se de uma propaganda antiga, provavelmente de algum banco. O slogan no final ensinava: "Quem poupa tem". Era um tempo em que poupar parecia bom.
[...]

Fonte: arquivo pessoal.

Uma situação interessante, pois, possivelmente, o esperado fosse que “Campeonato Brasileiro” aparecesse em primeiro plano por ser o nome oficial, mas “Brasileiro” aparece primeiro, o que pode indicar uma forma de estabelecer diálogo como o público, que se refere mais ao campeonato como “Brasileiro” ou “Brasileirão” e não “Campeonato Brasileiro”.

Há, ainda, repetições por meio das quais os articulistas qualificam os itens no momento de suas retomadas. Essa qualificação pode sugerir a opinião do articulista em relação ao item ou somente ser um fato sobre as características do elemento. Isso ocorre somente nos textos do jornal *Folha de S. Paulo*. Vejamos:

Quadro 11: Texto 09 – Anexo A

Para efeitos da classificação do Campeonato Brasileiro, o 0 a 0 no Dérbi de poucas emoções ficou melhor mesmo para o Botafogo, que poderia ficar oito pontos à frente do **Palmeiras** e ficou dez.

Para o Corinthians, mesmo em casa, o empate serviu para somar mais um pontinho na luta contra o rebaixamento.

Para o **favorito Palmeiras**, os dois pontos subtraídos pesaram mais. Os anfitriões jogaram por uma bola e quase a tiveram. Os visitantes queriam mais, mas estavam em tarde pouco inspirada.

Fonte: arquivo pessoal.

O referente dos itens destacados é “Palmeiras”. O articulista retoma, então, com “o Palmeiras” e, depois, com “o favorito Palmeiras”. A segunda retomada nesse fragmento é uma repetição com qualificação, pois o articulista considerou o Palmeiras como favorito no confronto contra o Corinthians, e isso indica sua opinião a respeito do time alviverde. No próximo fragmento, porém, a situação é diferente.

Quadro 12: Texto 28 – Anexo A

As festas neste final de Brasileirão foram também de despedidas do futebol de excelentes jogadores, como Filipe Luís, do Flamengo, Réver, do Atlético-MG, e Fábio Santos, do Corinthians, além da despedida de **Suárez**¹ do Grêmio e da torcida. Filipe Luís, pelo seu comportamento técnico, pessoal e pela lucidez, tem grandes chances de se tornar um grande treinador.

O veterano Suárez^{1.1}, sem ter mais condições de brilhar em um dos grandes times europeus, deu para o Brasil um curso sobre como ser um centroavante, craque e artilheiro. **Suárez**^{1.2}, com sua movimentação, inteligência, antevisão dos lances e precisão nos passes e nas finalizações, encantou a todos. Mostrou a diferença entre um craque brasileiro e um craque mundial, como ele é. Por outro lado, o estilo do Grêmio, de muita posse de bola e troca de passes, facilitou para **Suárez**^{1.3}.

Fonte: arquivo pessoal.

Sendo “Suárez” (1) o item referente, o articulista o reativa por repetição direta (1.2, 1.3) e também por repetição com qualificação (1.1), mas essa qualificação não indica uma opinião sua sobre o jogador uruguaio Luis Suárez. Ao caracterizá-lo como “veterano”, o articulista apenas nos fornece mais uma informação relacionada à idade do jogador e à sua experiente carreira no futebol.

Apesar dos articulistas do jornal *O Globo* não mobilizarem repetições que qualificam os itens no momento de suas retomadas, há uma repetição em um dos textos desse veículo comunicativo que chamou nossa atenção, que consideramos uma repetição com variação por sinônimo/palavra equivalente, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 13: Texto 03 – Anexo B

A boa e má notícia para o **torcedor alvinegro** no Botafogo x Palmeiras

A má notícia para o **torcedor do Botafogo** é que, de repente, surgiu no horizonte algo indesejável: um jogo que será badalado como se fosse uma decisão, ainda que não tenha um caráter definitivo para os alvinegros. [...]

Fonte: arquivo pessoal.

Percebemos que o termo “torcedor alvinegro”, presente no título, é repetido logo no início do texto por “torcedor do Botafogo”. Em outras circunstâncias, os termos “Botafogo” e “alvinegro”, isolados, formariam uma ocorrência somente de sinônimo/palavra equivalente, uma vez que um dos apelidos do clube carioca é “alvinegro”, devido às suas cores – branco e preto –, e mobilizaria o conhecimento prévio do leitor. No entanto, juntos ao elemento “torcedor”, os dois termos configuram uma repetição com variação por meio de palavras equivalentes, que, como já vimos neste estudo, são aquelas que se tornam sinônimas dentro dos textos.

Além da reiteração por repetição, o outro recurso mais utilizado pelos articulistas dos jornais em suas redes coesivas lexicais foi a reiteração por sinônimo. É importante salientar, como já destacamos neste trabalho, que a reiteração por sinônimo pode ser mais que palavras

que tenham o significado igual, por isso que a noção de sinônimo que empregamos na nossa análise não se delimitou ao senso comum atribuído à sinonímia, pois reafirmamos a fala de Antunes (2005), e concordamos com ela, que, “na oportunidade concreta do texto, é que se pode decidir pela adequação de uma substituição sinonímica” (p. 99-100).

Dessa forma, na análise do *corpus*, procuramos verificar a reiteração por sinônimo tanto com palavras que têm o mesmo significado quanto com palavras ou expressões que, no modo de dizer dos articulistas, possuem sentido equivalente, mas que não têm, obrigatoriamente, alguma significação fora dele.

As ocorrências de reiteração por sinônimo com palavras que têm o mesmo significado foram poucas, totalizando 7 (5,65%). Destacaremos algumas nos fragmentos abaixo:

Quadro 14: Texto 10 – Anexo A

Quem é corintiano morreu de medo de **o pênalti** ser marcado e batido por Luan para fazer o 5 a 4, o que, cá entre nós, além de tirar a arbitragem da epopeia, tornaria o clássico definitivamente épico.

Para Renato Portaluppi, justificadamente indignado, até Stevie Wonder teria marcado **a penalidade**, em mais um comentário politicamente incorreto do bolsonarista.

Fonte: arquivo pessoal.

Quadro 15: Texto 17 – Anexo A

O Flamengo pareceu engolir o Palmeiras no segundo tempo do Allianz Parque. Apesar disso, todos os números do **jogo** indicam que Sampaoli não conseguiu o que queria, nem mesmo quando mandou **na partida**.

Fonte: arquivo pessoal.

Quadro 16: Texto 03 – Anexo B

Antes do **campeonato**, qualquer um dos 20 clubes do Brasileiro adoraria chegar à reta final com três pontos de frente e um jogo a menos do que o rival mais próximo. A situação do Botafogo é privilegiada. O caso é que abrir seis pontos de frente é diferente de ver reduzida aos mesmos seis pontos uma vantagem que já foi de 13. Ou seja, há uma questão mental a administrar.

Hoje, a pergunta mais difícil de responder talvez seja a mais recorrente entre os torcedores: o que aconteceu com o Botafogo? Porque, a rigor, não aconteceu tanta coisa assim.

Antes de avançar no tema, é preciso deixar algo claro: se for campeão brasileiro, o alvinegro o fará com extrema justiça, por ter sido o time que, por mais tempo, jogou o melhor futebol **do torneio**. A partir daí, há algumas ponderações a fazer.

Fonte: arquivo pessoal.

No fragmento do quadro 14, sobre um jogo movimentado e polêmico entre Corinthians e Grêmio, o articulista tem como principal tema o erro, de acordo com sua opinião, de arbitragem que impactou o resultado. A palavra “pênalti” aparece de forma reiterada pelo sinônimo “penalidade”. Uma retomada esperável, uma vez que, no futebol, há irregularidades cometidas pelos jogadores – chamadas de “faltas” – que, ao serem marcadas

pelos árbitros, resultam em punições, e uma delas, se cometida dentro da pequena e/ou grande área do gol do time adversário, é a penalidade máxima, isto é, o pênalti.

Já no fragmento do quadro 15, o articulista trata de um jogo bem disputado entre Palmeiras e Flamengo. O item “jogo” é reiterado por sinônimo no final do trecho, por meio da palavra “partida”. Uma retomada também esperável, já que “partida”, no contexto esportivo, pode corresponder às disputas que ocorrem em competições de esportes.

O fragmento do quadro 16, por sua vez, mostra que o articulista usa “campeonato” como termo referente para citar o Brasileirão 2023 e depois o reitera por sinônimo, ao usar o termo “torneio”. Ambos os termos correspondem às competições em que há disputas.

Compreendemos que é comum que, ao escrever um texto, os produtores, de modo geral, ao não quererem mais repetir palavras para reativar um elemento léxico, optem por recursos mais triviais da língua, que é o emprego de sinônimos previsíveis. É o que percebemos nos fragmentos destacados acima.

No entanto, nos artigos de opinião do *corpus* deste trabalho, percebemos, também, que os articulistas foram além desse emprego de sinônimos previsíveis, ou seja, criaram construções para efeito de reiteração que se tornaram sinônimas dentro dos textos, o que reforça como a sinonímia pode ser ampla e não se restringir ao uso de palavras que possam ser consideradas com o mesmo significado, até porque nem sempre é possível encontrar um sinônimo sob medida, isto é, que atenda, com precisão, às nossas intenções discursivas.

Reparemos no fragmento a seguir:

Quadro 17: Texto 01 – Anexo A

Fluminense brilhou, **Palmeiras**¹ fez o suficiente e São Paulo já preocupa **Alviverde**^{1.1} começou ao seu estilo a marcha para o bicampeonato brasileiro seguido

O Palmeiras^{1.2} começou ao seu estilo a marcha para o bicampeonato brasileiro seguido: jogou o suficiente em casa para vencer o **Cuiabá**² – e só depois que **o adversário**^{2.1} ficou com dez jogadores.

[...]

Fonte: arquivo pessoal.

A primeira retomada do termo “Palmeiras” (1) é feita por “Alviverde” (1.1). O articulista, então, utiliza uma palavra equivalente para reativar o nome do clube, que faz referência a um dos seus apelidos e reforça sua identidade. Entretanto, como saber que “Alviverde” retoma “Palmeiras” se no título do texto é citado outros dois times (Fluminense e São Paulo)? A resposta para isso é o conhecimento prévio do leitor, isto é, para fazer sentido, o leitor tem de ter conhecimento sobre as cores oficiais das três equipes citadas no título, sendo a do Palmeiras o branco e o verde.

Ao tratar da vitória do Palmeiras sobre o Cuiabá, que aconteceu só depois que o Palmeiras teve um jogador expulso, o articulista retoma “Cuiabá” (2) com “o adversário” (2.1). Embora o item lexical “adversário” não seja, a rigor, sinônimo de “Cuiabá”, ele passa a ser contextualmente equivalente, pois a referência é mobilizada pelo contexto situacional devido à percepção que o leitor adquire sobre a situação do jogo entre os dois times.

Ainda sobre a mobilização do conhecimento prévio do leitor, muitos elementos foram usados para reiterar outros que se fundamentaram nessa mobilização. Os mais comuns são por meio de itens que correspondem aos apelidos dos times que fazem referência a alguma característica particular de cada um, como aconteceu no fragmento anterior e acontece nos próximos.

Quadro 18: Texto 11 – Anexo A

Depois de três derrotas seguidas para Flamengo, Atlético Mineiro e Corinthians, além de um empate deprimente, porque em casa, com um dos lanternas, o **Goiás**¹, o **Botafogo**² tinha a missão de enfrentar o **Fluminense**³, finalista da Libertadores, no Maracanã.

O tricolor^{3.1} não sabia o que era perder como mandante nesta temporada.

O Glorioso^{2.1} demitira o inventor português Bruno Lage, que havia deixado o artilheiro do Campeonato Brasileiro, Tiquinho Soares, no banco no primeiro tempo contra **os goianos**^{1.1}, e escolhido o interino Flávio Lúcio, para atender os apelos do elenco.

Fonte: arquivo pessoal.

Quadro 19: Texto 04 – Anexo B

[...] O Palmeiras de Abel Ferreira termina 2023 à frente do **Flamengo** na guerra dos primos ricos.

Já o **Malvadão** chega ao fim de uma temporada pela primeira vez desde 2019, sem um troféu para guardar na sala. Perdeu a Supercopa para o Palmeiras, o Estadual para o Fluminense – com direito a baile do rival, que ainda viu ser campeão da Libertadores no Maracanã – e a Copa do Brasil para o São Paulo de Dorival Júnior (o técnico que a diretoria mandou embora, apesar do sucesso em 2022, por achar que não estava à altura do elenco). Uma coleção de fracassos diametralmente opostos às conquistas que o torcedor rubro-negro se acostumou a ver.

Fonte: arquivo pessoal.

No fragmento do quadro 18, o “sinônimo” empregado para retomar “Goiás” (1) é “goianos” (1.1), fazendo, assim, o leitor ter conhecimento prévio de que o time pertence ao estado da região centro-oeste e, por isso, pode ser retomado por um gentílico. É claro que ainda que o leitor não tenha tal conhecimento prévio, é capaz de entender o pressuposto, pois, como o nome do clube leva exatamente o nome do estado, o gentílico usado parece ser o único item que pode reiterar “Goiás”, mas, nesse caso, o conhecimento prévio sobre as regiões que pertencem os outros clubes citados precisaria ser ativado.

O termo “Botafogo” (2) é retomado por “Glorioso” (2.1), apelido que o time ganhou depois de uma campanha vitoriosa no Campeonato Carioca de 1910. Aqui, mesmo para um

leitor que acompanha o futebol brasileiro, a ativação do conhecimento prévio pode não ser total, pois ele saberá que o Botafogo é conhecido como “Glorioso” por ser uma expressão já conhecida e popular, sem, necessariamente, saber sobre o que aconteceu em 1910.

Ainda sobre o fragmento do quadro 18, o termo “Fluminense” é reativado por “tricolor” (2.1), que, como acontece no fragmento do quadro 17 (p. 55), o leitor necessita saber as cores (e quantas) oficiais dos clubes citados no texto, sendo o Fluminense identificado por três cores oficiais – diferente de Goiás e Botafogo, identificados por duas cada um.

No fragmento do quadro 19, o articulista usa “Malvadão” para retomar “Flamengo”, apelido que o time ganhou em 2021 em sua campanha para a final da Copa Libertadores e que foi inspirado em um funk carioca chamado *Chamo teu vulgo Malvadão* e popularizado por um narrador esportivo. O conhecimento prévio do leitor, mesmo que acompanhe futebol, pode, também, não ser total, pois, embora possa saber que o Flamengo adquiriu esse apelido, pode não saber sobre a música e a adoção do termo como bordão pelo narrador.

Essas retomadas por meio de apelidos, que acabam criando uma sinonímia textual, não deixam de acontecer com o nome do Campeonato Brasileiro, que, como sabemos, também tem suas formas populares de ser chamado. A principal delas é “Brasileirão”, como já foi citado neste trabalho, e que reforça uma prática cultural comum no Brasil, em que nomes e/ou expressões tendem a ser modificados para formas informais e afetuosas. Os outros sinônimos empregados para retomar a competição foram “primeira divisão” e “Série A”.

Quadro 20: Texto 06 – Anexo A

Aquela que seria vitória redentora depois de duas derrotas no **Campeonato Brasileiro** virou empate frustrante, pois o deixou a distantes dez pontos do líder Botafogo, que, sem Luís Castro e com Cláudio Caçapa, atropela quem encontra, como fez com o Vasco ao derrotá-lo por 2 a 0.

Onze vitórias em 13 jogos é coisa para se guardar no fundo do peito Glorioso e para louvar Tiquinho Soares, o nome do **Brasileirão**.

Fonte: arquivo pessoal.

Quadro 21: Texto 28 – Anexo A

O final do **Brasileirão**¹ é o momento de festas, alegrias e também de decepções. Nesta quarta (6), o Palmeiras recebe oficialmente a autorização para comemorar o título, já conquistado. O Cruzeiro vai tentar carimbar a faixa do Palmeiras.

[...]

O Cruzeiro está feliz com a continuação na **primeira divisão**^{1.1} e com a chance, se empatar nesta quarta contra o Palmeiras, de conseguir uma vaga na Copa Sul-americana. O diretor técnico, Paulo Autuori, que dirigiu o time nos últimos jogos, foi, com a sua experiência, conhecimento e lucidez, muito importante na conquista do objetivo de ficar na **Série A**^{1.2}.

Fonte: arquivo pessoal.

Assim como acontece no fragmento do quadro 17 (p. 55) com os termos “Cuiabá” e “adversário”, há outros termos que funcionam como sinônimos de seus referentes devido ao contexto. Vejamos:

Quadro 22: Texto 03 – Anexo A

Contra um **Flamengo** lento e sem imaginação, o Corinthians que tinha ido ao Rio em busca de se defender e achar uma bola, logo percebeu que **o bicho** não era tão feio e deu mais trabalho do que teve.

Fonte: arquivo pessoal.

Quadro 23: Texto 02 – Anexo B

No ano passado, esta coluna reviu um jogo entre Botafogo e **Juventude**², no Nilton Santos. Nos 19 minutos entre o gol **dos gaúchos**^{2.1} e o empate alvinegro, houve só cinco minutos de bola rolando, como queriam **os visitantes**^{2.2}.

Fonte: arquivo pessoal.

No fragmento do quadro 22, sobre um jogo entre Flamengo e Corinthians – no estádio Maracanã, onde o time carioca realiza seus jogos como mandante –, há uma construção de sinônimo bem elaborada pelo articulista para reiterar “Flamengo”. O clube vem se destacando muito no cenário do futebol brasileiro nos últimos anos e é uma equipe forte, competitiva, ou seja, o Corinthians enfrentou um adversário difícil fora de casa enquanto não estava bem no campeonato. Diante disso, ao retomar “Flamengo” como “o bicho”, o articulista fez uso de uma expressão popular que utilizamos para se referir a algum problema difícil de resolver, que, para o Corinthians, no jogo, foi o Flamengo, e, além disso, claro, reforçou as qualidades do time do Rio de Janeiro.

Já no fragmento do quadro 23, “Juventude” é retomado pelos itens “gaúchos” e “visitantes”. Apesar desses itens não serem rigorosamente sinônimos de “Juventude”, eles passam a ser palavras equivalentes. Pelo conhecimento prévio e até mesmo pelo contexto situacional, o leitor é capaz de compreender que o gentílico “gaúchos” reitera “Juventude” devido ao clube ser do estado do Rio Grande do Sul – enquanto o Botafogo representa o Rio de Janeiro – e ser o time visitante (“os visitantes”) porque “Nilton Santos” é o estádio da equipe botafoguense, localizado no Rio de Janeiro, isto é, o Botafogo disputou o jogo em questão em casa.

Dessa maneira, os dois fragmentos acima são exemplos da criação de sinônimos pelos articulistas que passam a ser contextualmente equivalentes, pois, devido ao contexto situacional, o leitor é capaz de reconhecer, a partir das pistas textuais ou até mesmo do conhecimento prévio, a quais termos os itens utilizados como “sinônimo” se referem.

Após todas essas considerações sobre as reiteraões por repetição e por sinônimo/palavras equivalentes que identificamos nos artigos de opinião dos jornais que constituem o *corpus* de análise desta pesquisa, trataremos da reiteração por hiperônimos e hipônimos.

Como já mencionado neste trabalho, a reiteração por hiperônimos é um expediente de coesão lexical que explora a relação entre termos gerais (hiperônimos) e termos específicos (hipônimos) para estabelecer uma relação de sentido.

Uma vez que as temáticas dos artigos de opinião são moldadas pelo Brasileirão de 2023, há uma predominância na abordagem dos times que disputaram o campeonato. Dessa forma, hiperônimos como “time”, “clube” e “equipe” foram os mais utilizados, totalizando 66 ocorrências (77,65%), entre as reiteraões por hiperonímia, como exemplificado nos fragmentos abaixo.

Quadro 24: Texto 05 – Anexo B

É improvável que o **Flamengo**¹ prolongue seu papelão em 2023, seja qual for o treinador escolhido para reconstruir o **time**^{1.1}. Não é recomendável riscar Atlético-MG e Athletico de nenhuma lista de favoritos. O Corinthians já está sob sério risco de eliminação na Copa do Brasil – o que talvez aumente seu interesse pelo Campeonato Brasileiro. Fortaleza e América-MG não vão deixar os lugares que se habituaram a ocupar na mesa dos grandes. O ano vai finalmente começar para os vacilantes Inter, São Paulo, Santos e Botafogo.

A volta de **Bahia, Cruzeiro, Grêmio e Vasco**² à elite é uma boa notícia por vários ângulos: pela quantidade de gente que cada um desses **clubes**^{2.1} é capaz de mobilizar, por engrossar a enorme lista de clássicos que só o Brasil pode proporcionar, por terem se reforçado numa tentativa de evitar a sempre indesejada volta à Série B. O torcedor brasileiro deve ao Grêmio a chance de poder ver Luis Suárez de perto.

Fonte: arquivo pessoal.

Quadro 25: Texto 18 – Anexo A

Botafogo derruba teste de dualidade no Brasil

É cedo para dizer se o **time** será campeão, mas o **clube** está se transformando

Fonte: arquivo pessoal.

Quadro 26: Texto 27 – Anexo A

O **Grêmio**, quarto colocado, é dividido entre um ótimo ataque e uma fraca defesa. Esse desequilíbrio não leva a títulos. Uma das razões da **equipe** sofrer muitos gols é a de que quando o meio campo avança trocando passes com o ataque, os zagueiros continuam próximos da grande área, deixando enormes espaços entre os dois setores, uma deficiência comum em outras equipes brasileiras.

Fonte: arquivo pessoal.

Observamos, então, que os articulistas utilizaram “time” (quadros 24 e 25), “clube” (quadro 25) e “equipe” (quadro 26) como elementos léxicos mais gerais e/ou superordenados

para reiterar, respectivamente, “Flamengo”, “Botafogo” e “Grêmio”, que, no discurso do texto, funcionam como elementos específicos e/ou subordinados.

Ainda, as reiteraões por meio desses termos também foram feitas de forma pluralizada, como é possível identificar no fragmento do quadro 24 (p. 59) e nos fragmentos a seguir.

Quadro 27: Texto 25 – Anexo A

Após as seis primeiras rodadas do Brasileirão, que é muito pouco para fazer análises definitivas, as surpresas positivas são **Botafogo** e **Cruzeiro**, dirigidos pelos técnicos portugueses Luís Castro e Pepa. **Os dois times** se parecem, pela intensidade, pela pressão para recuperar a bola e pela velocidade das jogadas em direção ao gol.

Fonte: arquivo pessoal.

Quadro 28: Texto 13 – Anexo A

Estas linhas, mal traçadas antes de **Flamengo** x **Atlético Mineiro**, acompanhavam a enorme expectativa para o clássico no Maracanã, não apenas pela rivalidade que os mineiros conferem ao jogo como, principalmente, pelo momento de ascensão de ambos **os times** na luta pelo título.

Fonte: arquivo pessoal.

Quadro 29: Texto 27 – Anexo A

Esta quarta (29) é dia de clássico decisivo e histórico entre **Flamengo** e **Atlético-MG**, para lembrarmos de Zico, Reinaldo e outros craques. **As duas equipes** vivem ótimos momentos. Diferem nos detalhes na maneira de jogar.

Fonte: arquivo pessoal.

Nos fragmentos dos textos acima, percebemos, portanto, que há uma reiteração por hiperonímia feita ao mesmo tempo, quando os articulistas usam “os dois times” (quadro 27), “os times” (quadro 28) e “as duas equipes” (quadro 29) para retomar nomes de clubes que são comentados simultaneamente.

Ademais, assim como nas reiteraões por repetição, em que os articulistas qualificam os itens ao retomá-los, esse recurso também ocorre nas reiteraões por hiperônimos. A diferença é que, nos textos do jornal *Folha de S. Paulo*, encontramos apenas uma qualificação que sugere a opinião do articulista em relação ao item (que poderá ser vista mais adiante), e, nos textos do jornal *O Globo*, nenhuma ocorrência com uma qualificação que sugere a opinião do articulista foi identificada. Ou seja, a maioria das qualificaões apenas destacaram características do elemento lexical.

Observemos os exemplos:

Quadro 30: Texto 02 – Anexo A

Um **Palmeiras** para todos verem
 Vence e convence é o clichê. Ganha e encanta é o que o **time de Veiga** tem feito

Fonte: arquivo pessoal.

Quadro 31: Texto 01 – Anexo B

Botafogo, o líder versátil
 Se não joga para acumular percentuais de posse, o **time de Luís Castro** tem mostrado movimentos sincronizados, capacidade de articular ataques rápidos

Fonte: arquivo pessoal.

No quadro 30, o hiperônimo qualificado empregado para se referir a “Palmeiras” é “o time de Veiga”, que é a informação de que na equipe há um jogador chamado Veiga, mobilizando, inclusive, o conhecimento prévio do leitor sobre os jogadores atuais do clube. O mesmo acontece com “Botafogo” no quadro 31, em que é retomado por “o time de Luís Castro”, informando o técnico do clube e, também, mobilizando conhecimento prévio.

No entanto, considerando que os títulos só citam o Palmeiras e o Botafogo e as retomadas são feitas logo nos subtítulos, é possível que um leitor sem tal conhecimento prévio também consiga entender o pressuposto. Entretanto, se houvesse uma distância maior entre os dois termos, a pressuposição poderia ficar prejudicada, já que, ao longo dos textos, os articulistas citam outros times.

Vejamos outros exemplos em que hiperônimos estão qualificados:

Quadro 32: Texto 21 – Anexo A

O **Corinthians** poupou em pleno clássico contra o São Paulo e também perdeu. O **time do Mano** (peço um minuto de silêncio coletivo pelo fim da era Luxemburgo, o Vanderlei) enfrenta agora na Sul-Americana o Fortaleza, outro que poupou, mas empatou.

Fonte: arquivo pessoal.

Quadro 33: Texto 11 – Anexo A

Ao faltarem 12 rodadas para o término do campeonato, só mesmo uma série de catástrofes para tirar do **Botafogo** o título buscado desde 1995.
 Porque quando o país inteiro quis secá-lo ao ver uma chave para reabrir o campeonato, o **time da Estrela Solitária** fechou a porta com chave de prata – a de ouro ainda levará um tempo.

Fonte: arquivo pessoal.

No fragmento do quadro 32, o termo “Corinthians” é reiterado por “o time do Mano”, em que a qualificação faz alusão ao treinador do clube, enquanto o hiperônimo qualificado “o time da Estrela Solitária”, que está destacado no fragmento do quadro 33, retoma “Botafogo”, em menção à única estrela presente no centro do escudo do time carioca. Ambas as situações

exigem conhecimento prévio, uma sobre o treinador do Corinthians e outra sobre um dos símbolos mais marcantes da equipe botafoguense.

Os dois artigos de opinião são do mesmo articulista e observamos que, em quase todos os seus textos, há hiperônimos qualificados, o que destaca seu estilo característico de escrita e personaliza as retomadas aos times. Importante ressaltar que, no fragmento do quadro 32, a escolha por um hiperônimo qualificado dá ênfase na troca de técnicos que houve no Corinthians, já que o articulista pediu um minuto de silêncio pelo fim da era Luxemburgo, ou seja, o time, na ocasião em que o artigo foi escrito, não é mais de Vanderlei Luxemburgo, e sim de Mano Menezes.

Dado que os artigos de opinião abordam o Brasileirão 2023, o nome da competição também foi retomado por hiperônimos, sendo “torneio”, “competição”, “campeonato” os mais comuns (24 ocorrências, que correspondem a 28,24%), como podem ser vistos nos fragmentos abaixo. No fragmento do quadro 37, há a qualificação, citada anteriormente que foi a única encontrada nos textos do *Folha de S. Paulo*, que sugere a opinião do articulista, em que o Brasileirão 2023, para ele, foi incrível.

Quadro 34: Texto 05 – Anexo A

O jogo mais esperado do **Campeonato Brasileiro** deixou a desejar em técnica e emoção, embora tenha sido exemplar para demonstrar por que o Botafogo lidera com sete pontos à frente do vice-líder – agora o Grêmio, que tomou o lugar do Palmeiras.

Com plano de jogo bem definido, o Glorioso deixou o Palmeiras jogar até chegar em seu campo e passou a dificultar a vida alviverde.

Na primeira finalização carioca, já depois da metade do primeiro tempo, Tiquinho fez o que tem feito sempre: o gol da vitória botafoguense, o décimo dele **no torneio**, em lance esperto, mas gol que Weverton poderia ter evitado.

Fonte: arquivo pessoal.

Quadro 35: Texto 24 – Anexo A

Brasileiro começa, e eu não tenho certeza de nada

Tentativa de dividir os times em grupos é conversa fiada; erramos sempre

Segundo os ufanistas, é o melhor campeonato do mundo, por causa do equilíbrio e da grande quantidade de candidatos ao título. Não é bem assim. A tentativa, antes de começar **a competição**, de dividir os times em grupos por qualidades e possibilidades, é conversa fiada. Erramos sempre.

[...]

Fonte: arquivo pessoal.

Quadro 36: Texto 29 – Anexo A

Terminou o **Brasileirão**. Não vou eleger os melhores nem os piores porque **o campeonato** é longo, com subidas e descidas, com ótimas e fracas partidas e com muitos resultados surpreendentes em relação ao desempenho das equipes. Não quero ser incorreto, injusto nem presunçoso.

Fonte: arquivo pessoal.

Quadro 37: Texto 23 – Anexo A

No futuro, o **Brasileiro-2023** será 'aquele que o Botafogo perdeu'
O incrível campeonato deste ano será sempre lembrado pela ótica do derrotado

Fonte: arquivo pessoal.

Destacadas reiteraões por hiperônimo, ainda temos de tratar da reiteração por hipônimos, ou seja, termos específicos que estabelecem uma relação de sentido com termos gerais (hiperônimos).

Nos 29 textos do jornal *Folha de S. Paulo* selecionados, não foram encontradas ocorrências de coesão lexical por reiteração hiponímica, como pode ser visto na tabela 02 (p. 48). Nenhum referente (a primeira aparição de um termo em algum dos textos) funcionou como elemento léxico geral e/ou superordenado, e sim como elemento específico e/ou subordinado, que, conseqüentemente, foi reiterado por algum hiperônimo (como “Flamengo” por “o time”, por exemplo).

Isso significa que os próprios referentes surgiram como hipônimos. Assim como fizemos em todos os tipos de reiteração analisados, somente as retomadas aos termos referentes foram consideradas, e não o referente em si.

Diferente dos textos do *Folha de S. Paulo*, há ocorrências de reiteração por hipônimos nos textos do *O Globo*, como já pôde ser verificado na tabela 03 (p. 48). Vejamos, então, essas ocorrências de reiteração por hiponímias:

Quadro 38: Texto 03 – Anexo B

A boa e má notícia para o torcedor alvinegro no Botafogo x Palmeiras

A má notícia para o torcedor do Botafogo é que, de repente, surgiu no horizonte algo indesejável: um jogo que será badalado como se fosse uma decisão, ainda que não tenha um caráter definitivo para os alvinegros. E esta é justamente a boa notícia: o primeiro turno do time foi tão bom que, mesmo perdendo para o Palmeiras, o Botafogo continuará líder, ainda terá três pontos de frente e um jogo a menos.

Antes do **campeonato**¹, qualquer um dos 20 clubes do **Brasileiro**^{1.1} adoraria chegar à reta final com três pontos de frente e um jogo a menos do que o rival mais próximo. A situação do Botafogo é privilegiada. O caso é que abrir seis pontos de frente é diferente de ver reduzida aos mesmos seis pontos uma vantagem que já foi de 13. Ou seja, há uma questão mental a administrar.

[...]

Fonte: arquivo pessoal.

Ao observamos o par de termos destacado que corresponde à reiteração por hiponímia, é possível identificar que o articulista, embora comente sobre um jogo disputado no Brasileirão 2023, não cita algum dos nomes da competição antes do segundo parágrafo, que é iniciado com “antes do campeonato”.

O termo “campeonato”, como conseguimos perceber durante a análise dos dois jornais, foi um dos termos mais utilizados como hiperônimo, que retomou, principalmente, nos textos do *corpus*, os nomes do Brasileirão. Dessa vez, ele permanece como um item léxico geral/superordenado, mas foi utilizado como termo referente, isto é, a primeira menção à competição é feita assim. Por isso, logo em seguida, ele é retomado por “Brasileiro”, nome parcial de “Campeonato Brasileiro”, que funciona como hipônimo, sendo o elemento específico/subordinado.

Observemos outra ocorrência de reiteração por hiponímia:

Quadro 39: Texto 04 – Anexo B

O Brasileirão que terminou na quarta-feira já tem seu lugar na história da competição. Vai ser difícil falar dele sem mencionar a derrocada do Botafogo, o líder por 31 rodadas que terminou sem vaga na fase de grupos da Libertadores. Mas é justo mencionar, na sequência, que quem aproveitou a oportunidade oferecida foi o maior papão de títulos da história da competição, **o clube mais vencedor da década**, comandado por um treinador cujas conquistas em três anos já o colocam no patamar dos maiores do nosso futebol. **O Palmeiras de Abel Ferreira** termina 2023 à frente do Flamengo na guerra dos primos ricos.

Fonte: arquivo pessoal.

Para comentar sobre a consagração do Palmeiras como campeão do Brasileirão 2023, o articulista, primeiro, escreve “o clube mais vencedor da década”. O termo “clube” também foi um dos termos mais usados como hiperônimo nos artigos de opinião aqui analisados, que retomou os nomes de vários times. No fragmento do quadro 39, ele também permanece como um elemento léxico geral/superordenado, inclusive qualificado, mas, similar à ocorrência do quadro 38, foi utilizado como termo referente. Sua retomada é feita por “O Palmeiras de Abel Ferreira”, que se configura como o elemento específico/subordinado, ou seja, o hipônimo, que traz uma qualificação também.

Com relação às palavras de sentido geral, que advêm de um campo semântico amplo e impreciso, nenhuma palavra, em ambos os jornais, foi usada, no contexto selecionado, para reiterar outro elemento já citado ou até mesmo um enunciado inteiro. A falta dessa ocorrência pode indicar uma preferência dos articulistas por termos mais específicos para não recorrerem às generalizações e obterem uma coesão mais precisa e direta, o que reforça a ideia de que, em textos opinativos, os produtores planejam uma linha argumentativa clara e objetiva para evitar ambiguidades que possam surgir com o uso de palavras genéricas, por exemplo.

Concluídas as análises e as reflexões sobre os tipos de reiteração presentes nos artigos de opinião coletados/selecionados dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, e considerando os dados obtidos com as ocorrências de coesão lexical por reiteração (tabela 01, p. 47), constatamos uma presença expressiva desse mecanismo linguístico, com destaque para a

reiteração por repetição, que se sobressai como a forma predominante de coesão lexical no contexto analisado.

Por meio desse levantamento, concluímos que os articulistas de ambos os jornais utilizaram estratégias de reiteração para estabelecer a coesão lexical de seus artigos de opinião sobre o Brasileirão 2023. Ao retomar termos por meio de repetições, sinônimos/palavras equivalentes, hiperônimos e hipônimos, os articulistas reforçaram seus pontos de vista e construíram uma comunicação mais eficaz e precisa com seus leitores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, verificamos, à luz da Linguística Textual, como a coesão lexical, com ênfase na reiteração, é construída em artigos de opinião sobre o Campeonato Brasileiro de Futebol, apelidado de Brasileirão, na modalidade masculina e do ano 2023, uma das principais competições de clubes futebolísticos no Brasil. Além disso, verificamos como os tipos de reiteração presentes nos textos são utilizados como estratégia textual pelos articulistas e como esses tipos, além de garantir a rede coesiva, enriquecem a argumentação.

Para maior compressão desse recurso da língua, fizemos uma breve apresentação da trajetória da Linguística Textual, compreendendo sua relação com seu objeto de estudo, o texto, e com os mecanismos linguísticos dele decorrentes: a coesão textual e coesão lexical. Depois, traçamos um panorama a respeito de questões que envolvem os gêneros do discurso, a presença dos gêneros opinativos na esfera jornalística e o gênero que constitui o nosso *corpus*: o artigo de opinião.

Os trabalhos de Koch (1997, 1999, 2007, 2009), Fávero e Koch (2012) e Marcuschi (2012) contribuíram significativamente para a análise de muitos aspectos relacionados à coesão e ao seu funcionamento nos textos. Outros teóricos, como Bakhtin (2009, 2011) e Fiorin (2016), também foram essenciais na direção das reflexões sobre os gêneros do discurso, bem como Melo (1985, 2003, 2016), que contribuiu para as considerações sobre os gêneros opinativos da esfera jornalística. Boff, Köche e Marinello (2009), Bräkling (2000) e Costa (2014), por sua vez, colaboraram para ponderações acerca do gênero artigo de opinião. Para a discussão sobre a coesão lexical, Halliday e Hasan (1976), Antunes (2005) e Gonçalves (2000) foram fundamentais para que pudéssemos compreender todos os componentes desse recurso tão importante para esta pesquisa.

Para a realização do percurso metodológico, descrevemos como foi a decisão em trabalhar com textos de opinião sobre o Brasileirão 2023, assim como foi a escolha do gênero,

a escolha dos jornais e a seleção/coleta do *corpus* de análise, composto por 34 artigos de opinião retirados dos jornais brasileiros *Folha de S. Paulo* e *O Globo*.

Os textos do *corpus* foram determinantes para que uma análise significativa das ocorrências de coesão lexical por reiteração pudesse ser realizada. O principal objetivo foi verificar quais tipos de reiteração foram utilizados e como esses recursos garantiram a rede coesiva e enriqueceram a argumentação dos articulistas.

Os resultados ligados a esse objetivo nos trouxeram as seguintes constatações: a) em todos os textos selecionados houve coesão lexical por reiteração; b) os tipos de reiteração mais utilizados foram a repetição (66,93%) e a sinonímia/palavra equivalente (19,25%); c) os tipos de reiteração menos utilizados foram a hiperonímia (13,20%) e a hiponímia (0,62%); d) em nenhum texto houve reiteração por palavras de sentido geral; e) os articulistas, ao retomarem termos lexicais, usaram palavras/expressões que, além de apresentarem suas opiniões e reforçarem suas argumentações, colaboraram para a criação de uma rede coesiva sólida.

O trajeto teórico-metodológico-analítico nos permite afirmar que as conclusões a que chegamos, embora relevantes, não representam um estudo definitivo a respeito da coesão lexical por reiteração, uma vez que sempre há muito o que se revelar e refletir sobre fatos da língua.

Por fim, esperamos que os resultados deste estudo possam ser um instrumento valioso para aprimorar as investigações sobre a coesão lexical, sobretudo em artigos de opinião e em outros gêneros opinativos-argumentativos. Enfatizamos a importância desse recurso linguístico por ele oferecer uma oportunidade de entender melhor o texto e a construção dos sentidos em qualquer gênero do discurso produzido pelos usuários da língua.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. A coesão como propriedade textual: bases para o ensino do texto. *Calidoscópio*, v. 7, n. 1, p. 62-71, 2009.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.

BOFF, Odete; KÖCHE, Vanilda; MARINELLO, Adiane. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 7, n. 13, p. 1-12, 2009.

BRÄKLING, Kátia Lomba. Trabalhando com artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re) significação da palavra do outro. In: ROJO, Roxane. (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN**. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000, p. 221-247.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de Gêneros Textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística textual: introdução**. São Paulo: Cortez, 2012.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, Luiz Carlos. **A coesão lexical**. 2000. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

GOMES-SANTOS, Sandoval Nonato. A linguística textual na reflexão sobre o conceito de gênero. **Cadernos de estudos linguísticos**, v. 44, p. 315-324, 2003.

GRILLO, Sheila. Divulgação científica na esfera midiática. **Revista Intercâmbio**, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

HALLIDAY, Michael; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English**. Londres: Longman, 1976

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Linguística textual: retrospecto e perspectivas. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 41, p. 67-78, 1997.

KOCH, Ingedore G. Villaça. O desenvolvimento da Linguística Textual no Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 15, p. 168-180, 1999.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2007.

LAKATOS; Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A linguística textual: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo:** gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 39, p. 39-56, 2016.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985.

NEIS, Ignácio Antônio. Por uma gramática textual. **Letras de hoje**, v. 16, n. 2, p. 21-39, 1981.

SANTOS, Angela Maria Medeiros Martins *et al.* **Esportes no Brasil:** situação atual e propostas para desenvolvimento. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 6, p. 155-168, 1997.

UBER, Terezinha de Jesus Bauer. **Artigo de opinião:** estudos sobre um gênero discursivo. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2008.

ANEXOS

ANEXO A

Texto 1 – Anexo A

Folha de S. Paulo 16/04/2023

Fluminense brilhou, Palmeiras fez o suficiente e São Paulo já preocupa
Alviverde começou ao seu estilo a marcha para o bicampeonato brasileiro seguido
(Juca Kfoury)

O Palmeiras começou ao seu estilo a marcha para o bicampeonato brasileiro seguido: jogou o suficiente em casa para vencer o Cuiabá – e só depois que o adversário ficou com dez jogadores.

O Fluminense, em compensação, assustou no primeiro tempo e deu show no segundo ao atropelar o América no Horto.

Triste foi a estreia do São Paulo, cuja derrota para o Botafogo no Rio parece dar razão aos que temem por seu primeiro rebaixamento.

O Vasco foi heroico no Mineirão ao sustentar a vitória sobre o Galo, mas deve permanecer com os pés no chão, diferentemente do time mineiro, que precisa botar a cabeça no lugar.

A largada do Campeonato Brasileiro mostrou o equilíbrio de sempre entre os concorrentes e o desequilíbrio habitual de Abel Ferreira, expulso logo na primeira rodada.

Corinthians e Flamengo, protagonistas dos maiores vexames dos jogos de ida da terceira fase da Copa Brasil, receberam, em Itaquera e no Maracanã, Cruzeiro e Coritiba, dois dos mais fracos times do torneio, e cumpriram com suas obrigações. O Flamengo com facilidade ao fazer 3 a 0; o Corinthians nem tanto, com 2 a 1 e pouco futebol, diante de 41 mil torcedores.

No Flamengo, a melhor notícia foi a volta de Bruno Henrique após quase um ano parado, diante de Jorge Sampaoli.

Texto 2 – Anexo A**Folha de S. Paulo 13/05/2023****Um Palmeiras para todos verem****Vence e convence é o clichê. Ganha e encanta é o que o time de Veiga tem feito
(Juca Kfourir)**

Que o Palmeiras faz tempo tem vencido e convencido é mais que sabido.

Convencido, principalmente, seus torcedores, felizes com as vitórias e as taças, como a ocupação da casa verde comprova à exaustão.

Nem por isso escapa dos chatos, nós, os da crítica, ou para não dividir responsabilidades, deste chato, que sempre reconheceu os méritos do time e frequentemente pede mais, reclama por fantasia.

Ignoro o que acontecerá no jogo contra o Bragantino, deixo para depois qualquer observação.

Limite-me às vitórias, goleadas, bailes, aplicados tanto no humilde Goiás quanto no arrogante, por causa de Renato Gaúcho, Grêmio.

Quando o Palmeiras ganhou o Campeonato Brasileiro, assim como quando venceu duas Libertadores, ninguém ouviu Abel Ferreira dizer que sua equipe era "de outro patamar", embora fosse, ao menos na América.

A frase, ser "de outro patamar", é da feliz autoria de Bruno Henrique, sobre o Flamengo de 2019 e caiu muito bem por verdadeira e espirituosa, totalmente adequada na boca de um jogador.

Renato Gaúcho a disse depois da vitória gremista por 1 a 0 sobre o Caxias, da Série D brasileira, 70º colocado no ranking nacional, na decisão do último Gauchinho.

O Palmeiras tratou de mostrar-lhe qual é o degrau tricolor.

No show do 4 a 1, que teve tudo para ser 6 a 0, um gol a mais que no passeio pela Serrinha, em Goiás, a diferença de patamares ficou tão clara como assustadora.

Para quem chorava a ausência de Gustavo Scarpa (primeirão qualquer coisa!), Artur começa a permitir esquecê-lo.

Para quem tem saudade de Danilo, e é mesmo para ter, Zé Rafael e Gabriel Menino tratam de diminuí-la.

E Dudu nem precisa fazer gols, embora tenha feito em Goiânia, para enlouquecer as defesas adversárias.

Se o calendário permitir e o Palmeiras mantiver tamanha qualidade, até um chato admitirá estar diante de nova Academia, para uns a terceira, para outros, como este pobre colunista, a quarta. Porque o time de 1996, por menor que tenha sido a duração, merece a grife: Velloso; Cafu, Sandro Blum, Cléber e Júnior, Flávio Conceição, Amaral, Rivaldo e Djalminha; Müller e Luizão.

Blum entra aí um pouco como Pilatos no Credo, mas Félix está na seleção tricampeã da Copa de 1970, e nem por isso.

Voltemos aos protagonistas de hoje.

Aos poucos, os que seriam candidatos a Blum crescem a olhos vistos, como Mayke, como Luan, fruto de trabalho cada vez mais recatado, nas entrevistas, não ainda à beira do campo, do treinador português, além do mais filósofo do futebol, sem a garganta de Gaúcho, nem a superficialidade de Luxemburgo.

Como já foi o Flamengo, como é hoje o Fluminense (e o Cruzeiro está de parabéns pela maneira como o enfrentou), o Palmeiras está dando gosto de ser visto.

Um dia perderá, como Abel Ferreira não se cansa de dizer, mas o difícil é saber quando.

E, quando acontecer (será contra o Bragantino?) nada alterará a simples constatação de que este Palmeiras vale o ingresso e o tempo a ele dispensado.

Texto 3 – Anexo A**Folha de S. Paulo 21/05/2023****A bela derrota do Corinthians****Como?! Elogiar jogo perdido? Sim, porque, finalmente, o alvinegro jogou um pouco
(Juca Kfourir)**

No chamado Clássico do Povo, deu Flamengo, como era esperado.

Maracanã lotado por 65 mil torcedores, a expectativa diante do histórico recente dos dois times era até de goleada.

Não foi o que se viu. Vitória magra, por 1 a 0, arrancada nos acréscimos por Léo Pereira porque Vanderlei Luxemburgo insistiu em botar Romero no fim do jogo e ele assistiu ao cruzamento de Cebolinha para o zagueiro-artilheiro.

Castigo que nem o treinador corinthiano merecia por ter escalado a melhor formação possível com Bruno Méndez na lateral, Paulinho de volante e Adson no corredor.

Na verdade o Corinthians criou mais chances de gol e o goleiro Santos trabalhou muito mais que Cássio, também porque os paulistas tiveram a sorte de Dom Arrascaeta se machucar no aquecimento e ficar fora do jogo, em prejuízo enorme para a criatividade carioca.

Contra um Flamengo lento e sem imaginação, o Corinthians que tinha ido ao Rio em busca de se defender e achar uma bola, logo percebeu que o bicho não era tão feio e deu mais trabalho do que teve.

A permanência alvinegra na zona do rebaixamento era pedra cantada e a situação do time é tão miserável que, por incrível que pareça, o simples fato de ter jogado futebol minimamente apresentável serve como alento para o próximo clássico, contra o Fluminense, em Itaquera.

E o Argentinos Juniors pela Libertadores?

Sejamos realistas: melhor esquecer tanto o torneio continental quanto a Copa do Brasil e se concentrar em evitar o segundo rebaixamento.

Como será bom, também, esquecer de Romero que já fez o que poderia no Corinthians. E faz tempo.

Texto 4 – Anexo A
Folha de S. Paulo 28/05/2023

Milagre em Itaquera

**Depois de oito jogos sem vitória, Corinthians derrota o superior Fluminense
(Juca Kfoury)**

Nada indicava uma vitória corintiana contra o Fluminense antes do começo do clássico e no intervalo dele, tamanha a superioridade tricolor durante o primeiro tempo, quando só Cássio apareceu do lado alvinegro.

Mas o futebol é cruel e generoso.

Na etapa final a coragem de atacar permitiu dois gols a Róger Guedes, o primeiro em passe de Yuri Alberto, e o segundo, logo depois de os cariocas desperdiçarem incrivelmente o empate, quando o artilheiro quis retribuir a gentileza do companheiro e a bola acabou na rede do Flu.

Cruel com o time de Paulo Henrique Ganso e generoso com o de Renato Augusto que voltou depois de 13 jogos ausente e em poucos minutos pôde mostrar como faz diferença.

A melhor notícia para a Fiel é saber que o próximo jogo que importa, no sábado (3/6), será contra o América-MG, no Independência (Belo Horizonte), pelo campeonato que o Corinthians realmente disputa.

Texto 5 – Anexo A**Folha de S. Paulo 25/06/2023****Tinha um Tiquinho no meio do caminho****O Botafogo mostrou na casa do Palmeiras por que é o líder folgado do Brasileirão
(Juca Kfourir)**

O jogo mais esperado do Campeonato Brasileiro deixou a desejar em técnica e emoção, embora tenha sido exemplar para demonstrar por que o Botafogo lidera com sete pontos à frente do vice-líder – agora o Grêmio, que tomou o lugar do Palmeiras.

Com plano de jogo bem definido, o Glorioso deixou o Palmeiras jogar até chegar em seu campo e passou a dificultar a vida alviverde.

Na primeira finalização carioca, já depois da metade do primeiro tempo, Tiquinho fez o que tem feito sempre: o gol da vitória botafoguense, o décimo dele no torneio, em lance esperto, mas gol que Weverton poderia ter evitado.

O goleiro não evitou, viu Raphael Veiga desperdiçar seu quarto pênalti em 32 cobrados com a camisa alviverde, assim como viu, e de perto, olhos bem abertos, quase de pavor, Victor Sá jogar para fora o 2 a 0 também no segundo tempo.

Verdade que nem foi tão para fora como o pênalti perdido.

O Palmeiras esbarrou no sólido esquema defensivo carioca e ainda se submeteu ao risco constante dos contra-ataques, na segunda derrota seguida de Abel Ferreira para treinadores seus compatriotas – a primeira para Renato Paiva, do Bahia, e agora para Luís Castro, o galã da Estrela Solitária.

Enquanto o Glorioso passou pelo teste de fogo, o Palmeiras tem tabela complicada pela frente, com Athletico Paranaense, na Arena da Baixada, Flamengo, em casa, e Inter, no Beira-Rio.

Abel Ferreira deve conhecer Carlos Drummond de Andrade e sabe que "no meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho", na 12ª rodada, chamada Tiquinho.

Quantas mais haverá?, eis a questão.

Texto 6 – Anexo A
Folha de S. Paulo 02/07/2023

No Paraná, uma partida para enlouquecer Abel Ferreira
Palmeiras foi prejudicado contra Athletico, e uma ótima vitória virou empate frustrante
(Juca Kfourri)

Para sorte de Abel Ferreira, ele estava suspenso por mau comportamento e perdeu a chance de ser expulso novamente na Arena da Baixada.

Porque o Palmeiras teve grave prejuízo quando, logo no quarto minuto do jogo contra o Athletico, o zagueiro paranaense fez pênalti estúpido em Endrick e não foi expulso.

Verdade que mesmo assim o alviverde pôs 2 a 0 de frente, mas, ao ter Garcia expulso, no lance que originou o 2 a 1, não suportou a pressão e acabou tomando o empate em 2 a 2.

Aquela que seria vitória redentora depois de duas derrotas no Campeonato Brasileiro virou empate frustrante, pois o deixou a distantes dez pontos do líder Botafogo, que, sem Luís Castro e com Cláudio Caçapa, atropela quem encontra, como fez com o Vasco ao derrotá-lo por 2 a 0.

Onze vitórias em 13 jogos é coisa para se guardar no fundo do peito Glorioso e para louvar Tiquinho Soares, o nome do Brasileirão.

Texto 7 – Anexo A
Folha de S. Paulo 30/07/2023

Campeonato Brasileiro, além de equilibrado, é muito surpreendente
Botafogo é o campeão do primeiro turno, mas há muita água ainda para rolar
(Juca Kfoury)

Não digam a rara leitora e o raro leitor que de equilibrado o Campeonato Brasileiro nada tem pelo fato de o Botafogo já ser o campeão do primeiro turno, porque há muita água ainda para rolar.

Digam que é surpreendente porque ninguém, muito menos os céticos botafoguenses, com o perdão do pleonasmo, acreditavam em tal possibilidade, reafirmada na marcante goleada sobre o Coritiba por 4 a 1, nona vitória no Nilton Santos, com mais dois gols de Tiquinho, artilheiro do campeonato com 13 gols.

Surpreendente, sim!

Ou alguém diria que o Cuiabá seria o segundo melhor visitante com cinco vitórias (contra América, Cruzeiro, Goiás, Fortaleza e Inter) e um empate (Corinthians) em nove jogos, atrás apenas exatamente do líder Botafogo?

Ou que o São Paulo seria o segundo pior visitante, sem nenhuma vitória em oito jogos, apenas com quatro empates, na frente só do América, penúltimo colocado?

Ou mesmo que o Grêmio, vindo da Série B, estaria brigando no topo da tábua de classificação?

Campeonato maluco, que desafia a caixinha da racionalidade a ponto de deixar o Botafogo tão à frente dos favoritos Flamengo e Palmeiras, dois poderosos em busca de ganhar todos os jogos daqui para a frente se quiserem ainda lutar pelo título, não se enganem, algo possível.

Texto 8 – Anexo A**Folha de S. Paulo 13/08/2023****Corinthians põe a cabeça para fora****Independentemente da qualidade do futebol, Luxemburgo tira o time da confusão
(Juca Kfoury)**

No 27º jogo à frente do Corinthians, Vanderlei Luxemburgo chegou ao 11º jogo seguido invicto, com oito vitórias, classificado para as quartas de final da Copa Sul-Americana, na dependência de empate com o São Paulo para chegar às finais da Copa do Brasil e, mais importante, a caminho de deixar a ameaça de rebaixamento no Campeonato Brasileiro para trás.

Vencer em casa o ameaçado Coritiba era preciso e deixou o time cinco pontos acima da zona da confusão, potencialmente a oito pontos caso vença, contra o Grêmio, o jogo que tem a menos.

Depois de começo trágico é justo dizer que a política de mesclar as estrelas com a garotada tem servido para aliviar a vida corintiana, mesmo sem atuações convincentes e, em regra, contra adversários inferiores, exceção feita ao São Paulo, Fluminense e Atlético Mineiro.

A virada sobre o Coritiba por 3 a 1 comprovou a boa fase.

Texto 9 – Anexo A**Folha de S. Paulo 03/09/2023****O Dérbi igual em tudo e insosso****Até nos gols perdidos, e nos quase gols, Corinthians e Palmeiras empataram 0 a 0
(Juca Kfourir)**

O alvinegro Maycon perdeu gol feito em contra-ataque puxado por Yuri Alberto ao fim do primeiro tempo. O alviverde Breno Lopes perdeu gol feito em contra-ataque puxado por Endrick ao fim do segundo tempo.

Nos primeiros 45 minutos quase o zagueiro Gustavo Gómez fez gol de cabeça em cobrança de escanteio.

Nos últimos 45 minutos quase o zagueiro Gil fez gol de cabeça em cobrança de escanteio.

Para efeitos da classificação do Campeonato Brasileiro, o 0 a 0 no Dérbi de poucas emoções ficou melhor mesmo para o Botafogo, que poderia ficar oito pontos à frente do Palmeiras e ficou dez.

Para o Corinthians, mesmo em casa, o empate serviu para somar mais um pontinho na luta contra o rebaixamento.

Para o favorito Palmeiras, os dois pontos subtraídos pesaram mais. Os anfitriões jogaram por uma bola e quase a tiveram. Os visitantes queriam mais, mas estavam em tarde pouco inspirada.

Dudu faz muita falta e fará até o fim da temporada, principalmente na Libertadores. Renato Augusto, poupado, faz mais falta ainda e assim será até o fim da temporada, às vezes sim, às vezes não, e o sim será na Copa Sul-Americana, enquanto durar.

Emocionante mesmo em Itaquera, com mais de 43 mil torcedores, foi o choro do menino Moscardo, 17, ao saber, no intervalo do clássico, que havia sido convocado para a seleção brasileira pré-olímpica.

Já houve Dérbis melhores. Oxi! Aliás, 0x0...

Texto 10 – Anexo A**Folha de S. Paulo 20/09/2023****Como estragar um jogo de oito gols****A epopeia de Itaquera acabou nublada pelo erro escandaloso da arbitragem
(Juca Kfourir)**

Teria sido, e talvez ainda venha a ser, clássico para entrar na galeria dos jogos imortais.

Por mais que se possa destruir as defesas de Corinthians e de Grêmio, jogo que termina em 4 a 4 é garantia de diversão.

Principalmente para quem não é dos Mosqueteiros paulistas nem dos gaúchos, que homenagearam Alexandre Dumas como ele merece. Mosqueteiros que, como se sabe, eram quatro.

O jogo foi diversão pura e disputado em muitos tempos, dois só no primeiro.

Até pouco mais da metade da etapa inicial, o Grêmio deu um baile no Corinthians, com triangulações entre os espaços deixados pela generosa defesa alvinegra, e construiu o 2 a 0 que parecia prenúncio de goleada.

O recuo incompreensível permitiu então o segundo jogo nos primeiros 45 minutos, que, de fato, foram 51.

Pênalti desnecessário em Renato Augusto apagou a luz gremista e em seis minutos deu-se a mais inesperada virada dos últimos anos: 3 a 2 e não se fala mais nisso.

Fala-se sim.

Porque o segundo tempo viveu apenas 13 minutos para ver nova virada, com mais dois gols tricolores, um deles com refinado toque de bico de Luis Suárez para vencer o gigante Cássio.

Pronto!

O Grêmio havia retomado o comando da partida e se imposto como esperado, porque time, não bando como rival, embora recheado de bons jogadores.

Pronto nada.

Porque o Corinthians ainda achou como empatar em 4 a 4. E estava tudo muito bem, tudo muito bom, jogo fechado para entrar nos anais e ser lembrado daqui a 50 anos.

Qual o quê!

Trapaça dos deuses dos estádios, provavelmente irritados com o placar bailarino que costuma esconder as deficiências de cada time, um pênalti clamoroso de Yuri Alberto acabou desconsiderado pelo assoprador de apito (da Fifa!) e pelo VAR da CBF, que resolveu suspender os irresponsáveis e devolvê-los aos bancos escolares, embora seja improvável que desconheçam a regra.

Mais possível é a necessidade de duas, uma: oculista ou terapeuta – para controlar pânico de apitar contra o dono da casa. Em Porto Alegre, não tenham dúvidas a rara leitora e o raro leitor, o pênalti seria marcado.

Tanto bastou para os oito gols serem indevidamente mandados a escanteio e a "desarbitragem" ganhar mais espaço.

Aqui mesmo, como se constata.

E olhe que raramente você encontra o nome dos assopradores, muito menos os dos aVARcalhadores de nossa paixão, como também agora não se lerá.

Retomemos o fio.

Quem torce para o Inter adorou ver seu ex-centroavante Yuri Alberto estragar a festa do rival.

Quem é corintiano morreu de medo de o pênalti ser marcado e batido por Luan para fazer o 5 a 4, o que, cá entre nós, além de tirar a arbitragem da epopeia, tornaria o clássico definitivamente épico.

Para Renato Portaluppi, justificadamente indignado, até Stevie Wonder teria marcado a penalidade, em mais um comentário politicamente incorreto do bolsonarista.

Já para o lulista Vanderlei Luxemburgo, tomar quatro gols em casa deve ter sido a gota definitiva que transbordará mesmo que venha a taça sul-americana.

Ele, assim como Jorge Sampaoli, e como também aconteceu com Dorival Júnior na Gávea em 2022, parece fadado a engrossar a lista do vizinho Sandro Macedo – na verdade, menos uma lista e mais um cemitério de treinadores que o colunista, mau feito pica-pau, enriquece sadicamente a cada semana.

Viva o 4 a 4! Abaixo o apito!

Texto 11 – Anexo A**Folha de S. Paulo 08/10/2023****Botafogo impecável no rumo certo****Todos queriam a derrota do líder, mas ninguém ganhou. Só ele, absoluto, seguro
(Juca Kfoury)**

Depois de três derrotas seguidas para Flamengo, Atlético Mineiro e Corinthians, além de um empate deprimente, porque em casa, com um dos lanternas, o Goiás, o Botafogo tinha a missão de enfrentar o Fluminense, finalista da Libertadores, no Maracanã.

O tricolor não sabia o que era perder como mandante nesta temporada.

O Glorioso demitira o inventor português Bruno Lage, que havia deixado o artilheiro do Campeonato Brasileiro, Tiquinho Soares, no banco no primeiro tempo contra os goianos, e escolhido o interino Flávio Lúcio, para atender os apelos do elenco.

Deu certo e como deu certo!

O Botafogo que o Fluminense enfrentou para representar as torcidas das Laranjeiras, da Água Branca, da Gávea etc, teve a mesma leveza e coragem mostradas no primeiro turno, quando sobrou na turma.

Antes da metade do primeiro tempo já vencia por 2 a 0 e antes dos 30 minutos obrigou Fernando Diniz a substituir um zagueiro para equilibrar o Clássico Vovô, o mais antigo do Brasil, desde 1905.

O segundo gol, golaço, por cobertura, foi de Tiquinho, aquele que também havia feito o gol de empate contra o Goiás e derrubou o Lage.

O colegiado do Glorioso, que um jornalista apressado apelidou de Democracia Botafoguense, prevaleceu, e tinha pisado no Maracanã sabedor do empate por 1 a 1 do Flamengo com o Corinthians na noite anterior, o que mantinha o maior rival longe dele.

Ao chegar ao vestiário, depois de derrotar o Fluminense, soube que tanto o Palmeiras quanto o Grêmio tinham perdido para Santos e Inter, respectivamente, por 2 a 1 e 3 a 2.

Só faltava o Bragantino tropeçar na Arena da Baixada contra o Athletico Paranaense, em jogo no começo da noite e que a coluna, dado o prazo do fechamento, não pôde esperar.

Na pior das hipóteses para os botafoguenses, vitória do clube paulista, a vantagem botafoguense permaneceria de confortáveis sete pontos. Na melhor, subiria para dez, na ainda muito boa, o empate, ficaria em nove.

Nada, no entanto, mudaria os 11 pontos de vantagem sobre Grêmio, Palmeiras e Flamengo.

Porque por mais complexo, como diz Mano Menezes, que o futebol seja, há certas coisas muito simples.

Uma delas é não querer inventar a roda quando a dita cuja está rolando suave pelos caminhos do sucesso.

Exatamente como fez Cláudio Caçapa ao substituir o também lusitano Luís Castro, que trocou General Severiano pelos petrodólares da ditadura saudita.

Lage quis fazer o professor Pardal e deu-se mal, muito mal.

Ao faltarem 12 rodadas para o término do campeonato, só mesmo uma série de catástrofes para tirar do Botafogo o título buscado desde 1995.

Porque quando o país inteiro quis secá-lo ao ver uma chave para reabrir o campeonato, o time da Estrela Solitária fechou a porta com chave de prata – a de ouro ainda levará um tempo.

Texto 12 – Anexo A
Folha de S. Paulo 11/11/2023

Como nas provas do turfe, o Brasileirão chega ao término com muita emoção
Botafogo era barbada e agora parece não pagar nem placê
(Juca Kfoury)

Cabeça a cabeça, o Campeonato Brasileiro de 2023 chega às últimas seis rodadas, para alguns, ou cinco, para a maioria, com suspense como nunca antes neste país.

O líder Botafogo, menos, o Grêmio, surpreendente, o Palmeiras, sempre, o Bragantino, azarão, e o Flamengo, ao correr por fora, com chances de levantar a taça. Até o Atlético Mineiro ainda pode cantar de galo caso o inesperado pregue mais uma peça nesta corrida maluca que justifica a fama de ser o torneio mais equilibrado do planeta. Longe de ser o melhor, é, disparado, o mais emocionante.

Havia um locutor que, ao transmitir as corridas dos cavalinhos no Jockey Club de São Paulo, anunciava antes do momento culminante na linha de chegada: "E entram na reta final". Mais que os quadrúpedes a se atropelar, impressionava a rapidez do relato sem que nenhuma palavra se sobrepusesse às seguintes.

Pois eis que está difícil não quebrar a língua neste final de campeonato. A cara quebramos todos, com nossas previsões dignas dos economistas e dos meteorologistas.

O Botafogo era barbada e agora parece não pagar nem placê, quer dizer, não chegar nem entre os três primeiros – a materialização do chamado paraguaio, com todo o respeito aos guaranis.

O Grêmio veio da Série B e está no páreo, enquanto os outros três que subiram com ele, Bahia, Cruzeiro e Vasco, lutam desesperadamente para não cair outra vez, depois de terem virado SAF e o diabo a quatro.

Ao virar epicamente contra o líder, o Palmeiras pareceu ter retornado à pista da vitória, mas levou uma traulitada que, embora possa ser revertida, embolou o pelotão de chegada.

O Bragantino faz com brilho o papel de azarão, de quem se esperava campanha apenas equilibrada, e ainda neste domingo (12) pode assumir a ponta.

Quem atropelou o Palmeiras, o Flamengo, sob novo ginete, sem usar chicote, mas refinado na sela, tem jogadores de raça para o arranque final, disposto a repetir a corrida de 2009, quando tirou 12 pontos de desvantagem nas últimas 12 rodadas e cruzou o disco final na frente.

Então, no futebol, não havia o VAR da CBF, que mais atrapalha em vez de ajudar, mas existia o photochart, para não deixar qualquer dúvida sobre o vencedor.

Tudo indica que assim será nesta temporada, campeão decidido na derradeira hora, assim como os dois ocupantes das valas do rebaixamento, embate duro entre Bahia, Vasco, Cruzeiro e Goiás, apesar de a vida ainda não estar em paz para Corinthians e Santos.

Lembremos: desses seis, só o Santos nunca caiu —e está sendo capaz de se recuperar mesmo depois do acachapante 7 a 1 imposto pelo Inter.

Bahia, Coritiba e Goiás caíram seis vezes e fogem da sétima. O Vasco caiu quatro vezes, e o Cruzeiro, uma, mas levou três anos na Série B. O Corinthians acabou rebaixado uma vez, em 2007, sob a presidência de Andrés Sanchez.

A briga para evitar a queda habitualmente reúne mesmo muita gente.

A novidade é a disputa de tantos pelo título, que inclui até o Atlético, cuja torcida fez do "Eu acredito" o mantra que o levou ao título da Libertadores, em 2013.

O jornalista Benjamin Wright, pai do ex-árbitro José Roberto Wright, disse que o futebol é uma caixinha de surpresas.

E olhe que ele não conheceu Pedro, também Caixinha, o técnico luso do azarão Bragantino, que concorda e acrescenta: "A cavalo dado não se olha os dentes".

Texto 13 – Anexo A**Folha de S. Paulo 29/11/2023****Brasileirão alterna bons e maus jogos enquanto sobram emoções****Briga para não cair está em vias de exigir a maior pontuação de todos os tempos
(Juca Kfoury)**

Como todo campeonato em qualquer parte do mundo, o Brasileiro mistura riqueza técnica com pobreza, mas, como poucos, oferece emoções sem parar.

Como diz o jornalista Arnaldo Ribeiro, o torneio nivelou por baixo a parte de cima da tábua de classificação e por cima a parte de baixo.

De fato, a disputa pelo título está tão acirrada que o máximo de pontos que o campeão poderá obter será a marca de 72 pontos, com o que ficará parecido ou igual a apenas outras cinco edições do campeonato de 2005 para cá.

O campeão com menor número de pontos foi o Flamengo, em 2009, com 67 pontos, única vez em que o vencedor não ultrapassou a marca dos 70 pontos.

Ao mesmo tempo, a briga para não cair também está em vias de exigir a maior pontuação de todos os tempos.

Foi o Coritiba, no mesmo ano de 2009, quem caiu com o maior número de pontos, os tais mágicos 45 pontos.

Pois eis que neste Brasileirão até quem já tem 47 pontos ainda não se sente totalmente seguro.

Estamos mesmo vendo o campeonato mais equilibrado do Planeta Bola, longe de ser o melhor, primazia disparada da Premier League, embora seja impressionante o desempenho de quatro das cinco equipes espanholas na atual Liga dos Campeões da Europa; apenas o Sevilla não é líder do seu grupo.

Temos visto sim bons jogos pelos gramados do Patropi.

Entre os mais recentes, Flamengo e Bragantino foi um deles, sem necessariamente ter sido de muitos gols, ao contrário, limitou-se a apenas um, dos rubros-negros.

Estas linhas, mal traçadas antes de Flamengo x Atlético Mineiro, acompanhavam a enorme expectativa para o clássico no Maracanã, não apenas pela rivalidade que os mineiros conferem ao jogo como, principalmente, pelo momento de ascensão de ambos os times na luta pelo título.

E estas mesmas linhas podem enfatizar quão bom acabou sendo a disputa entre Vasco e Corinthians, em São Januário, partida cuja expectativa era apenas a de ser guerreada e que acabou com ótimos momentos técnicos, principalmente no primeiro tempo, apesar da chuva forte que desabava sobre o Rio.

Excelente que o resultado tenha praticamente eliminado o risco de queda do alvinegro ao atingir 47 pontos, mas só praticamente.

Péssimo que tenha significado a possibilidade da quinta queda do Vasco, hoje com 42 pontos, dois jogos a disputar, um fora de casa, com o Grêmio, e outro dentro, com o Bragantino, quando possivelmente precisará dos seis pontos para escapar – algo que soa como hercúleo.

Enfim, "habemus championatum", significa dizer para a rara leitora e para o raro leitor que não apreenderam latim, como o pobre escriba, "temos campeonato"!

E será de matar do coração nas duas pontas até o fim, satisfação garantida ou seu dinheiro de volta.

Texto 14 – Anexo A**Folha de S. Paulo 13/12/2023****Para tudo continuar na quarta-feira****O Palmeiras começou sua festa em casa, seguirá no Mineirão e até o ano que vem
(Juca Kfoury)**

O Palmeiras vive a deliciosa sensação de curtir a festa antes mesmo de a festa começar para valer.

Em casa, ao ganhar do Fluminense sem tomar maiores sustos, a torcida alviverde abriu as comemorações, alto e bom som.

O 1 a 0 nem exprimiu o que aconteceu no gramado, porque se fosse 3 a 0 não teria havido exagero.

Mas também nem de saldo de gols o time precisa mais, tamanha a vantagem que tem sobre os pretendentes ao título que o Palmeiras ganha pela segunda vez seguida e pela oitava vez desde 1971, marca que ninguém tem.

Somados os dois Robertões que, estes sim, deveriam ser contabilizados como Brasileirões, eis aí o único decacampeão brasileiro.

Alguém dirá que o alviverde deve agradecer ao Botafogo.

Deve nada.

Tem de agradecer a si mesmo pela capacidade de reação demonstrada depois que a temporada parecia perdida e é inegável que Abel Ferreira tem muito, mas muito a ver com isso.

Texto 15 – Anexo A**Folha de S. Paulo 14/05/2023****O clássico de quem se conformou com pouco****Corinthians conforma-se com manter tabu sem derrotas para o São Paulo na Neo Química (PVC)**

Vanderlei Luxemburgo chegou à Neo Química Arena falando sobre todo o trabalho dos últimos dias para reconstruir o Corinthians. Só tocou em aspectos de relacionamento. Nos velhos tempos em que foi o melhor técnico do país, Luxemburgo mexia na parte tática. Mesmo com palestras motivacionais, como quando deu uma fralda ao zagueiro Gladstone, do Cruzeiro.

Nos seus sucessos, o valor era estratégico, não motivacional.

O Corinthians começou bem, com problemas de marcação, porque Fausto Vera encostava em Luciano e não havia quem acompanhasse Michel Araújo, quando saída da ponta esquerda para dentro.

Também por um velho dilema: Roger Guedes não marca ninguém.

Razão pela qual Rafinha fez a ultrapassagem para receber o passe de Wellington Rato e servir Michel Araújo, sem ninguém a incomodá-lo na jogada do primeiro gol. Gil falhou.

Não mudou durante todo o primeiro tempo, nem mesmo quando Wesley foi para o lado esquerdo, para sofrer o pênalti. A intenção de Luxemburgo, com a inversão de Roger Guedes, para a direita, Wesley para a esquerda, era forçar o segundo amarelo de Caio Paulista. Acabou alcançando a jogada do pênalti do menino Wesley.

Roger Guedes empatou.

Escalar um novo menino, como se fosse um trabalho autoral, é a cara de Luxemburgo, também. Wesley estreou no ano passado, contra a Portuguesa-RJ, pela Copa do Brasil, com informações de que tinha drible e gols. Luxemburgo não inventou nada. Recolheu informações, o que é ponto positivo para um treinador.

Nada como no tempo em que parte da imprensa derretia-se dizendo que Vanderlei tinha dado nó tático no São Paulo, como se disse depois do primeiro jogo das finais do estadual de 1998. No segundo jogo, Raí voltou da França, destruiu o Corinthians e não se falou mais nem num lacinho.

Desta vez, está mais difícil trabalhar no Parque São Jorge, do que era 25 anos atrás. Mesmo com mais estrutura, a pressão gerada pela chegada e saída de Cuca desmontou o ambiente. Luxemburgo precisa de um misto de revitalização de ânimo e de sistema tático.

Dorival Júnior mexeu também no ambiente do vestiário. Entendia-se que o excesso de críticas tirava confiança. Defensivamente, o São Paulo melhorou. Em sete partidas, só dois gols sofridos, um de fora da área, do Coritiba, outro de pênalti, de Roger Guedes.

Beraldo foi o melhor em campo. Dorival Júnior defende com posse de bola 61%, mas com um mísero chute no alvo, o gol de Michel Araújo.

Falta mais profundidade ao São Paulo, defeito refletido pelos oito gols em sete partidas desde a mudança de comando técnico. O Tricolor está mais forte, mais confiante, só que parece mais propenso às disputas das Copas do que do Brasileiro.

Pelo menos por enquanto.

O Corinthians rejuvenesceu e escalou só quatro jogadores acima dos 31 anos, Cássio, Fágner, Gil e Giuliano. Ter três deles no sistema defensivo dificulta marcar no campo de ataque. Tudo vai explodir nos zagueiros lentos.

Resta, por enquanto, explorar os contra-ataques, nas partidas mais difíceis, como o clássico contra o São Paulo. O Corinthians conforma-se com pouco. Esperar o final do jogo, sem sofrer mais uma derrota. Manter o tabu, com 17 partidas sem derrotas contra o rival na Neo Química e quatro empates seguidos, nas últimas quatro visitas são-paulinas.

Texto 16 – Anexo A**Folha de S. Paulo 21/05/2023****O litígio corintiano com as vitórias****Ter quatro técnicos nas quatro rodadas iniciais do Brasileiro ajuda a compreender o momento do Corinthians (PVC)**

Murillo não subiu nem sequer a espessura de uma gillette e assistiu da pequena área a Léo Pereira cabecear para o gol da vitória do Flamengo, aos 48 minutos do segundo tempo. O zagueiro, improvisado de centroavante, porque não podia ser substituído depois de machucado. O gol mostra erros tanto do Flamengo quanto do Corinthians.

O equívoco corintiano é óbvio.

Passar o jogo apenas defendendo, pedindo para sofrer o gol. Principalmente nos últimos 30 minutos.

"Se ficarmos só nos defendendo, vamos perder a partida", disse Luxemburgo na chegada ao Maracanã. Se não é mais o melhor técnico do país, pode ser o melhor profeta.

O do Flamengo é acumular lesões musculares, como a de Léo Pereira e, antes da partida, de Éverton Ribeiro. O rubro-negro teve quatro técnicos e, conseqüentemente, quatro preparadores físicos diferentes nos últimos 11 meses. Para tentar alcançar seu melhor nível tático, Sampaoli deixou o time sem folga por 34 dias. As lesões começam a aparecer.

Com tudo isto, Flamengo e Corinthians, com Jorge Sampaoli chamado de burro, foi inesperado. Na quarta-feira (17), o técnico do Corinthians parecia definhando em rede nacional, enquanto seu time era vítima do volume de jogo incessante do Atlético-MG.

Por isso, mudou sutilmente o posicionamento de Roger Guedes, mais livre de responsabilidade defensiva, com Maycon à esquerda na linha de meio de campo.

Pouca gente entendeu por que Paulinho passou a jogar como primeiro volante. Não tem força para ser o segundo homem de meio de campo de seus melhores dias nem criatividade para jogar no ataque. A tentativa é ter bom passe e liderança no posicionamento.

Nos velhos anos 1990, Luxemburgo dizia que volante "não pode encostar a bunda no chão" e enxergar o jogo de trás, onde há espaço para fazer a organização.

Paulinho, em boa forma física, pode fazer isto.

Teve boa atuação no Maracanã.

O Corinthians ainda tem excessiva preocupação defensiva, explicável, porque o Flamengo vinha de grande atuação no Fla-Flu. A marcação por pressão de Sampaoli produziu oito recuperações de bola e 19 faltas no campo de ataque. Léo Pereira informou que a ordem de Sampaoli era de desarmar antes de o adversário passar a linha do meio de campo. Se não conseguisse, falta neles.

Sampaoli vai tirar mais do Flamengo do que Luxemburgo tirará do Corinthians, é o indício não apenas dos momentos dos dois treinadores, como das estruturas dos dois clubes. Mas o ex-técnico da seleção brasileira luta arduamente para mostrar-se vivo. Mostrou-se até o último instante do Maracanã, até Murillo virar admirador do cabeceio de Léo Pereira.

Luxemburgo chegou lembrando do início ruim de sua primeira passagem. Agora é pior. Em 1998, perdeu os cinco primeiros jogos oficiais. Desta vez, não vence há seis jogos, com quatro derrotas e dois empates. O Corinthians não vence desde 26 de abril, sete partidas, desde o jogo da despedida de Cuca.

Mais do que a escolha de Fernando Lázaro no início do ano, o que fez mal ao Corinthians foi a diretoria desistir dele por Cuca.

A passagem relâmpago criou imenso mal-estar.

Ter quatro técnicos nas quatro rodadas iniciais do Brasileiro ajuda a compreender por que o Corinthians está em litígio com a vitória.

Texto 17 – Anexo A**Folha de S. Paulo 09/07/2023****Palmeiras e Flamengo mostram evolução do Brasileiro****Clássico no Allianz teve variação tática digna dos principais torneios europeus (PVC)**

O clássico Palmeiras x Flamengo, no sábado (8), é o símbolo de como o Campeonato Brasileiro melhorou nos últimos anos. Há o maior público da história, a maior média de gols em 12 anos e o repertório tático mais variado em décadas.

Neste último critério, o duelo entre os estilos de Abel Ferreira e Jorge Sampaoli causa impacto.

O Flamengo pareceu engolir o Palmeiras no segundo tempo do Allianz Parque. Apesar disso, todos os números do jogo indicam que Sampaoli não conseguiu o que queria, Nem mesmo quando mandou na partida.

Os desarmes e recuperações de bola aconteceram na intermediária, não no campo de ataque. Abel Ferreira viu seu time finalizar 13 vezes, quatro a mais do que o rubro-negro e quatro delas no segundo tempo.

Nessa parte do jogo, mesmo sem acertar o alvo, teve a chance de fazer o segundo gol em contra-ataque de Dudu e no cruzamento de Mayke, finalizado por Piquerez.

Foram as chances mais claras da segunda etapa, apesar do domínio rubro-negro.

Como tinha só um atacante do outro lado, Abel abriu mão da saída com três homens e deixou Mayke como parceiro de Artur pela direita. Foi dele o cruzamento para Rony cabecear na trave e, no rebote, Dudu fazer 1 a 0.

As inversões do lado da jogada atrapalharam o Flamengo, que transformou a partida com as alterações de Sampaoli. Primeiro Éverton Ribeiro. Depois, de Arrascaeta. Quando o Palmeiras pensava em Gérson como responsável por alargar o campo pela esquerda, o meia variava entre a ponta e a meia esquerdas.

Confundia a marcação, jogando entre Gabriel Menino e Mayke. Se o lateral palmeirense ia à caça, Ayrton Lucas projetava-se como ponta. Ficavam cinco avante do Fla contra quatro defensores verdes.

Abel tentou definir a marcação colocando terceiro zagueiro, quando o atacante Artur sentiu lesão no calcanhar. Imediatamente, Sampaoli colocou Bruno Henrique. Fez seis vestidos de branco, contra cinco defensores de verde, na última linha.

De branco porque o Flamengo resolveu jogar no Allianz Parque disfarçado de maior rival: camisas brancas, calções pretos e meias brancas. Como se fosse o Corinthians. Foi a segunda vez seguida com este uniforme. Curioso venha conseguindo equilibrar as estatísticas na casa palmeirense, como só o Corinthians consegue em clássicos.

Em nove visitas, o Flamengo ganhou duas e empatou cinco. Não perdeu os últimos seis encontros em São Paulo. Mas não ganha do Palmeiras há cinco partidas, em qualquer lugar, incluindo a final da Libertadores de dois anos atrás.

Abel parece ter aprendido a jogar contra o rival que, admite, tem inferioridade. Nem tanto tática, até porque seu trabalho já leva quase três anos e o Flamengo muda de técnico a cada seis meses. A diferença é de elenco e passa pela questão econômica.

O Flamengo arrecadou R\$ 100 milhões de TV a mais no ano passado, quase R\$ 1 bilhão a mais de receita nos últimos três anos. Por isso, tinha Arrascaeta, Éverton Ribeiro e Bruno Henrique no banco.

Os três melhoraram muito o jogo do ponto de vista técnico. Não a ponto de se comparar com os maiores jogos da Europa.

No plano tático, não foi outro esporte. A partida teve alternâncias de comando e de estratégias, como raras vezes se viu nos vinte anos de pontos corridos.

Texto 18 – Anexo A**Folha de S. Paulo 16/07/2023****Botafogo derruba teste de dualidade no Brasil****É cedo para dizer se o time será campeão, mas o clube está se transformando (PVC)**

Luís Castro afirma, na Arábia Saudita, que o Botafogo é o time com mais chance de ganhar o Brasileiro, não pela distância aberta na tabela. Pelos blocos táticos que se movem de modo compacto. As duas linhas de quatro se movimentam como se tivessem cordões a definir a posição exata de cada jogador.

Sem ser um pebolim, ou totó como se diz no bairro do Engenho de Dentro, no Rio, sobe e desce com exata noção do que precisa ser feito: "O bloco", salienta Luís Castro.

Por que, então, o técnico português deixou a chance de ficar na história como campeão brasileiro? "O que sempre quis foi reconhecimento. Ser chamado pelo melhor do mundo é ser reconhecido", disse o treinador, em conversa telefônica, há dez dias.

O dinheiro também pesa, mas até John Textor disse que, se Cristiano Ronaldo pedisse, largaria tudo e ia atrás do sonho.

Textor estava na França no mesmo dia, negociando a contratação de Bruno Lage. Seguiu para o Caribe, onde assinou o contrato do novo treinador.

Na quarta-feira (12), estava no Rio de Janeiro no início da tarde, para a apresentação de Lage. À noite, juntou-se à torcida na arquibancada, em Paraná, na Argentina, vitória sobre o Patronato. No sábado, assistiu a Botafogo x Bragantino pela TV, em Nova York. Antes da pandemia, a média de espectadores no Nilton Santos era de 15 mil. Havia 37 mil na vitória contra o Bragantino.

Não foi a melhor atuação alvinegra até agora. O Bragantino teve mais posse de bola, finalizou mais. Esbarrou na força tática e mental da equipe ainda dirigida por Cláudio Caçapa. Diferentemente do Flamengo ou do Palmeiras, o Botafogo é uma equipe física. Força no meio de campo, no ritmo de Marlon Freitas, velocidade pelos lados, com Júnior Santos e Luís Henrique, substitutos muito rápidos, como Victor Sá, machucado, e Segovinha, xodó da torcida.

Há dois anos, o Botafogo estava na Série B, a arquibancada cantava jocosamente "Eu vi o Chay", referência ao armador da equipe, deixado de lado depois do acesso. Hoje, canta "Segovinha joga bola." Chay jogou na Tailândia, voltou ao Brasil aos 23 anos, não encontrou emprego e destacou-se no Futebol Sete.

Segovinha não é craque. Tem 20 anos, é paraguaio e chance de jogar na Europa.

O Botafogo está se transformando.

Um dos primeiros renascimentos botafoguenses, teve como protagonista o ponta Paraguaio, apelido de Egídio Landolfi, nascido no Mato Grosso. Marcou o primeiro gol da vitória por 3 x 1 na final carioca de 1948, vencida contra o Vasco, campeão sul-americano nove meses antes. Paraguaio derrotou o Expresso da Vitória, como era conhecido o esquadrão vascaíno.

Segovinha, nascido no Paraguai de verdade, ajuda a derrotar a ideia apressada de que o futebol brasileiro será dividido por Flamengo e Palmeiras.

Do ponto de vista tático, a equipe é simples. Eduardo, genro de Bebeto, faz o papel de segundo atacante, embora meia de formação. Pode ser campeão pelo Botafogo, como seu sogro não conseguiu na Copa do Brasil de 1999.

Os blocos sólidos movem-se e permitem infiltrações de pontas e volantes, como no passe de Tchê Tchê para o gol de Eduardo, contra o Bragantino.

É cedo para dizer se o Botafogo será campeão. Há uma história surpreendente sendo construída.

Texto 19 – Anexo A**Folha de S. Paulo 03/07/2023****Brasileiro tem os jogadores mais chatos do mundo****Campeonato é pródigo em atletas do tipo mala sem alça****(Sandro Macedo)**

Jogador de futebol chato não é exclusividade brasileira, tem no mundo todo. Mas, se fosse modalidade olímpica, levaríamos ouro e prata; o bronze provavelmente iria para algum estrangeiro que joga aqui e fez essa bela adaptação.

E quem seria o jogador mais chato do nosso acachapante Campeonato Brasileiro? Um marcador implacável, como Felipe Melo? Um zagueiro com sotaque, como Gustavo Gómez? Nada disso, os nossos atacantes são infinitamente mais chatos. Quase todo time tem um.

Nos últimos anos, na opinião deste escriba – ele próprio um chato –, o campeão pelo conjunto da obra é Gabriel Barbosa, do Flamengo, também conhecido como Gabigol.

É só acompanhar qualquer jogo do Flamengo para ver Gabi aporrinhando o juiz nas faltas que ele sofreu, faltas que ele acha que sofreu, faltas que ele não sofreu, mas gostaria da marcação assim mesmo, e até faltas sofridas pelos companheiros que ele nem viu. É uma chatice do primeiro ao último minuto em campo.

Porém, neste ano, Gabigol tem sido superado por outro atacante, Hulk, do Atlético Mineiro. Às vezes é até chato achar Hulk chato. O moço está sempre com a família, dá autógrafo para todos, beija criancinhas no estacionamento e se engaja em boas causas.

Depois do apito inicial, no entanto, Hulk se transforma. Não fica verde, mas como fica chato. Faz sinal de negativo com as mãos ou com a cabeça para quatro a cada cinco marcações do juiz, incluindo escanteios, faltas no círculo central e laterais. Às vezes reclama com o olhar e um sorriso irônico – é o segundo sorriso mais magnético do futebol mundial, atrás do de Roberto Firmino.

Não satisfeito, também atormenta a vida da equipe de arbitragem (normalmente eles merecem) depois do apito final. Na última partida, parecia dentro de um episódio de "Black Soccer Mirror", vítima de uma grande conspiração. "Ele [o árbitro] comemorou [com a equipe] na minha cara", dizia o incrível atacante, quase em tom de denúncia. Depois, pedia insistentemente para o coitado do cinegrafista registrar o momento, "filma ele, filma ele". Acabou expulso. O motivo na súmula deveria ser: chatice.

Eles sempre "comemoram" (cumprimentam-se), querido Hulk. Não foi pessoal. Tudo bem que o péssimo juiz em questão foi Wilton Pereira Sampaio, ruim em gramados brasileiros e internacionais; chamado por torcedores ingleses de "árbitro cego que perdeu o cão-guia" depois de comandar Inglaterra x França, no Qatar.

Mas nem tudo está perdido, ou ganho. O atacante atleticano pode voltar a ser superado por Gabigol a qualquer rodada, ou por Róger Guedes, que adora fazer escolta e falar ao pé do ouvido do juiz toda vez que ele é chamado ao VAR. Chato.

No pódio da malice tem ainda Deyverson, goleador do Cuiabá que faz outro estilo, quase de trote de quinta série. O atacante malandrinho quer irritar todos em sua volta, o juiz, o rival, a torcida e até o comentarista da TV. Quem assiste em casa até se diverte.

No domingo, Deyverson viu um jogador do Santos caído em campo e resolveu ele mesmo fazer o gesto para o banco pedindo a alteração do rival. Só para irritar. Um peralta mala sem alça.

Tem também o chato estrangeiro. Sem mais delongas, o título vai para Arturo Vidal. A única vantagem do Flamengo com Vidal como titular é ver Gabigol reclamar menos... umas duas vezes a menos.

Texto 20 – Anexo A**Folha de S. Paulo 10/07/2023****Taylor Swift salva o Corinthians****Time alvinegro leva o prêmio de resultado mais surpreendente da rodada
(Sandro Macedo)**

Finada a 14ª rodada do intrépido Campeonato Brasileiro, alguns resultados chamaram mais a atenção do que outros.

O Grêmio, por exemplo, sofreu seu primeiro revés em casa depois de mais de 300 dias de invencibilidade em sua arena (uau). Mas não dá para dizer que uma derrota para o líder Botafogo (líder folgado) chega a ser um choque, afinal, todo mundo perde para o alvinegro do Rio, quem diria.

Já o Coritiba, que não ganhava de ninguém, emendou a segunda vitória consecutiva, continua no Z4, porém, superou América e Vasco. Ok, até o piloto da F1 Logan Sargent (cota dos EUA) estaria na frente do Vasco...

Por essas e outras, o prêmio de resultado mais surpreendente da rodada vai para o Corinthians, que bateu o Atlético Mineiro em pleno Mineirão. E o que isso quer dizer? Evolução, dedo de Luxa ou... Taylor Swift?

Sim, a jovem estrela do pop aprontou de novo. De acordo com a lenda do cancionário-futebolístico-popular, sempre que a moça lança um álbum, o Corinthians vence. A história teria se repetido pela décima vez no sábado.

Alguns podem imaginar que a vitória veio porque Renato Augusto entrou em campo, mas o meio-campista jogou apenas a meia horinha final e não chegou a fazer diferença (dessa vez). Outros jurariam que a dupla Yuri Alberto (assistência) e Róger Guedes (gol) finalmente se entendeu. Os mais pessimistas diriam que foi o Atlético que jogou muito mal (fato) e sentiu a ausência de Hulk (e a presença de Scolari?).

Nada disso. Um dia antes da partida no Mineirão, a cantora lançou "Speak Now (Taylor's Version)", e a profecia se cumpriu – até os relançamentos de Taylor dão sorte para o Corinthians.

As associações entre Taylor e Corinthians, sempre com base em estudos minuciosos, não param por aí.

Diferentes livros e publicações mostram que a moça esteve no Brasil uma única vez, em 2012. E o que aconteceu no calendário corintiano naquela mesma temporada? Títulos inéditos na Libertadores, contra o antes temido Boca Juniors, e a impensável conquista do Mundial de Clubes, contra o Chelsea. Alguém vai dizer de novo que é coincidência?

No fim deste ano, Taylor Swift voltará ao Brasil para alegria dos corintianos. Ela fará três shows da turnê Eras Tour em novembro no... Allianz Parque, casa do Palmeiras? Como assim? Será que o responsável por essa agenda não entende nem um pouco de futebol ou fé? Cadê o bom senso?

O fato (e é fato) é que o futebol apresentado pela equipe comandada pelo professor filósofo Vanderlei Luxemburgo continua abaixo de qualquer média. Apesar da vitória, o time continua rondando a parte de baixo da tabela, batizada pelo próprio técnico como zona da confusão – muito antes de ele dizer que futebol é igual macarrão, pérola recente.

Quando Taylor estiver em solo brasileiro, certamente o Corinthians estará precisando de alguns pontinhos para cumprir algum objetivo no campeonato, seja escapar do rebaixamento, seja se garantir na Sul-Americana. Assim, a diretoria corintiana – que não consegue montar bom elenco ou contratar técnico – tem algum tempo para se agilizar e evitar que Taylor assista a algum jogo no camarote do Palmeiras, ao lado de Leila, o que poderia quebrar a profecia.

Texto 21 – Anexo A**Folha de S. Paulo 02/10/2023****Eu poupo, tu poupas, nós poupamos****Times envolvidos nas semifinais continentais pouparam loucamente no Brasileiro
(Sandro Macedo)**

No fim de semana, a rodada do Campeonato Brasileiro fez este escriba lembrar-se de uma propaganda antiga, provavelmente de algum banco. O slogan no final ensinava: "Quem poupa tem". Era um tempo em que poupar parecia bom.

Os cinco times envolvidos com as semifinais continentais pouparam loucamente na rodada. E ninguém se deu bem. Palmeiras, Fluminense e Internacional, que jogam na Libertadores, perderam. O Corinthians poupou em pleno clássico contra o São Paulo e também perdeu. O time do Mano (peço um minuto de silêncio coletivo pelo fim da era Luxemburgo, o Vanderlei) enfrenta agora na Sul-Americana o Fortaleza, outro que poupou, mas empatou.

Todos pouparam por um objetivo comum, a vaga na final continental. A matemática e o confronto direto dizem que dois dos poupadores vão se dar bem, outros dois, consequentemente, vão se dar mal (mesmo poupando).

E tem o Palmeiras, que faz o jogo-exorcismo contra o fantasma do Boca Juniors, na quinta (5), pela chance de disputar a terceira final em quatro anos. Aliás, o Boca também poupou no domingo, diante do River Plate, seu maior rival, na Bombonera, e perdeu. Se cair contra o Palmeiras, algo me diz que o professor boquense será chamado ao RH.

Porém a poupança do Palmeiras foi a mais animadora, apesar da derrota – isso se o conselho tutelar não for atrás de Abel por exploração de mão de obra de menor. Os garotos do Palmeiras (nove titulares contra o Bragantino foram campeões da Copa São Paulo no ano passado) mostraram que podem ser ótimas opções tanto na Libertadores quanto no restante do Brasileiro.

Mas o ponto é: será que era necessário poupar tanto? Não dá para descansar só uns três ou quatro coleguinhas titulares? Ainda mais no caso de Palmeiras e Fluminense, que pareciam reais ameaças ao título do Botafogo – agora, parecem um pouco menos.

Estava aqui olhando os procedimentos de Pep Guardiola, o deus catalão do futebol. Na temporada passada, o Manchester City precisou cortar um dobrado para superar o Arsenal na disputa pelo título da Premier League. E entre uma rodada e outra ainda tinha a fase decisiva da Champions League, até então um calo no sapato árabe do City.

Três dias antes de enfrentar o Real Madrid, na primeira semifinal, o City jogou contra o Leeds United. Seis titulares estiveram nos dois jogos. E outros três entraram no segundo tempo no Inglês. Ou seja, o professor Pepito usou nove atletas. Duas semanas depois, o City utilizou sete jogadores (cinco titulares e dois reservas) contra o Everton que depois derrubaram o Real no jogo de volta da semifinal.

Pepito fez o que aqui é chamado por comentaristas sábios de misto quente, com apenas jogadores pontuais sendo poupados.

Jesus, o Jorge, também ficou marcado no Flamengo por trocar poucos titulares entre as partidas decisivas da Libertadores de 2019 e os jogos do Brasileiro. Aliás, o histórico Flamengo de 2019 foi o único que conseguiu recentemente se dar bem nos pontos corridos do Brasileiro e no principal torneio continental.

Ao fim do ano, se o Botafogo confirmar o título, cada vez mais próximo, poderá lembrar com carinho a 25ª rodada, aquela em que seus perseguidores principais abandonaram o Brasileiro em nome da poupança continental.

Texto 22 – Anexo A**Folha de S. Paulo 13/11/2023****O jogo no Brasileiro agora se chama 'Resta Um'****Acompanhar a reta final do torneio tem sido uma das coisas mais legais do esporte mundial
(Sandro Macedo)**

Quem diria (este humilde escriba não diria) que acompanhar a reta final do Campeonato Brasileiro se tornaria uma das coisas mais legais do esporte mundial nestas últimas semanas de 2023.

Até o holandês Max Verstappen comentou antes do GP de Las Vegas a queda do Botafogo e sua torcida pelo Vasco (sim, a frase toda é esquisita, incluindo Vegas). Por outro lado, deve ser melhor falar disso do que da excitante disputa do vice da F1, uma chatice. Na F1, Verstappen começou como Botafogo, mas não acabou como Botafogo.

Falando em chatice, vem aí mais uma Data Fifa. Curioso que, antigamente, reclamava-se no Brasil que a CBF não respeitava a Data Fifa e marcava rodadas inteiras durante a parada para jogos internacionais (este escriba era um dos que fazia coro para a falta de respeito).

Agora, tudo que a maioria desejava era que o calendário de seleções fosse ignorado para dar continuidade ao emocionante Brasileirão. Mas a CBF tem o hábito peculiar de errar até quando quer acertar.

Assim, em vez de quatro finais de semanas, teremos as quatro últimas rodadas insanamente espremidas em 12 dias, entre 25 de novembro e 6 de dezembro. E a Data Fifa servirá para os times com jogos atrasados ficarem rigorosamente em dia. Parabéns a todos os envolvidos.

Parecia que o campeonato de 2023 era um jogo de War, com o Botafogo naquele objetivo de conquistar 24 territórios. Mas depois de uns 20, o time travou e não consegue mais expandir. Vencer no Tapetinho está mais difícil do que chegar a Kamchatka. Enfim, há coisas que só acontecem com o Botafogo (você lerá isso mais algumas vezes antes de o ano terminar).

Mas o jogo do Brasileiro agora se chama Resta Um e já está rolando há algumas rodadas. Para lembrar, lá na 30ª rodada, apenas quatro pontos separavam o segundo colocado (Palmeiras, com 53) do sétimo (Athletico-PR, com 49). O Botafogo liderava com 59 e o famoso jogo a menos.

Então veio a rodada 31, e o Resta Um pulou o Athletico (perdeu para o Corinthians) e deixou o Flamengo na mira após a derrota para o Santos – foi nessa rodada também que aconteceu a icônica virada de 4 a 3 do Palmeiras contra o Botafogo.

Nas rodadas 32 e 33, pularam o Atlético-MG. O time do professor Scolari somou apenas dois pontos em empates com o lanterna América e com o Corinthians.

Já na 33 e 34, foi a vez de o Bragantino ratear, com um ponto em seis possíveis diante de São Paulo e Botafogo. Ainda na rodada 34, a última, o Grêmio deixou pontos em casa contra o Corinthians – sim, o Corinthians tirou pontos de Athletico-PR, Atlético-MG e Grêmio nas últimas rodadas. Inclusive, em caso de título do Palmeiras, a presidente Leila poderia mandar um presente para Duílio.

Digamos que, se o Palmeiras fosse Dom Quixote, o Corinthians teria sido seu Sancho Pança; se fosse Batman, o alvinegro seria Robin; se fosse um cavaleiro jedi, o time de Mano seria um padawan. Pegou?

Com tudo o que aconteceu nas rodadas recentes, nem parece, mas o Botafogo continua líder por pontos perdidos. O dia 23 de novembro tem agendados os confrontos que faltam para os times de cima da tabela: Fortaleza x Botafogo e Flamengo x Bragantino. Depois deles saberemos de verdade quem é o líder. E, no Resta Um, Flamengo ou Bragantino darão adeus com o confronto direto.

Até lá, teremos que nos contentar com jogos do Brasil contra Colômbia e uma tal de Argentina (com todo respeito) no Resta Todos das Classificatórias Sul-Americanas.

Texto 23 – Anexo A**Folha de S. Paulo 04/12/2023****No futuro, o Brasileiro-2023 será 'aquele que o Botafogo perdeu'****O incrível campeonato deste ano será sempre lembrado pela ótica do derrotado
(Sandro Macedo)**

"Aquele", o pronome, era usado para nomear os episódios da querida série "Friends": "Aquele do Futebol Americano", "Aquele da Praia", "Aquele do Casamento do Ross" etc. O Campeonato Brasileiro de 2023 será para sempre conhecido como "Aquele que o Botafogo perdeu".

O querido leitor e a querida leitora podem dizer, com razão, que a história é contada pela ótica dos vencedores. Palmeirenses farão música (ou deveriam) para a virada de 4 a 3 contra o Botafogo, o jogo mais icônico deste incrível campeonato.

Poderia ser Flamengo, Grêmio ou Atlético Mineiro, mas foi o Palmeiras que aproveitou a tragédia botafoguense. O time do míster Abel não foi o melhor do primeiro turno, não foi o melhor do segundo, não tem a melhor defesa e seu artilheiro, Endrick, é apenas o 12º goleador do campeonato (mas a equipe tem o melhor ataque, por enquanto).

Mas e se o Cruzeiro vencer o Palmeiras, o Atlético empatar com o Bahia e o Flamengo vencer o São Paulo por 17 a 0? Não interessa, ainda assim, o Brasileiro de 2023 será "Aquele que o Botafogo perdeu".

Teses serão escritas sobre o campeonato, com futuros mestrados e doutorados em diversas áreas, incluindo matemática, filosofia, psicologia e ocultismo.

Equipes no mundo todo vão citar o Botafogo em momentos de folga na tabela. Qatar Saint-Germain, 10 pontos na frente do Francês? "Calma, pessoal, vocês lembram do que aconteceu com o Putfire?". Bayern, 412 pontos de dianteira no Alemão? "Eles ainda podem virar, não viu o Botafogo? E vão tomar uma cerveja helles."

Neste ano, este escriba também sentiu pela primeira vez que a matemática não é exata: três pontos na primeira rodada não são iguais três pontos na última. Se fosse, o Botafogo, que ficou fora do top 4 do Cariquinha, seria exaltado por terminar no G6 do nacional.

[...]

Texto 24 – Anexo A**Folha de S. Paulo 15/04/2023****Brasileiro começa, e eu não tenho certeza de nada****Tentativa de dividir os times em grupos é conversa fiada; erramos sempre
(Tostão)**

Segundo os ufanistas, é o melhor campeonato do mundo, por causa do equilíbrio e da grande quantidade de candidatos ao título. Não é bem assim. A tentativa, antes de começar a competição, de dividir os times em grupos por qualidades e possibilidades, é conversa fiada. Erramos sempre.

Tenho muitas dúvidas. O Palmeiras é o único grande favorito? O Fluminense, depois de dar um banho de bola no Flamengo, passa a ser o principal candidato ao título depois do Palmeiras? Fernando Diniz adorou ser campeão.

Quais são as equipes que têm boas chances de ficar no grupo de cima, de conseguir vaga na Libertadores e até de levantar o troféu? Nas bolsas de apostas, há equipes que ao mesmo tempo estão cotadas por uns para ficar na turma de cima e por outros para ser rebaixadas. Quais são os mais prováveis times rebaixados? Não tenho certeza de nada.

O Grêmio é o melhor dos quatro grandes clubes que voltaram para a primeira divisão. Em que lugar coloco o Grêmio? Cruzeiro, Vasco e Bahia vão disputar posições no grupo do meio ou correm o risco de ser rebaixados?

Se o Corinthians melhorar bastante o desempenho fora de casa, poderá disputar os primeiros lugares, já que é muito forte em seu estádio? Já o São Paulo, com menos jogadores especiais, deve ficar pelo meio da tabela ou um pouco acima?

Uma explicação. Escrevi que o Athletico Paranaense é um dos grandes do futebol brasileiro, mas que tem raras chances de ganhar a Libertadores porque o elenco é muito inferior ao das principais equipes. Nem tanto. O time é o vice-campeão da Libertadores e em jogos mata-mata tem boas possibilidades de vencer qualquer adversário. Já no Brasileirão, um campeonato longo e de pontos corridos, as chances de ser campeão são muito menores que na Libertadores.

Outra explicação. Escrevi que o Palmeiras não joga dinheiro fora, pois não gasta fortuna para contratar jogadores medianos como se fossem excelentes nem paga multas absurdas rescisórias para demitir treinadores, uma postura frequente em outros grandes clubes. Às vezes, contrata jogadores que não dão certo, o que é habitual no futebol.

No Brasileirão, não devemos ter novidades na maneira de jogar e nas variações táticas. As estratégias são bastante conhecidas. O Fluminense, de Fernando Diniz, é exceção. Nenhum outro técnico escalaria um lateral (Marcelo) para avançar pelo lado, pelo centro, e ter na cobertura um veterano, lento, Felipe Melo. Deu certo. O Fluminense não teve por esse setor problemas defensivos.

Nenhum outro treinador desloca um lateral esquerdo (Marcelo) e um ponta-direita (Arias) para se encontrarem pelo meio e, juntos com outros jogadores, terem uma superioridade numérica, envolvendo assim o adversário com trocas curtas de passes. Guardiola, na Europa, e Fernando Diniz, no Brasil, saem da mesmice, da casinha.

Na vitória do Manchester City sobre o Bayern por 3 a 0, o zagueiro Stones se adiantava e virava um meio-campista quando o time tinha a bola. Quando a perdia, Stones voltava à posição de zagueiro em uma linha de quatro defensores. Isso me lembra dos antigos líberos que passavam a jogar no meio-campo quando a equipe estava com a bola e quando a perdiam retornavam à posição de líbero, na cobertura, atrás dos defensores.

Quantos treinadores serão demitidos durante o Brasileirão? Haverá recorde? Onde começa a dispensa no Brasil? Na diretoria, nas redes sociais ou nos programas esportivos? Um estimula o outro.

Texto 25 – Anexo A**Folha de S. Paulo 16/05/2023****Futebol é a união entre disciplina e improvisação, prosa e poesia****Parafraseando o grande Ferreira Gullar, o futebol-arte e o jogo bonito e bem jogado são essenciais porque o placar não basta****(Tostão)**

Antes de começar o Brasileirão, sempre dizem que é o mais equilibrado do mundo. Como é frequente a igualdade técnica das equipes, as vitórias estão muito próximas das derrotas. Por isso, alguns times podem ganhar e depois perder vários jogos seguidos sem mudar o desempenho.

Quando isso acontece, surgem inúmeras explicações técnicas, táticas, físicas, emocionais, mesmo se elas têm pouca ou nenhuma importância. Comentaristas adoram achar pelos em ovo. Quem paga o pato é o treinador, com a esperança de que o substituto traga a chave da vitória.

Após as seis primeiras rodadas do Brasileirão, que é muito pouco para fazer análises definitivas, as surpresas positivas são Botafogo e Cruzeiro, dirigidos pelos técnicos portugueses Luís Castro e Pepa. Os dois times se parecem, pela intensidade, pela pressão para recuperar a bola e pela velocidade das jogadas em direção ao gol.

Os treinadores portugueses são geralmente muito científicos e pragmáticos. Além disso, dão boas explicações nas entrevistas. Contribuem para melhorar a qualidade do futebol brasileiro.

Pepa, no Cruzeiro, e Dorival Júnior, no São Paulo, contrariam o lugar-comum de que treinadores precisam de muito tempo para formar um bom conjunto. Tempo é importante, mas também é a união de jogadores de estilos diferentes que se completam e que têm características ideais para realizar as estratégias dos treinadores.

América e Corinthians são as surpresas negativas no Brasileirão. O América, último colocado, só tem um ponto. O time manteve o técnico, a maioria dos jogadores e o estilo de jogo do ano passado, quando fez ótima campanha. Será que o América tem feito partidas equilibradas e perdido nos detalhes, o que aumentaria as chances de passar a ter várias vitórias seguidas?

Já no Corinthians há uma nítida razão, a troca frequente de treinadores, para o time estar na zona de rebaixamento, mesmo com vários jogadores de ótima qualidade. As redes sociais, apoiadas pela diretoria e por outras opiniões, implicaram mais com os trejeitos e as roupas do técnico Sylvinho e com a cara tensa de Fernando Lázaro nas entrevistas do que com as atitudes e táticas dos dois jovens treinadores, que são muito bem preparados e poderiam evoluir com a equipe.

Roger Machado, um treinador com ótimas ideias e posicionamentos firmes, foi também preterido com a justificativa de que ainda não teve sucesso na carreira, como se fosse fácil ser campeão em campeonatos tão equilibrados. Luxemburgo é a esperança pelo seu passado vitorioso, como se tivesse a chave das vitórias. Até agora, nada mudou. Nas entrevistas, Luxemburgo, como sempre, quer ser mais esperto que a esperteza.

O São Paulo foi muito melhor que o Corinthians e só não venceu por causa dos erros do árbitro. Diferentemente do que ocorria com o time dirigido por Rogerio Ceni, que era apressado e confuso para chegar ao gol, Dorival Júnior aproximou os jogadores no meio-campo, que trocaram mais passes e envolveram o adversário.

Na média, os jogos no Brasil são intensos e com muita pressão para recuperar a bola, o que é muito bom. Mas falta mais lucidez nas decisões e acerto nos passes. O futebol é a união da disciplina tática e da improvisação, do talento coletivo e do individual, do domínio da bola e do campo, da prosa e da poesia. Parafraseando o grande poeta Ferreira Gullar, o futebol-arte e o jogo bonito e bem jogado são essenciais porque o resultado não basta.

Texto 26 – Anexo A**Folha de S. Paulo 27/06/2023****Os cinco melhores do Brasileirão, após 12 rodadas****Seguidos por Flamengo, Palmeiras e Fluminense, Botafogo e Grêmio surpreendem
(Tostão)**

Quando começou o Brasileirão, achávamos que no final o Botafogo ficaria colocado no meio da tabela. Após 12 rodadas, é o líder com ótimo desempenho e com sete pontos à frente do Grêmio.

Quando uma equipe surpreende em um campeonato longo e por pontos corridos, o habitual é procurar um segredo, uma única razão para explicar as atuações e resultados. O Botafogo é diferente, não tem uma única marca, um estilo. O time, de acordo com o adversário e com o momento do jogo, marca mais recuado ou mais adiantado, troca mais passes ou chega mais rapidamente ao gol, usa mais ou menos as jogadas aéreas, além de outras variações, o que é uma tendência mundial.

O Botafogo usa várias formações táticas e muda jogadores de acordo com o momento. O esquema mais utilizado é o com duas linhas de quatro e mais um meia ofensivo próximo de Tiquinho. Os meias pontas marcam e atacam com velocidade.

O elenco do Botafogo é melhor do que se pensava. O excelente conjunto potencializa as atuações individuais, mas tenho a impressão de que os jogadores já eram superiores ao que pensávamos e as contratações foram melhores do que achávamos. Tiquinho já tinha brilhado em outros clubes, como no Porto, de Portugal.

Ainda é cedo para dizer qual será a posição do Botafogo na final do campeonato, mas a expectativa é grande, com boas chances de ser campeão. A permanência do técnico Luís Castro é importantíssima. O Botafogo precisa continuar jogando cada partida como se fosse a última, como o Leicester, que foi anos atrás campeão inglês, quando ninguém esperava.

O Grêmio, vice-líder, que voltou neste ano da Série B, é também uma surpresa. O time tem evoluído. Impressiona-me como troca passes no campo adversário, cria chances de gol e finaliza de dentro da área. Suárez é o craque, artilheiro e maestro do time.

O Flamengo continua com altos e baixos, uma característica das equipes dirigidas por Sampaoli. Ele troca muito a estratégia e os jogadores a cada partida. Queria entender como um treinador tão agitado, que não para de andar durante as partidas, consegue ver os detalhes do jogo. Arrascaeta e Pedro não podem ser reservas. Nunca houve problemas para Pedro e Gabigol ou Bruno Henrique e Gabigol jogarem juntos. A grande dificuldade é Pedro, Gabigol e Bruno Henrique estarem em campo.

O Palmeiras, o maior favorito no início da competição, surpreende por estar no quarto lugar. Contra o Botafogo, cruzou um número enorme de bolas para a área, como costuma fazer, com sucesso. Se o Palmeiras diminuir bastante o número enorme de gols que normalmente marca em jogadas aéreas, vai conseguir fazer mais gols de outras maneiras?

O Fluminense, que diminuiu o número de vitórias por causa de contusões e da marcação mais intensa dos adversários, não tem trocado tantos passes como é o habitual.

Muitos veteranos que voltaram da Europa, como Marcelo, do Fluminense, Fernandinho, do Athletico-PR, Suárez, do Grêmio, e outros são grandes destaques do Brasileirão. É mais fácil brilhar aqui do que na Europa, por causa da menor qualidade das equipes. Isso é mais uma demonstração de que devemos ter mais cuidado em pedir a convocação para a seleção de jogadores que atuam no Brasil. É a realidade.

Grande parte das pessoas no Brasil perdeu o bom senso e a noção da realidade. Só enxergam, escutam e leem o que lhes interessa de acordo com o que pensam. Criam um mundo de certezas absolutas e são incapazes de conviver com a diversidade e a dúvida.

Texto 27 – Anexo A**Folha de S. Paulo 28/11/2023****No Brasileirão, chegou o momento de a onça beber água**
A disputa contra o rebaixamento também está emocionante
(Tostão)

O futebol possui segredos e logicas próprias. O Brasileirão, um campeonato longo e com pontos corridos, é o guardião, sustentação da importância da razão. No início da competição, Palmeiras, Flamengo e Atlético-MG eram os favoritos – e continuam sendo nesta reta final, apesar da enorme vantagem que o Botafogo tinha no final do primeiro turno.

Ninguém acredita mais que o Botafogo será o campeão, nem o Biriba, nome do famoso cachorro, símbolo do Botafogo nos anos 40 e 50. E se ganhar o título? Nada é impossível. No futebol, há várias lógicas que se cruzam pelo caminho.

Tenho visto no Brasil e na Europa muitas partidas com grande número de chances claras de gols, algumas vezes para os dois times. A partida fica mais prazerosa, embora a maioria absoluta das oportunidades de gols seja perdida. Não se pode confundir também chances claras de gols com finalizações. Uma equipe pode finalizar mil vezes e não ter uma única clara oportunidade de gol, ou ao contrário, ter muitas chances de gols sem finalizar.

Esta quarta (29) é dia de clássico decisivo e histórico entre Flamengo e Atlético-MG, para lembrarmos de Zico, Reinaldo e outros craques. As duas equipes vivem ótimos momentos. Diferem nos detalhes na maneira de jogar. O Flamengo atua com quatro defensores, dois volantes, um meia de ligação, dois pontas abertos e agressivos e um centroavante, enquanto o Galo joga com dois volantes, dois armadores pelos lados (meias pontas como gostam de dizer), além de uma dupla de atacantes.

O Flamengo teve uma equipe fascinante na época de Jorge Jesus, porque havia associação de um ótimo jogo coletivo com a escalação dos melhores jogadores. Esta parceria é uma marca das grandes equipes da história.

Muitas equipes do futebol brasileiro e mundial preferem uma postura tática intermediária entre a do Flamengo e a do Atlético-MG, com um ponta rápido e driblador apenas de um lado e do outro um armador que participa mais da marcação e da construção de jogadas.

Qual será a formação tática do Palmeiras contra o América? O time tem alternado o esquema com três zagueiros e dois alas com o da linha de dois zagueiros e dois laterais. Mais importante que a formação tática é a qualidade dos jogadores e a seriedade profissional. O Palmeiras joga cada partida como se fosse a última, a do título.

O Grêmio, quarto colocado, é dividido entre um ótimo ataque e uma fraca defesa. Esse desequilíbrio não leva a títulos. Uma das razões da equipe sofrer muitos gols é a de que quando o meio campo avança trocando passes com o ataque, os zagueiros continuam próximos da grande área, deixando enormes espaços entre os dois setores, uma deficiência comum em outras equipes brasileiras. O Grêmio atua como na época em que seu técnico atual, Renato, era um excepcional atacante.

Por outro lado, se os zagueiros adiantam demais e atuam na linha do meio campo, como fazem algumas equipes europeias, costumam sobrar grandes espaços nas suas costas. Penso que a melhor solução seja posicionar os zagueiros entre o meio campo e a grande área.

A disputa para fugir do rebaixamento está tão emocionante quanto a para ser campeão. Pena que alguns times poupem jogadores de acordo com seus interesses e prejudiquem outras equipes que dependem desses resultados. O Cruzeiro, com um belo gol do jovem Robert, 18 anos, venceu o Goiás e aumentou bastante suas chances de continuar na primeira divisão. Este é o momento de a onça beber água, como diziam na minha infância.

Texto 28 – Anexo A**Folha de S. Paulo 05/12/2023****Fim do Brasileirão é momento de festas, alegria e decepções****Nesta quarta, o Cruzeiro vai tentar carimbar a faixa do Palmeiras
(Tostão)**

O final do Brasileirão é o momento de festas, alegrias e também de decepções. Nesta quarta (6), o Palmeiras recebe oficialmente a autorização para comemorar o título, já conquistado. O Cruzeiro vai tentar carimbar a faixa do Palmeiras.

Apesar do comportamento agressivo e teatral de Abel Ferreira na lateral do campo, ele, pela competência e pelas críticas à organização do futebol brasileiro, merece muitos elogios. Não só ele, mas também os jogadores, a comissão técnica e a diretoria. O Palmeiras possui em quase todas as posições atletas que estão entre os melhores do país.

O torcedor fanático e racional do Botafogo, na tentativa de atenuar a tristeza e arrumar um consolo, vai aos poucos constatar que a colocação atual do time é muito melhor que aquela se esperava no início da competição e que o desastre no segundo turno é tão surpreendente quanto a campanha espetacular da primeira etapa.

O Cruzeiro está feliz com a continuação na primeira divisão e com a chance, se empatar nesta quarta contra o Palmeiras, de conseguir uma vaga na Copa Sul-americana. O diretor técnico, Paulo Autuori, que dirigiu o time nos últimos jogos, foi, com a sua experiência, conhecimento e lucidez, muito importante na conquista do objetivo de ficar na Série A.

Os cargos de diretor técnico e/ou de coordenador técnico precisam ser mais bem discutidos no futebol. O diretor técnico, próximo da diretoria, tem funções fora do jogo na organização e no planejamento, enquanto o coordenador técnico, próximo do treinador, da comissão técnica e dos jogadores, possui funções mais ligadas ao campo, ao jogo, por meio de suas opiniões sobre a equipe.

Na prática, o coordenador técnico não existe, pois o treinador, com a colaboração de seus auxiliares, não aceita discutir, muito menos dividir, sua responsabilidade e condutas com o coordenador.

Há raras exceções. Na conquista do Mundial de 1994, o coordenador técnico, Zagallo, sussurrava as suas opiniões no ouvido do treinador, Parreira, que, com humildade, admiração e gratidão, valorizava as opiniões de seu mestre e amigo. Na Copa de 1970, Zagallo era o treinador e Parreira era um dos preparadores físicos.

O ideal seria que o treinador da seleção brasileira, ainda mais um jovem como Fernando Diniz, tivesse ao seu lado para trocar ideias um coordenador com conhecimentos técnicos e experiências para ajudá-lo. Dizem que a CBF não contratou um diretor técnico e/ou um coordenador porque Ancelotti, com sua grandeza no futebol, não precisaria de um diretor ou coordenador técnico.

As festas neste final de Brasileirão foram também de despedidas do futebol de excelentes jogadores, como Filipe Luís, do Flamengo, Réver, do Atlético-MG, e Fábio Santos, do Corinthians, além da despedida de Suárez do Grêmio e da torcida. Filipe Luís, pelo seu comportamento técnico, pessoal e pela lucidez, tem grandes chances de se tornar um grande treinador.

O veterano Suárez, sem ter mais condições de brilhar em um dos grandes times europeus, deu para o Brasil um curso sobre como ser um centroavante, craque e artilheiro. Suárez, com sua movimentação, inteligência, antevisão dos lances e precisão nos passes e nas finalizações, encantou a todos. Mostrou a diferença entre um craque brasileiro e um craque mundial, como ele é. Por outro lado, o estilo do Grêmio, de muita posse de bola e troca de passes, facilitou para Suárez.

O treinador Renato Gaúcho, impressionado com o talento de Suárez, comprou escondido um vídeo da carreira do craque uruguaio. Durante as férias, vai vê-lo todos os dias.

Texto 29 – Anexo A**Folha de S. Paulo 09/12/2023****Mantra do Brasileiro foi o 'eu acredito', mas prefiro o 'eu não acredito'****O calendário, os gramados, a violência e outros motivos para descrença no futebol do Brasil
(Tostão)**

Terminou o Brasileirão. Não vou eleger os melhores nem os piores porque o campeonato é longo, com subidas e descidas, com ótimas e fracas partidas e com muitos resultados surpreendentes em relação ao desempenho das equipes. Não quero ser incorreto, injusto nem presunçoso.

Abel Ferreira, como os grandes profissionais, une conhecimento e obsessão para tentar fazer sempre melhor. O Palmeiras tem os dois melhores laterais direitos do país, e Abel arrumou lugar para os dois, que continuaram a jogar bem, um na zaga (Marcos Rocha) e outro de ala (Mayke).

Entre milhares de razões e explicações dadas para entender a derrocada do Botafogo, prefiro a mais simples, mais racional, que evidentemente não explica tudo, de que o elenco não era bom para ficar entre os primeiros.

Apenas Grêmio e Inter se desviaram da lógica. O Grêmio não tinha no início time para ser vice-campeão, mas surgiu Suárez, além do crescimento de vários jovens. Renato Gaúcho, com seu estilo ofensivo e de muita troca de passes, foi importante para essa evolução. O Inter poderia ter ficado entre os primeiros pela qualidade dos jogadores, porém investiu tudo na Libertadores e foi eliminado. Não ficou com uma coisa nem com a outra.

O mantra mais falado no Brasileirão foi o "eu acredito", dito por muitas torcidas, para influenciar a equipe e os jogadores. Prefiro o "eu não acredito".

Eu não acredito em um futebol com o calendário tão ruim, com várias competições ao mesmo tempo, que estimula os técnicos a poupar jogadores, prejudicando o time, a qualidade do jogo e os interesses de outras equipes no resultado.

Eu não acredito em campeonato com tantos gramados ruins e alguns com gramas sintéticas, que alteram a característica do jogo e facilitam contusões, como reclamaram Abel Ferreira e Fernando Diniz. Na Europa não há gramados artificiais. Eles investem na grama natural e na qualidade dos jardineiros, famosos na Inglaterra pela competência.

Eu não acredito no futebol em que os árbitros transferem responsabilidades de suas decisões para o VAR, que, no Brasil, demora para decidir e é muitas vezes confuso. É preciso reescrever as leis de marcação de pênaltis decorrentes de bolas no braço.

Apesar de saber que há várias maneiras de jogar bem e/ou de vencer, não acredito em times que exageram nas bolas longas, nas jogadas aéreas, que deixam muitos espaços entre setores, que não pressionam o adversário para recuperar a bola, que não priorizam o controle da bola no meio-campo e que utilizam maneiras ultrapassadas de jogar, como a de exagerar nos chutes pelos zagueiros e goleiros.

Eu não acredito em países como o Brasil, que há décadas não forma um craque meio-campista, do nível dos melhores do mundo, que se destaca de uma intermediária à outra.

Não gosto de achar uma única causa para explicar os fatos, mas o Manchester City não ganhou os últimos quatro jogos, o que é raríssimo, com a ausência do craque meio-campista Rodri, eleito melhor jogador da última Liga dos Campeões. Pela primeira vez, o City, sob o comando de Guardiola, ficou acuado, sem o domínio da bola, na derrota para o Aston Villa por 1 a 0, pelo Campeonato Inglês.

Eu não acredito em países com tanta violência urbana, cada vez maior, que deixa os cidadãos em pânico. Eu não acredito em países que, há décadas, não tentam resolver para valer os gravíssimos problemas da educação e da falta de saneamento básico. Eu não acredito nas trocas promíscuas de favores que sempre ocorreram no futebol e na política brasileira.

ANEXO B**Texto 1 – Anexo B****O Globo 30/05/2023****Botafogo, o líder versátil****Se não joga para acumular percentuais de posse, o time de Luís Castro tem mostrado movimentos sincronizados, capacidade de articular ataques rápidos****(Carlos Eduardo Mansur)**

O gol de Júnior Santos, no terceiro minuto de jogo no Nilton Santos, criou um cenário favorável para o Botafogo ampliar sua liderança no Campeonato Brasileiro. O América-MG cedeu espaços e o jogo terminou por reforçar um rótulo colocado em times que não se caracterizam por ficar longos períodos com a bola: o de serem absolutamente dependentes do contragolpe, incapazes de criar chances de gol de outras formas.

É curioso, porque a finalização de Júnior Santos encerra uma sequência de dez passes durante 40 segundos. O gol, aliás, acontece após quase três minutos em que o Botafogo permanecera no campo de ataque, com seus dois laterais em posição ofensiva, meias e atacantes ocupando a área.

Todo time de futebol tem um cenário em que se vê mais cômodo. E o Botafogo é, sim, um time que prefere as chamadas transições, os ataques rápidos. É especialmente forte quando recupera a bola e chega ao gol adversário em poucos toques. Tem a segunda menor posse de bola da competição e a terceira menor média de passes trocados por partida. O que não significa praticar um jogo rudimentar, sem elaboração. Tampouco que não pode mover a bola de um lado a outro para tentar criar contra defesas fechadas.

Dos 16 gols alvinegros no Brasileiro, sete aconteceram em jogadas de bola parada, incluindo três pênaltis, uma falta lateral à área e três escanteios. Dos outros nove, em seis o Botafogo foi à rede rival menos de 20 segundos após recuperar a bola. No entanto, em pelo menos dois destes lances o adversário estava organizado na defesa: casos de Bahia e Flamengo. A vitória sobre o São Paulo e a abertura do placar contra o Atlético-MG são exemplos de posses mais longas, em que o Botafogo buscou espaços contra defesas posicionadas atrás.

Se não joga para acumular percentuais de posse, o time tem mostrado movimentos sincronizados, capacidade de articular ataques rápidos. Ao bom funcionamento se juntam jogadores em ótimo momento, o que tem natural ligação com o crescimento coletivo. A atuação de Eduardo, sua interpretação da função de um camisa 9 que abre espaços e ajuda a construir jogadas, foi notável na vitória sobre o América-MG. Nestas horas, vale refletir sobre a pressão que quase interrompeu o trabalho de Luís Castro por causa dos resultados no Estadual.

No entanto, um pergunta compreensível ronda os 21 pontos ganhos pelo Botafogo em oito rodadas: a campanha é sustentável? Afinal, o líder do Brasileiro é um clube que, em 2021, jogou a Série B. E que vive apenas sua segunda temporada sob o modelo de empresa, após uma reformulação esportiva e administrativa. Não será simples. Ainda não é possível dizer, sequer, que o Botafogo, embora líder, seja favorito ao título.

Ainda assim, a campanha atual não é uma distorção, obra de resultados fora da curva. A métrica dos gols esperados, o Xg, índice que avalia a probabilidade de cada finalização resultar em gol, ajuda a refletir. Por ela, o Botafogo criou o suficiente para marcar 15,29 gols. E marcou 16. Na defesa, só permitiu aos rivais finalizações que equivalem a 7,9 gols esperados, mas sofreu seis gols. Em teoria, os números de gols marcados e sofridos combinam com a produção da equipe.

É evidente que, numa corrida de longo prazo, o Botafogo irá lidar com limitações. Não é um elenco construído com os maiores talentos do país e com o maior investimento da Série A. E ainda há gargalos no elenco. A gestão de expectativas será vital para o time ter paz, porque oscilações chegam para todos os times. E, quando ocorrer, será preciso lembrar que, antes da primeira rodada, ninguém projetava uma largada como esta. O Botafogo não pode ser refém de seu bom início.

Texto 2 – Anexo B
O Globo 29/08/2023

Tempo de mais e jogo de menos no Brasileirão

Aumento nos acréscimos é justo, mas os minutos perdidos por uma paralisação são insubstituíveis

(Carlos Eduardo Mansur)

Juntas, as partidas da 21ª rodada do Campeonato Brasileiro tiveram 125 minutos de acréscimos. Ou seja, foi como se, no lugar dos dez jogos programados, a Série A tivesse realizado onze partidas e um pouco mais do que uma prorrogação. Em média, cada jogo teve 12,5 minutos de tempo complementar. Flamengo x Internacional e Athletico x Fluminense, com 17 minutos de acréscimos cada um, foram os recordistas.

Os números induzem a duas reflexões: uma, sobre a influência da última Copa do Mundo em diversos torneios do planeta; outra, a sensação de que o público está recebendo uma quantidade mais justa de futebol. A primeira conclusão é correta. A segunda, não mais do que uma meia verdade. Primeiro, porque o tempo perdido por uma paralisação é insubstituível, a alma deste jogo é o ritmo. Segundo, porque estamos estendendo os jogos sem atacar a questão principal: fazê-los andar com menos interrupções.

Não é a mesma coisa substituir o tempo perdido no início de uma partida por acréscimos jogados por atletas exaustos e, no caso da equipe em desvantagem no placar, pressionados pela proximidade do apito final.

O que tem acontecido no Brasil é uma acomodação geral diante da alegação de que os minutos perdidos, em muitos casos por um antijogo desavergonhado, serão repostos. Ocorre que, ao fazê-lo, nem compensamos o que se perdeu de jogo, nem mantemos intacta a essência do futebol.

Este não é um jogo de ciclos predefinidos, como um saque, recepção e ataque. Muito menos um confronto em que cada equipe tem um período de posse cronometrado, antes que a vez de atacar mude de lado após todos se prepararem para uma nova ação. O futebol vive do descontrole, de um certo caos, da impossibilidade de controlar a ação seguinte, dos fluxos de ataques de um time que assume o domínio, impedindo que um rival subjogado possa respirar, descansar.

Hoje, subvertemos a essência deste esporte com um gesto que promete uma falsa justiça: enquanto um time reclama da cera rival, a arbitragem aponta o dedo para o relógio prometendo repor o tempo. Mesmo que o fizesse, não poderia reproduzir o momento, as sensações, a confiança de quem está jogando melhor, o medo de quem se vê dominado. Poucas coisas são mais desgastantes do que se defender longamente de um rival dominante, rebater seguidas bolas, ver um novo ataque surgir sem poder se recompor. Pois a cada parada de um jogo picotado, todos descansam, ganham fôlego, defesas se reorganizam. E transformamos o futebol num jogo de pequenos ciclos. Eis um argumento poderoso contra a proposta de realizar jogos de 60 minutos, com cronômetro pausado a cada interrupção.

No ano passado, esta coluna reviu um jogo entre Botafogo e Juventude, no Nilton Santos. Nos 19 minutos entre o gol dos gaúchos e o empate alvinegro, houve só cinco minutos de bola rolando, como queriam os visitantes. No sábado, dos dez minutos de acréscimos de Flamengo x Internacional, só foram jogados 4 minutos e 40 segundos, como convinha ao Inter. É possível argumentar que os acréscimos permitiram 61 minutos de jogo efetivo, dentro das recomendações da Fifa. Eis outro equívoco. Não é igual ter 61 minutos de futebol ao longo de 90 minutos, e ter este mesmo tempo diluído em 107 minutos.

Não se trata de reprovar o tempo acrescido aos jogos. Na era do VAR, há paralisações inevitáveis. A questão é que, acomodados diante da normalização dos jogos com 105 ou 110 minutos, deixamos de trabalhar para fazer o jogo andar, para reduzir a burla, as falsas lesões. No Brasil, todos preferem respirar, descansar, e disputar um jogo fatiado em pequenas e fugazes porções de futebol.

Texto 3 – Anexo B
O Globo 31/10/2023

A boa e má notícia para o torcedor alvinegro no Botafogo x Palmeiras
(Carlos Eduardo Mansur)

A má notícia para o torcedor do Botafogo é que, de repente, surgiu no horizonte algo indesejável: um jogo que será badalado como se fosse uma decisão, ainda que não tenha um caráter definitivo para os alvinegros. E esta é justamente a boa notícia: o primeiro turno do time foi tão bom que, mesmo perdendo para o Palmeiras, o Botafogo continuará líder, ainda terá três pontos de frente e um jogo a menos.

Antes do campeonato, qualquer um dos 20 clubes do Brasileiro adoraria chegar à reta final com três pontos de frente e um jogo a menos do que o rival mais próximo. A situação do Botafogo é privilegiada. O caso é que abrir seis pontos de frente é diferente de ver reduzida aos mesmos seis pontos uma vantagem que já foi de 13. Ou seja, há uma questão mental a administrar.

Hoje, a pergunta mais difícil de responder talvez seja a mais recorrente entre os torcedores: o que aconteceu com o Botafogo? Porque, a rigor, não aconteceu tanta coisa assim.

Antes de avançar no tema, é preciso deixar algo claro: se for campeão brasileiro, o alvinegro o fará com extrema justiça, por ter sido o time que, por mais tempo, jogou o melhor futebol do torneio. A partir daí, há algumas ponderações a fazer.

A trajetória do primeiro turno premiou com a justa liderança o time que melhor jogava no campeonato. Mas a expectativa em torno do time terminou por ser contaminada pelo altíssimo aproveitamento: o Botafogo somou 47 pontos em 19 rodadas, um desempenho que, se mantido, permitiria quebrar o recorde do Flamengo de 2019. O fato é que o time ganhou um número importante de pontos em jogos nos quais não foi superior aos rivais São Paulo, Cuiabá, Grêmio, Palmeiras, Cruzeiro... A pontuação era um pouco fora da curva, não a liderança. Hoje, e até mesmo no período do tão criticado Bruno Lage, a oscilação do Botafogo parece mais de resultados do que de desempenho. E, talvez, estejamos testemunhando apenas um cenário mais realista. O alvinegro seguiu fazendo jogos muito bons, e jogos não tão bons. A diferença é que antes ganhava até quando não jogava tão bem. E mesmo neste cenário mais realista, o Botafogo ainda é favorito a ganhar o Brasileiro.

O que não significa dizer que não haja uma variação de rendimento. O jogo com o Cuiabá sinalizou algo que talvez ajude a entender o período mais acidentado do alvinegro. A liderança atrai holofotes e estudos sobre como neutralizar o melhor time do campeonato. Tornou-se cada vez mais raro o Botafogo achar oportunidades para jogar em transições rápidas, atacar uma defesa que está mais longe do próprio gol, finalizar em ataques construídos em poucos toques. Rivais passaram a quebrar algo que virou marca deste Botafogo: o ritmo intenso ao jogar. E isso ajuda a gerar ansiedade, em especial num momento em que os resultados não surgem com a naturalidade de antes e rivais se aproximam.

Recuado, o Cuiabá tentou obrigar o alvinegro a uma construção mais paciente. Ainda assim, o time teve muito volume, matou na raiz os contragolpes do adversário e fez o jogo acontecer no campo ofensivo. No primeiro tempo, ainda que não tenha sido a melhor versão do Botafogo, andou próximo dela. Na segunda etapa, em especial após sofrer o gol, o time perdeu a lucidez: abusou das bolas na área e chegou aos 45 cruzamentos. Os números do jogo impressionam: o time finalizou incríveis 32 vezes nos 90 minutos, mas as sensações claras de gol foram raras na etapa final. Retrato de um time visado.

O Botafogo ainda tem o campeonato na mão. E tem futebol para erguer a taça. Nesta quarta-feira, talvez viva o seu maior teste, seja ele técnico, tático ou mental.

Texto 4 – Anexo B
O Globo 10/12/2023

Brasileirão de 2023 termina com marcas que serão lembradas e comportamentos que inspiram otimismo

O de 2024 chegará com o mesmo calendário apertado, os mesmos gramados ruins, os mesmos árbitros precarizados profissionalmente. Mas estaremos com saudade (Marcelo Barreto)

Começou a abstinência. Desde quinta-feira, quem passou o ano inteiro reclamando do excesso de jogos já está reclamando da falta. Mais um pouco e vamos estar mendigando um Amigos do Ex-Jogador x Amigos do Sertanejo. Para tricolores e secadores, o Mundial de Clubes vem aí para preencher um pouco desse vazio. Mas é hora de aceitar a realidade: o futebol de 2023 está entrando oficialmente no modo retrospectiva.

O Brasileirão que terminou na quarta-feira já tem seu lugar na história da competição. Vai ser difícil falar dele sem mencionar a derrocada do Botafogo, o líder por 31 rodadas que terminou sem vaga na fase de grupos da Libertadores. Mas é justo mencionar, na sequência, que quem aproveitou a oportunidade oferecida foi o maior papão de títulos da história da competição, o clube mais vencedor da década, comandado por um treinador cujas conquistas em três anos já o colocam no patamar dos maiores do nosso futebol. O Palmeiras de Abel Ferreira termina 2023 à frente do Flamengo na guerra dos primos ricos.

Já o Malvadão chega ao fim de uma temporada pela primeira vez desde 2019, sem um troféu para guardar na sala. Perdeu a Supercopa para o Palmeiras, o Estadual para o Fluminense – com direito a baile do rival, que ainda viu ser campeão da Libertadores no Maracanã – e a Copa do Brasil para o São Paulo de Dorival Júnior (o técnico que a diretoria mandou embora, apesar do sucesso em 2022, por achar que não estava à altura do elenco). Uma coleção de fracassos diametralmente opostos às conquistas que o torcedor rubro-negro se acostumou a ver.

Mas não houve derrota maior do que a do Santos. Rebaixado pela primeira vez, justamente no ano em que o campeonato foi batizado de Brasileirão Rei para homenagear Pelé, um dos clubes mais famosos do mundo vai jogar a Série B, não tem vaga na Copa do Brasil nem em competição internacional e entra no Paulista – no qual também andou correndo risco de queda nas últimas temporadas – com apenas R\$ 10 milhões da verba de participação (os outros R\$ 30 milhões a que teria direito já foram pagos, em forma de adiantamento). É a herança que a nova diretoria, a ser eleita no fim deste ano, tem a receber.

E é também um recado importante para o Vasco. É justo que o torcedor cruzmaltino termine o ano comemorando, em meio às brincadeiras com o “No va a bajar!” de Ramón Díaz. Mas o alívio pelo rebaixamento evitado na última rodada não tira o clube do ciclo vicioso da década, que teve quase todos os seus anos voltados à Série B – ou por estar nela ou por estar tentando escapar dela.

Além das conquistas e das perdas, o Campeonato Brasileiro de 2023 terminou com recados de otimismo, no comportamento dos times que disputaram as últimas rodadas a sério mesmo quando não tinham objetivos a perseguir e dos torcedores que deixaram a obsessão pelo resultado de lado para aplaudir jogadores que se despediam.

O de 2024 chegará com o mesmo calendário apertado, os mesmos gramados ruins, os mesmos árbitros precarizados profissionalmente. Mas estaremos com saudade. E não custa, até lá, renovar a esperança de que os bons momentos superem os maus hábitos.

Texto 5 – Anexo B
O Globo 14/04/2023

Os Estaduais fazem mal ao Brasileirão

Concorrência descabida entre competições, após três meses de Estaduais, torna impossível fazer previsões sobre a Série A
(Martín Fernandez)

Com três meses de atraso, vai começar o Campeonato Brasileiro. Por mais que alguns clubes tenham conseguido transformar o período ocupado pelos Estaduais em algo útil, estes três meses vão cobrar seu preço de outra maneira: na forma de uma Série A espremida em 33 semanas, em vez de ideais 41, como na Espanha. Como consequência dessa distorção, todos os meios de semana até o fim do ano estarão preenchidos: ou com Copa do Brasil e competições sul-americanas, ou com a própria Série A.

E isso porque em 2023 a CBF vai respeitar as datas Fifa, períodos durante os quais as seleções se reúnem e a liberação de jogadores convocados é obrigatória. Este bem-vindo avanço tende a virar pó em 2024, por causa da Copa América entre 14 de junho e 14 de julho. A não ser que os Estaduais sejam muito reduzidos, ou deixem de tomar um período exclusivo do ano, mudanças que não estão no horizonte hoje e nem fazem parte das conversas sobre a criação de uma liga de clubes para 2025.

Esse cenário resulta em um calendário exageradamente apertado para protagonistas e coadjuvantes do Campeonato Brasileiro, que com frequência é abandonado porque os clubes concentram seus melhores esforços na Copa do Brasil, na Copa Libertadores e até na Copa Sul-Americana. Toda essa longa introdução para dizer que a concorrência descabida entre competições – depois de três meses exclusivos para os Estaduais – torna impossível fazer previsões sobre a Série A que começa neste sábado.

Por futebol apresentado em 2023, seria fácil apontar os dois favoritos: Palmeiras e Fluminense. Os times de Abel Ferreira e Fernando Diniz se impuseram nos dois Estaduais mais difíceis do país, com exhibições vigorosas nas finais de São Paulo e Rio. Se o Campeonato Brasileiro fosse disputado em condições menos exóticas, seria delicioso acompanhar a disputa semana a semana, ponto a ponto, entre esses dois times autorais, que se expressam de maneiras tão diferentes – opostas, até. O problema é que as distrações existem e os elencos são finitos.

Mas a Série A também é imprevisível pelos motivos certos. Nunca seremos a Bundesliga, felizmente.

É improvável que o Flamengo prolongue seu papelão em 2023, seja qual for o treinador escolhido para reconstruir o time. Não é recomendável riscar Atlético-MG e Athletico de nenhuma lista de favoritos. O Corinthians já está sob sério risco de eliminação na Copa do Brasil – o que talvez aumente seu interesse pelo Campeonato Brasileiro. Fortaleza e América-MG não vão deixar os lugares que se habituaram a ocupar na mesa dos grandes. O ano vai finalmente começar para os vacilantes Inter, São Paulo, Santos e Botafogo.

A volta de Bahia, Cruzeiro, Grêmio e Vasco à elite é uma boa notícia por vários ângulos: pela quantidade de gente que cada um desses clubes é capaz de mobilizar, por engrossar a enorme lista de clássicos que só o Brasil pode proporcionar, por terem se reforçado numa tentativa de evitar a sempre indesejada volta à Série B. O torcedor brasileiro deve ao Grêmio a chance de poder ver Luis Suárez de perto.

O Campeonato Brasileiro é sempre fascinante – seria ainda melhor sem concorrência desleal.